

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRECTOR PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

A. J. Bellagamba

GERENTE:

João Baptista de Mattos.

ANNO XXI

BRASIL - RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 1934

NUM. 247

EDITORIAL

O Prestígio

Tem se dito a saciedade que o Exercito deve inspirar á Nação confiança e orgulho.

Na maioria das vezes, esse aphorismo é invocado á corporação como lembrete para que se apure nas provas publicas de sua efficiencia e de seu proceder.

Porem semelhante obrigação presupõe que a Nação comprehenda a finalidade do seu Exercito e lhe faculte todos os recursos indispensaveis ao seu perfeito apparelhamento e adextramento.

Ora, é bem sabido que isso nem sempre acontece. De um lado, os povos que vivem, como o nosso, quase perpetuamente mergulhados nas doçuras da paz ou que não sentem o acicate da ameaça de aggressões iminentes, relegam para um segundo plano o problema de sua segurança e não emprestam ás suas Forças Armadas toda a importancia que as mesmas merecem no concerto da vida nacional. Dai decorrerá o desprestígio dessas Forças, a menos que por segura obra de educação se incuta na alma dos povos a nitida comprehensão de sua finalidade bem como as razões precipuas de sua indispensabilidade.

São os depositarios do poder publico os maiores responsaveis por essa orientação e os que, portanto, mais contribuem para o prestígio ou desprestígio das Forças Armadas. É bem verdade que ao Exercito cabe impor-se ao respeito da Nação por um procedimento illibado que justifique, em todos os momentos, a sua finalidade; mas ainda é mais certo que o interesse dos poderes publicos pelas Forças Armadas impõe á consciencia nacional a justa apreciação de seu merecimento e finalidade.

Se os poderes publicos, os dirigentes da Nação, não se interessam pelo Exercito e Marinha, não os prestigiam; se os deixam abandonados a propria sorte; se não os proveem de todos os recursos necessarios á sua efficiencia; se os deixam fenecer no rediculo de uma penuria que é quase opprobio, não serão a convicção e a honestidade dos seus quadros, nem a propaganda verbal, nem as phantasmagoricas apresentações das paradas que hão de convencer ao vulgo da grandeza e do prestígio desses orgãos que vê desprezados.

Os imponderaveis na guerra (*)

Pelo Cap. Alcindo Nunes Pereira

"Quanto mais a materia se torna formidavel, tanto mais a vontade humana a domina."

A vida do homem é a acção constante de forças immateriaes sobre elementos materiaes. Essas forças, isoladas ou combinadas, regem-lhe a actividade individual e collectiva, em seus diferentes domínios: biológico, mystico, affectivo e intellecual.

A intelligencia actua na esphera do pensamento; a dôr, o prazer... na vida organica; o amor, o odio, a inveja, a cobiça, o devotamento, a abnegação,... no dominio affectivo; e o patriotismo e as crenças... no dominio mystico.

As de ordem rational, não obstante o papel de grande relevo que desempenham, muito pouco influem sobre as demais; reduzidos são os efectos da razão sobre os sentimentos e sobre as crenças.

As influencias affectivas, no dizer de Le Bon, figuram entre as grandes reguladoras da historia. Indiscutivelmente elles predominam nos destinos do homem e, por isso, o que mais importa na vida do individuo e da collectividade é o caracter — combinação de sentimentos —, cujo desenvolvimento independe da cultura da

(*) — Colectanea de assumptos psicologicos relativos á guerra, feita de varios autores: Gen von Altrock, Von der Goltz, Le Bon, Smiles, Cordonier, Ardant du Pic, Montaigne, Von Bernhardi.... com o fim de despertar á attenção dos jovens officiaes para taes assumptos.

No ressurgimento que se opera actualmente no seio das Forças Armadas urge ter bem de frente esse aspecto da questão.

Quando bordamos essas linhas, temos as vistas voltadas, não para o Exercito da Capital, melhor aquinhoados pela proximidade do fogo central, mas para o não menos merecedor Exercito da Província, onde, muitas vezes, repercutem com maior intensidade as consequencias damnosas da falta de recursos.

Lembramos-nos das guarnições longinhas em que, algumas vezes, a situação dos corpos pode ser causa de desrespeito para o Exercito, pela repercussão que as deficiencias possam ter no seio das populações locaes.

intelligencia. Se por meio desta o homem comprehende e pensa, é, no entanto, com o caracter que traça as normas de sua vida, que a conduz. Este deve sempre superar a intelligencia, porque do contrario dá origem á inconstancia de opiniões e de direcções, criando uma condição de inferioridade.

O homem collectivo, mais do que o isolado, sofre os efectos dessas forças, pela interferencia de um poderoso elemento, peculiar ás collectivididades — o contagio mental — que nellas prepondera, obliterando o reciocinio do individuo e subjugando-lhe a vontade.

A vida normal do homem, em tempo de paz, decorre da accommodação mais ou menos harmonica de todos esses elementos, nos limites impostos pe'a civilização. Com a guerra, porém, rompe-se o equilibrio de tais forças, pela exacerbão dos sentimentos, pela explosão das paixões ou ainda por exaltações mysticas, communs em tal emergencia, originando alterações sensíveis e variaveis nas suas influencias.

Outras forças até então latentes, adormecidas ou refreiaadas, despertam e passam a prevalecer ou concorrer com as demais. Formam todas um conjunto de elementos imponderaveis, com influencia incoercivel nas ações de guerra, cujos desenlaces lhes ficam á mercê.

Ahi já as distancias, as dificuldades de communicação, o atrazo do meio ambiente, a escassez dos recursos locaes são, por si sós factores de estiolamento que só poderá ser combatido graças a uma assistencia vigilante por parte dos orgãos superiores.

Com essa assistencia ininterrupta, sempre completada pelo fornecimento, a tempo, de todos os recursos materiaes, necessarios á sua vida, esses corpos não se sentirão abandonados, terão sempre meios de estímulo para o seu trabalho e as populações locaes perceberão que elles fazem parte de um todo poderoso e acabarão por se orgulhar de telos em seu seio.

A historia, com a irrecusavel autoridade dos factos, nos mostra o poder desta influencia em todos os tempos. As grandes batalhas que ella regista, foram decididas em regra, menos pela superioridade numerica e material, do que pelo predominio das forças moraes, quer provenientes das personalidades individuaes dos soldados, quer da scentelha genial dos chefes.

Sem embargo do enorme poder destruidor das armas actuaes, ainda hoje «no combate duas acções moraes, mais do que duas acções materiaes, estão em presença; a mais forte vencerá».

O poder dos factores moraes e intellectuaes é muitas vezes capaz de compensar as insufficiencias de numero e de material. É o caso dos japonezes triumphando da notoria superioridade numerica dos russos em 1904, dos allemandes vencendo nos Lagos Mazírios, a avalanche russa em 1914, e o dos confederados, na guerra da Successão, derrotando exercitos federaes superiores em numero.

Ha, no entanto, um limite além do qual a superioridade numerica ou material anniquila a potencia moral, por mais solida que esta seja. É preciso que não exista entre elles desproporção esmagadora. Exemplos caracteristicos temos na defesa immortal das Termopilas, na acção heroica de Dourados e na notavel resistencia de Liége, em 1914.

A potencia material é, sem duvida, factor importante da victoria, que não deve ser menos prezado, mas, só é decisiva quando tem a animal-a as forças moraes vivificantes.

A guerra moderna, essencialmente entre nações, dá a essas forças ainda maior importancia e as torna de mais difficult obtenção, por isso que devem resultar da educação de massas consideraveis.

Mais do que nunca, o conhecimento profundo da psychologia individual e collectiva, é essencial aos conductores de tropa.

O aperfeiçoamento dos engenhos de guerra não baniu do campo de batalha a influencia moral do homem, a qual continua a prevalecer; ao contrario, obriga-o a maior dispendio de energias moraes, para supportar-lhe os effeitos e vencer.

Ahi estão os factos ainda recentes da Guerra Mundial (1914-1918), a comproval-o.

O «on ne passe pas» que os franceses energicamente bradaram em Verdun, traduz uma soberba manifestação de vontade e de heroismo, ante as avalanches esmagadoras de interminaveis vagas assaltantes, precedidas e

apoiaadas por dantesco fogo de artilharia, metralhadoras e inflammaveis, em proporções jamais vistas.

Não menos heroico é o exemplo dado pelo atacante, ao accometter impavida e impetuosa mente dizimantes barreiras de fogos, demonstrando na obstinação do ataque a posse de forte disciplina, de tenaz energia e de indomita bravura.

É o valor do homem prevalecendo sobre todas as condições materiaes da guerra e affirmando sua perenidade em face da tirannia anniquiladora do material moderno!

Entre o homem que outrora manejava o gladio e arremessava o dardo, e o que hoje acciona a metralhadora e lança a granada, não ha diferença sensivel. A alma humana permanece immutavel atravez dos seculos, accesivel aos mesmos sentimentos e passivel das mesmas afflictões.

«Houve profunda mudança nas condições exteriores da guerra, com as quaes é preciso contar, mas as condições espirituales em que ella se produz, não mudaram». (Arbey d'Aurevilly).

Se os individuos de epochas diversas apresentam caracteristicas semelhantes, assim tambem se dá com as massas. Os phenomenos psychicos que se fizeram sentir nos exercitos de Dario, Alexandre, Cesar e Annibal, actuaram igualmente nos de Napoleão, Kouropaktine e Hindenburg.

E assim será no futuro, enquanto o homem, para destruir seu semelhante, tiver de affrontar o perigo com risco de perecer. Eliminar esse risco tem sido sua maxima e constante preoccupation, quer utilizando os progressos da scienzia e da industria, quer forçando-lhes a evolução directamente nesse sentido.

Matar sem ser morto, sempre foi o anseio intimo do homem no combate!

É uma consideração profundamente humana, que não tem desaparecido com o transcurso do tempo e, que de maneira indelevel está caracterizada nas palavras sempre actuaes do Marechal de Saxe: «o coração do homem é o ponto de partida de todas as cousas de guerra; para conhecê-las é preciso estudal-o».

Com effeito, o combate sendo uma acção em que os homens procuram destruir-se, constitue campo largo em que o instincto de conservação dá expansões á sua tirannia, dominando em certo momento todos os sentimentos.

«O combatente é de carne e osso; é corpo e alma, e, por mais forte que seja a alma, não pode conter o corpo, ao ponto de que não

haja revolta da carne e perturbação do espirito, em face da destruição». (A. du Pic).

São realidades positivas, que não devem e não podem ser perdidas de vista, nas cogitações concernentes á guerra. A serena tranquillidade do ambiente em que se processam os trabalhos e os estudos de paz, propicia o esquecimento de taes verdades, facilitando a preponderancia da imaginação, que não raro conduz a perigosas illusões. Dahi o apparecerem e ganham terreno theorias que, baseando-se mais na dynamica material e em calculos mathematicos aplicados ao combate do que na essencial e insubstituivel acção humana, esquecem ser «o combatente, soldado ou official, sempre o mesmo ser zervoso e impressionavel, que se emociona, perturba e movimenta, fugindo ao dominio proprio (exceptuados os fortes que não formam legião)».

É a razão por que, na maior parte das vezes, são mais uteis e mais verdadeiros os ensinamentos tirados da experiença dos homens praticos do que das theorias impeccaveis do tempo de paz.

Não encontraremos na historia (salvo rarissima excepção) exemplos de scientistas ou theoristas que se tenham revellado conductores de homens, ao passo que, inversamente, não poucos são os casos de notaveis conductores de tropa, dotados tão somente de experiença e intuição pratica.

A expressão synthetica de Bacon «experience pas science», mostra que tal observação não constitue novidade.

* * *

Entre as forças psychologicas que regem a acção humana, predominam na guerra as de ordem affectiva, que actuam tanto sobre o individuo como sobre a massa.

A tropa como agrupamento de individuos que é, soffre a um tempo a influencia individual e collectiva de taes forças, e dahi o se lhe distinguir no moral duas formas sensivelmente differentes: o moral do individuo e o moral da massa, variando este ultimo com o primeiro, sem embargo da difference existente entre elles.

O moral do individuo é a unica base solida em que se pode alicerçar a difficil estructura do moral collectivo. Para edifical-a com segurança, é preciso preparar o homem, forjando-lhe a tempera moral, isto é, fortalecendo-lhe as forças psychicas aproveitaveis e neutralizando as deprimentes ou dissolventes. É essa uma das mais importantes e difficeis tarefas da

preparação para a guerra, cujo exito depende do conhecimento exacto dessas forças e da clara comprehensão dos phenomenos psychologicos.

Só a analyse da influencia dos factores moraes na guerra, focalizando aspectos e apontando causas e effeitos, poderá fornecer os elementos necessarios á fixação das normas e meios a seguir, para desenvolver e fortalecer as qualidades uteis e essenciaes, e para evitar ou reduzir as acções perturbadoras.

Examinemos alguns desses factores.

* * *

A CORAGEM

A coragem é a força psychica que leva o homem a enfrentar o perigo em vista de determinado objectivo.

A noção de coragem é inseparável da de perigo, sua unica razão de ser.

A frequencia com que este ultimo elemento se apresenta na guerra, torna a existencia daquella força uma condição indispensável e insubstituivel no combate.

A guerra moderna, mais do que a antiga, é eriçada de riscos, cuja presença não se limita como outrora ás immediações da linha de combate, porém, apresenta-se com maior ou menor intensidade, por todas as partes do theatro da luta. Por essa razão, ainda hoje, a coragem continua a ser qualidade essencial ao soldado, e, talvez deva possuir uma tempora mais solida, em virtude dos multiplos aspectos dos perigos actuaes.

Factor moral de primeira ordem, precisa ser examinado em suas manifestações e origens.

Pela maneira como se manifesta, poderá gerar a bravura ou a temeridade, duas formas diversas que não devem ser confundidas. Ha entre elles grande diferença.

A verdadeira coragem é consciente, medida, não excede os limites da necessidade e é despedida de fanfarronadas inuteis; utiliza a audacia, mas sempre reflectidamente. E' a que gera a bravura.

Afrontar o perigo com intrepidez, porém, com uma visão nítida das possibilidades, é o que se impõe para alcançar a victoria. Arriscarse ao perigo com fracas possibilidades de exito, por simples demonstração de coragem, constitue a temeridade, que é uma forma ao mesmo tempo inutil e perigosa.

Pela pesquisa das origens da coragem, chegaremos á verificação da existencia de duas especies perfeitamente distintas.

Uma que podemos chamar de natural, proveniente do organismo do individuo ou do hábito do perigo, caracteriza-se pelo desprezo á morte, sangue frio e firmeza, condições estas que proporcionam um julgamento sereno e uma acção precisa. Constitue uma segunda natureza e pode ser considerada condição permanente no homem, ao qual nunca abandona.

A outra origina-se de razões positivas, como o patriotismo, o orgulho pessoal, entusiasmos de qualquer ordem... e caracteriza-se pela ousadia, que não raro leva o homem longe de mais, e, embora eleve-lhe o julgamento, muitas vezes o perturba.

A primeira especie de coragem é raramente encontrada, salvo entre os homens de vida nomeada ou afeitos á luta rude contra a natureza, e não pode ser creada devido á sua propria origem.

A segunda especie é mais commum e a que nos interessa, pela possibilidade de ser conseguida, mediante a combinação de varios factores (treinamento physico, influencia do chefe, confiança, etc...) com o impulso createdo pelo jogo do amor proprio, patriotismo e entusiasmo diversos do individuo. Pelo desenvolvimento de uns e estímulo de outros desses factores na instrucção de paz, chegar-se-á a uma sensivel melhoria da condição final de coragem do individuo, o que lhe permitirá na guerra, ao receber o influxo de outros elementos supervenientes, reagir vantajosamente contra os dissolventes e offerecer um apoio sólido aos utilizaveis.

Preparando-se o individuo, attende-se concomitantemente o preparo do conjunto, porque, o moral do individuo é a base estavel em que se firma o moral collectivo.

Existem, é certo, forças collectivas que pouco ou nada dependem do individuo, ao contrario subjugam-no e o conduzem, mas, um elemento poderoso — o contagio mental — torna estreita a associação do individuo á massa. Reduz no primeiro a faculdade de agir de motu-proprio e o faz cingir-se por completo á vontade dos que o cercam, e, reciprocamente, sujeita a segunda á influencia de determinado individuo, que a conduz sem dificuldade.

É nessa força que reside todo o poder do exemplo do chefe. Utilizaram-na Caxias, Osorio, Andrade Neves, Porto Alegre e outros, para obter as irresistiveis cargas que tanto celebriaram suas tropas na guerra do Paraguay.

«A coragem e a virtude tem um privilegio; quem as pratica as ensina. O exemplo é uma propaganda». (Lamy).

Sob a influencia do contagio mental, ella pode multiplicar-se e adquirir um valor inestimável, mas fica tambem sujeita a flutuações e desfalecimentos extremamente prejudiciaes, que mais adiante analysaremos.

Ao desenvolverem-se os diversos factores, que concorrem para a criação e fortalecimento da coragem, é indispensavel firmar exactamente a sua verdadeira concepção. Cumpre estigmatizar a falsa coragem, cuja demonstração acarreta quasi sempre a destruição do individuo, sem proveito, ou mesmo com graves danos, para a collectividade.

O homem deve enfrentar o perigo sempre que necessário, conscientemente, com energia e decisão. Nada de coragem cega, de exibições inutes, de fanfarronadas quixotescas ! mas, coragem firme, util e consciente.

A disciplina é necessaria

É porém, necessário, como a toda organização que exista a mais completa disciplina e que os quadros offereçam provas evidentes de capacidade e homogeneidade. Não basta o cumprimento do dever por automatismo, facilmente fraudado pelas conveniencias e interesses pessoas. É preciso subir até a formação de uma consciencia collectiva, de uma mentalidade sadia e insuggestionavel, despir-se das vestes do utilitarismo e do oportunismo, encarando de frente e

com resolução o cumprimento do dever, em proveito da nação, servindo-a em todas as occasões sem restricção e com desassombro, e não apenas pela simulação e sob as formas variadas da resistencia passiva.

É condição essencial para servir bem, o militar só pensar e agir em função dos interesses e necessidades do Exercito e da nação.

*(Palavras do Gen. Goes Monteiro
Ministro da Guerra)*

A mais séria das crises

Pelo Cap. Irapuan Xavier Leal

Estamos constatando diariamente esta triste verdade — á proporção que as manifestações da intelligencia, os cursos de preparo profissional vão tendo um lugar accentuado no Exercito e nas outras corporações militares, a questão essencial da disciplina vae descendo a um segundo plano, o que nos leva a meditações serias sobre o futuro das classes armadas e, consequentemente, do nosso paiz. O panorama é entristecedor. Cremos que não ha exagero nesta affirmativa; a verdade está ahí patente, com a sua nudez de cada instante. Os quadros impressionantes de infracção dos regulamentos disciplinares, attitudes as mais incompatíveis com a profissão do soldado são apreciadas na esquinas de ruas, nos bondes, nas plataformas das estações, nas casas de diversão, nos arredores dos quartéis. São tantos os casos e tão variados que não serão os esforços dispersos de alguns que poderão remedial-os. Aqui é uma praça de capote no hombro, sem cinto, boné no alto da cabeça que parece não distinguir superior de subordinado; ali um sargento de charuto na bocca e attitude displicente, olhando absorto sem se preocupar com a hierarchia que lhe passeia em redor; mais adeante um bloco de alumnos do Collegio Militar, com maneiras insolitas, dando uma idéa dos futuros officiaes; marinheiros que passam pelos sub-officiaes como se estes fossem estatuas graníticas; militares de diversas cathegorias com as duas mãos afundadas nos bolsos, pernas abertas na mais commoda das attitudes burguezas. O numero de infracções é grande, mas não é na rua que

se poderá corrigir esse estado de cousas. Não deve perdurar tambem o «laissez faire». A instrucção moral e de continencia, ministrada com cuidado *na caserna*, tanto quanto possivel diaria, traz o reflexo e o automatismo que se manifestarão em todas as occasões. O nosso homem é, por indole e pelo ambiente, naturalmente amollecido e anarchizado, mas tem qualidades que não se devem desprezar e podem ser exploradas convenientemente. Temos já um communismo disfarçado ou attenuado no seio da nossa classe. As ultimas conquistas de direito de voto e participações políticas tem feito sentir as suas influencias perniciosas. Precisamos apertar os laços da disciplina, num trabalho de conjunto, *de cima para baixo, no interior das casernas e dos estabelecimentos*, antes que os membros das classes armadas se devorem mutuamente e desappareçam as unicas instituições em quem a nacionalidade ainda deposita alguma esperança. Não pretendamos corrigir a indisciplina na rua, senão vamos fazer o papel do pae que não dá educação em casa e depois começa a dar beliscão e puchões de orelha no garoto nos bondes, nos theatros e na casa dos outros. O remedio é simples — trabalho de um modo geral; em particular - instrucção moral e de continencia. O soldado que trabalha a jornada completa não tem tempo para perambular pelas ruas, contagiando-se de más idéas. Acabe-se a phobia pelo quartel, procure-se o contacto com a tropa, oriente-se o soldado, dê-se instrucção e o mal desapparecerá como por encanto.

“Relatorio das Manobras de Nioac em 1931”

As pessoas que em 1931 e 1932 tomaram assignatura do Relatorio e fizeram o respectivo pagamento adeantado em Matto Grosso, podem

reclamar o seu exemplar, ou do 1.º Ten. J. G. Zorrón, no Q.G. da Região em Campo-Grande, ou do Bibliothecario d' «A Defesa Nacional»

O 1º Batalhão de Engenharia

Nas operações no Estado de São Paulo

Pelo Cel. L. G. Borges Fortes

(Continuação do n. 245)

JULHO

Dia 15:

Em Rezende empregada no preparo do Campo de Aviação.

Em virtude das ordens do Commando do Destacamento do Exercito, a Cia. assim foi distribuida: uma secção para melhorar a Estrada Tanque — S. José — Dores; outra secção foi empregada em melhorar os pontilhões e a estrada — Floriano - Pombal; 1/2 secção foi empregada nos reparos urgentes da ponte do arroio Itapetininga, reforçando vigas e cobrindo o taboleiro com pranchões de canella; o restante do pessoal continuou no preparo do Campo de Aviação em Rezende.

Dia 16 a 30:

Foi realizado o reconhecimento da estrada Rezende - Campo Bello - Itatiaya, deslocando-se neste mesmo dia o grosso da Cia. para a Fazenda do Tanque, passando logo a empregar-se nos melhoramentos das estradas Tanque - S. José - Dores - Santanna dos Tocos; esta estrada em terreno accidentado, achava-se em precárias condições de tráfego, servindo quasi exclusivamente para transito de cargueiros; sómente 1/2 secção continuou no preparo do Campo de Aviação.

Dia 30:

Neste dia 1/2 secção destacou para a Estação Barão Homem de Mello, afim de fazer urgentes reparações nos caminhos que conduzem á Fazenda Varadouro — á margem esquerda do Parahyba e com o fim de facilitar a chegada de arti-

lharia ás alturas que dali dominam toda a zona da margem direita do Parahyba, comprehendida entre Fazenda Palmeiras e Valle do rio Vermelho, então ocupada pelo adversario.

AGOSTO

Dia 2:

A Cia. deslocou-se de Tanque para S. José dos Barreiros, afim de prestar serviços ao Destacamento Cel. FONTOURA que progredia no eixo da estrada Rio-S. Paulo.

Dia 3:

Iniciou a construção de uma ponte sobre o rio Santanna em substituição a outra que, na Rio-S. Paulo, havia sido destruída pelo adversario.

Dia 4 e 5:

Ainda em trabalhos da ponte do Santanna que ficou concluída ás 18 horas deste dia. Este trabalho foi executado debaixo da acção dos fogos da artilharia adversaria.

Dados technicos da ponte: Vão 13 ms. — ponte de vigas de madeira esquadriada — tipo pegão central constituído por 1 cavalete de 6 pernas e 2 cavaletes intermediários de 3 pernas. Largura da via 2,50. Altura d'água 0,60. Correnteza fraca, fundo rochoso. Carga de segurança: 6 toneladas. Madeiras requisitadas na região.

Dia 6 e 7:

Diversas reparações na estrada Rio-S. Paulo.

Dia 8:

Reparações na ponte da Rio-S. Paulo (km. 215).

Dia 9:

a) — melhoramento das rampas da ponte do arroio Sant'anna inclusive estivamento do acesso; b) melhoramento de um pontilhão na estrada Rio-S. Paulo, proximo a Areias; c) preparo de uma passagem a vão enquanto se substituia uma viga do pontilhão. Ainda neste dia a Cia. deslocou-se para Areias onde acantonou.

Dia 10:

a) — melhoramento das pistas de acesso á ponte do Rio Sant'anna; b) enchimento de 2 crateras abertas pela artilharia adversaria na estrada Rio São Paulo; c) reparação de um pontilhão de 6 ms. na estrada Areias-Fazenda Palmeiras, com assentamento de 4 vigas constituídas por trilhos da E.F.C.B., cobertura do taboleiro com pranchões, assentamento de guarda-corpo, tudo em madeira esquadriada; d) substituição do soalho de um pontilhão na estrada Rio S. Paulo de modo a permitir o transito de viaturas pesadas; e) preparo de uma pista (desvio) para a passagem á vão na estrada Areias-Palmeiras durante a reparação do pontilhão.

Dia 11:

a) — melhoramentos em diversos pontilhões da estrada Areias-Palmeiras-Itatiaya; b) conservação das pistas de acesso á ponte do rio Sant'anna, devido ao intenso trafego de viaturas pesadas.

Dias 12, 13 e 14:

a) — preparação de uma ponte a 3 km. de Areias na estrada Areias-Itatiaya; b) reparações num pontilhão da estrada

Rio-S. Paulo com preparo de rampas de acesso.

Dia 15:

1/2 secção deslocou-se para Queluz onde ultimou o preparo das rampas de acesso á ponte de equipagem ahi lançada pela Cia. de Pontoneiros.

Dia 16:

a) — reconhecimento da estrada que, do km. 275 da Rio-S. Paulo, demanda ao N. a Fazenda Coronel Rufino; b) inicio dos trabalhos de reparação desta estrada para attender ás necessidades do destacamento Cel. Colatino.

Dia 17:

Continuação dos trabalhos nesta estrada inclusive construcção de 2 pontilhões.

Dias 18 e 19:

Conclusão destes trabalhos.

Dia 21:

Construcção de uma pista para servir ao Destacamento Colatino.

Dia 22:

Reparação e construcção de 2 pontilhões na estrada Fructuoso-A. Tomaz.

Dia 23:

a) — reconhecimentos geraes nas estradas Rio-S. Paulo, da Fazenda Tátá até o P.C. do 3º Batalhão de Caçadores, proximo a Corrego Fundo; b) da Fazenda Frutuoso-A. Tomaz até Sertãozinho e da Capella de S. Braz até Florestano; c) melhoramentos na estrada Frutuoso-A. Tomaz e reconstrucção de 3 pontilhões.

Dia 24:

a) — melhoramentos na pista que, da Rio-S. Paulo se dirige á Fazenda Tátá (P.C. do Destacamento Cel. Fontoura); b) melhoramentos na estrada que da Rio-S. Paulo se dirige ao P.C. do 3º Btl.C. proxima a Corrego Fundo.

Dias 25, 26, 27 e 29:

Na mesma actividade.

Dia 31:

Reconhecimento da estrada que da Fazenda Tátá se dirige para o Sul a Bom Jesus da Bocaina, sendo no mesmo dia atacada a construcção de um pontilhão sobre o Itagaçaba proximo á Fazenda Tátá; o trabalho ficou concluido ás 22 horas desse dia. Este pontilhão de madeira esquadriada tinha 7 ms., 60 de vão.

SETEMBRO**Dia 1.º:**

a) — melhoramentos na estrada A. Tomaz-Capella de S. Braz inclusive construção de 2 pontilhões; b) reconhecimento da possibilidade de ligar por estrada carroçaval Silveiras á Villa Queimada.

Dia 3:

Melhoramentos na estrada Frutuoso-Capella S. Braz.

Dias 4 e 5:

Construcção de 2 pontilhões de madeira roliça na estrada Fazenda Tátá-Bocaina (vãos 7 ms. e 4 ms., 80).

Dia 6:

a) — Continuação dos trabalhos de melhoramentos da estrada da Capella São Braz — a Boaventura; b) continuação dos trabalhos na estrada Fazenda Tátá a Bom Jesus da Bocaina; c) neutralização de dispositivos de destruição deixados pelo adversário na frente de Villa Queimada.

dos pelo adversário na frente de Villa Queimada.

Dia 7:

a) — continuação dos trabalhos da estrada Fazenda Tátá a Bom Jesus; b) conclusão dos trabalhos da estrada Capella S. Roque-Capella S. Braz.

Dia 8:

a) — Reforçamento dos pontilhões da estrada S. Roque-S. Braz para permitir passagem da artilharia pezada; b) conclusão dos trabalhos da Estrada Fazenda Tatá-Bom Jesus.

Dia 9:

A Companhia fez o serviço de segurança nas proximidades de Areias na região Sul da estrada Rio-S. Paulo.

Dia 10:

a) — Reconhecimento ao longo da estrada Rio-S. Paulo até Corrego Fundo, inclusive destruição de dispositivos de ruptura nello encontrados; b) deflagração de uma mina preparada pelo adversário no eixo da estrada Rio-S. Paulo (km. 260) e consequente reparação da estrada; c) desobstrução de cavallos de friza, abatizes, enchimento de crateras feitas pelo adversário, ficando assim desimpedida a estrada Rio-S. Paulo até Corrego Fundo.

Dia 11:

Exame detalhado de diversas posições abandonadas pelo inimigo e com o fim de annullar dispositivos de minas, forninhos e outros engenhos ahi deixados.

Dia 14:

a) — Reconhecimento ao longo da estrada Rio-S. Paulo, de Silveiras á Caçoeira; b) construção de 2 pistas nos trechos da Rio-S. Paulo destruidos pelo adversário; c) construção de 2 pontilhões para passagem de veículos.

Dia 15:

a) — Construcção de um pontilhão reforçado num desvio da Rio-S. Paulo para permitir transito de artilharia pesada; b) remoção de obstaculos criados na Rio-S. Paulo; c) neutralisação dos dispositivos de ruptura deixados na ponte da E.F.C.B. em Cachoeira.

Dia 16:

a) — Construcção de outro pontilhão reforçado em desvio da Rio-S. Paulo para passagem de artilharia pesada; b) melhoramentos urgentes em uma ponte sobre a estrada Rio-S. Paulo, proximo a Cachoeira, e que fora parcialmente destruida.

Dia 17:

Recolhimento de uma machina infernal encontrada em uma caza á margem da estrada Rio-S. Paulo, proximo á Silveiras.

Dia 17:

Diversos melhoramentos na Rio-São Paulo.

Dia 18:

a) — melhoramentos nos desvios da Rio-S. Paulo; b) reconhecimento da estrada Rio-S. Paulo, de Cachoeira até Lorena; c) retirada da ponte de Canas, parcialmente destruida, de grande carga de gelatinite que não explodira.

Dia 20:

Reconhecimento da estrada Silveira-Bocaina até a Fazenda José da Costa e melhoramentos na mesma.

Dia 21:

Construcção de boeiros e melhoramentos nesta estrada.

Dia 24:

A Cia. deslocou-se da Silveira para Lorena.

Dia 24 e 26:

1/2 secção esteve na linha de trincheiras da frente de Lorena onde organizou um dispositivo para capturar o trem blindado inimigo.

Dia 27:

1 secção deslocou-se de Lorena para Cunha para servir ao Destacamento Ten. Cel. Newton Cavalcanti.

Dia 29:

Deslocou-se para Cunha o grosso da Cia..

Dia 30:

Melhoramentos na estrada Cunha á Lagoinha.

OUTUBRO**Dia 2:**

A Cia. recolhe-se a Lorena e nos primeiros dias deste mês é empregada na separação de materiaes deixados pelos rebeldes na frente organizada na região Estação Engenheiro Neiva, (E.F.C.B.) sendo estes ultimos trabalhos por ella executados.

(Continúa)

Vae mudar a côr da capa

Aviso aos assignantes e socios

Com este numero, acaba o 2º Semestre de 1934
de A DEFESA NACIONAL

Secção de Est. Sociaes

Quem quiser acreditar na evangelisação apostólica dos adeptos da teoria marxista-leninista que folheie o interessante trabalho de Vorochilov e L. C. Prestes para se convencer logo que os Senhores Vermelhos não se contentam em doutrinar para sua grande patria — a Russia.

Egressa de uma aristocracia tiranica de tzares despoticos e irresponsaveis caiu ella em mãos dos grandes reformadores sociaes da humanidade soffredora e eil-a, no dizer dos evangelizadores, feliz e contente, a trilhar a senda de um progresso vertiginoso e gigantesco, empunhando a foice, o martello e o malho como simbólos de seu engrandecimento.

A presunção de seus dirigentes e admiradores de que só o systema politico por elles engendrado e posto em practica, a custa dos maiores horrores, é o unico que convem a esta pobre especie humana é simplesmente angelical !

Algumas das reformas sociaes implantadas pelo novo credo vermelho em sua patria de origem e já aceitas e adoptadas por muitas outras nações do globo, expontaneamente, são, de facto, medidas tendentes a melhorar e muito as condições de vida de certas camadas sociaes, sempre postergadas na communhão humana, como indignas de melhor sorte.

Mas d'ahi a querer impor ao mundo inteiro, *a ferro e fogo*, a excelencia de sua doutrina, total e indiscutivelmente, sem tempo a meditações, transições e adaptações é um absurdo e uma propaganda contraria aos proprios interesses dos rubros doutrinadores.

Pela leitura de Vorochilov chega-se á conclusão que o Exercito Vermelho é uma das maiores, senão a maior organisação militar da Europa, destinada a ser a «brigada de choque da grande re-

O Exercito Vermelho

Pelo Cap. A. F. Correia Lima

volução mundial» segundo suas petulan tes e compenetradas palavras.

Seria melhor que Vorochilov se contentasse em ser «*o camarada do povo para a Marinha e Guerra Sovieticas*», como brilhantemente já o vem sendo.

Deixe o resto do mundo em paz com sua burguezia, com sua aristocracia, com seus bugres, com seus soldados, mari nheiros, operarios e camponezes, da mesma maneira em que vêm vivendo todas essas classes sem attrictos e sem choques.

As carnificinas ultimamente apontadas, em toda parte do globo onde se verificam, têm como instigadores, provocadores e deflagradores, os beatificos e humanitarios agentes da Bandeira Vermelha, a grande amiga do povo, martyri sado e escravizado !

E para ser attingida a finalidade ver melha, beneficamente social, morrem mi lhares de incautos em todas as latitudes do globo terrestre, pelas perturbações provocadas e subvencionadas pelos altos mentores da Grande Ideia Vermelha que redimirá a humanidade, correndo, não a vergalho e nem do Templo, como fez Jesus Christo, mas a fogo, á punhal, á baioneta e á dynamite, da superficie da terra para as profundas do inferno, es tes pecadores imperdoaveis, esses crimi nosos de lesa-humanidade, que têm o to pete ou a estupidez impertigada de não estarem plenamente de accordo com a santidade e a pre-excelencia da «Purificadora Idéa Rubra» oriunda das alvissimas e frigidas regiões polares européas e asiáticas.

As outras nações do globo, arregimentam suas tropas a laço e bôla, como se diz no Rio Grande do Sul ou a patadas de cavallo e obrigadas á força (assevera o livro em questão em sua pag. 34).

Fazendo parte do Exercito Brasileiro desde 1914 até a presente data, ainda não testemunhei «o recrutamento voluntario a pau e corda» acima apontado.

Si o obrigado á força a que alude o autor Vermelho quer se referir á serviço militar obrigatorio, está então em franca e declarada contradição, por quanto na maravilhosa e liberrima U.R.S.S. o recrutamento para seu grande Exercito Vermelho obedece ao mesmo processo.

Esquecia-me de notar: aqui fóra ha de facto constrangimento porque o cidadão das outras patrias não tem noção de socialismo, de patriotismo (que idéa absurda e anachronica, para elles, esta de patriotismo!) nem cultura politica. Mas lá nas R.S.S. (Republicas Soviéticas Socialistas) a coisa não é assim. O camponio bronco, que vae escovar os dentes pela primeira vez na vida ao entrar no quartel, é convocado, dentro de sua classe de alistamento, já possuidor de uma solida cultura politico-social que o transformou em um ser consciente, admirador de Lenine e respeitador da Okrana.

Todo o operario e camponez da Russia Vermelha que chega á caserna é um estadista consummado, capaz de dirigir a U.R.S.S. e o mundo communisado! Cá fóra, não se dá isso; só os imbecis, os parvos, os inconscientes é que vão, á relho e á pata de cavallo, para a tropa afim de se adestrarem a defender os interesses dos imperialistas e burguezes apatacados.

Não importa aqui assignalar as incoherencias do apaixonado autor rubro. Extrahiremos alguns dados sobre o Exercito Vermelho o sustentaculo, inegavelmente poderoso, pelo menos em material e em pessoal, do «Paraiso Terrestre» inventado pelo grande Lenine e sustentado por Trotzky, Stalinn e outros legitimos operarios e camponezes como estes. Actualmente, o Exercito Vermelho conta com

effectivo de 562.000 homens mantidos desde 1924 para cá.

Segundo as palavras de seus maiores, elle não é apenas «o instrumento da politica de paz das R.S.S. é tambem «a clava da classe revolucionaria e a brigada de choque da grande revolução mundial».

Confesso que fiquei sem saber afinal o que elle é! Atinei! — é assim como uma especie de arma perfuro-cortante-contundente que serve para tudo ao mesmo tempo, inclusive para não fazer nada.

Inegavelmente, a Russia progrediu muito depois da queda do Tzarismo, a julgar pelo progresso do Exercito, no tocante a organisação material e ao apparelhamento technico adiantadissimo de que dispõe. As armas automaticas do actual Exercito Vermelho são de modelo e fabricação russos. Possuem metralhadoras anti-aereas, anti-carros de assalto, de avião e fusiz metralhadores que, segundo assevera Vorochilov, nada ficam a dever a nenhum typo estrangeiro. Elles possuem, muito acertadamente, quadros de especialistas-metralhadores, naturalmente com regalias especiaes; quadros de mestres-armeiros e de technicos de armas automaticas. Estão certos. Dada a delicadeza da arma não se pôde contar com uma bôa unidade de metralhadoras em um exiguo anno de serviço; assim tambem para a artilharia; assim tambem para as tropas de cobertura que ao meu vêr deveriam ser constituidas de 2/3 de praças promptas e 1/3 apenas de recrutas.

O problema da artilharia no Exercito Vermelho tambem foi resolvido pelo Governo Soviéтиco, segundo suas proprias affirmações. Diz elle que sua artilharia adquiriu uma tal «potencia de alcance e precisão» que rivalisa com os melhores modelos europeus. Crearam novos systemas de artilharia pesada e anti-aerea e de pequeno calibre que elles

mesmos fabricam. Dispõem de canhões proprios anti-tanks e de acompanhamento immediato.

O problema das munições tambem foi carinhosamente estudado e resolvido pelos technicos sovieticos, não só quanto ao projétil em si, mas tambem no tocante a espoletas detonadores e cargas. A questão dos carros de assalto os empolgou de tal maneira que se entregaram a ella com afinco, obtendo resultados tão animadores que chegam a classificar os «Renaults e Ricardos» de «ferragem inutil e desprezivel!»

A aviação é para elles o ponto de maior progresso das conquistas soviéticas porque affirma Vorochilov estar a Russia na vanguarda dos outros paizes em assumptos de technica aviatoria. Já fabricam em série e pretendem agora, com a execução do 2.º plano quinquenal, ficar tambem na vanguarda mundial quanto á dotação de material aviatorio em seu Exercito. Na questão dos Quadros é que os Sovieticos ainda não conseguiram transformar os camaradas camponezes e operarios em bons officiaes generaes, superiores, capitães e subaltemos. Tambem seus sub-officiaes e graduados ainda não attingiram o grão de aperfeiçoamento profissional por elles desejado.

A culpa entretanto é da orientação seguida pelos altos mentores sovieticos que fazem de um simples recruta de 15 dias de incorporação, um Clemenceau socialista, um Bismarck de martello ou um D'Israelli de foice.

Quanto á capacidade technica de sua organisação militar, não resta duvida nenhuma que a lição dada pelo governo soviético-socialista rubro é digna de imitação e é simplesmente estupenda revelando, embora elles não queiram se conformar com a denominação, um espirito russo e salvamento patriotico. Essa his-

toria de dizerem que o mundo quer acabar com o communismo russo na Russia é tão absurda como as pretenções soviéticas de quererem implantar «a muque» sua doutrina ás outras nações do globo.

Sejam menos politicos os dirigentes do grande Exercito Vermelho e nada terão de recear de quem quer que seja pois, uma vez alcançado o nível de cultura profissional que buscam para os quadros rubros, não haverá, talvez, nenhum Exercito que o supere e que o vá provocar em suas gelidas paragens.

Outro aspecto interessante é o da disciplina.

A disciplina vermelha só existe durante o serviço segundo alardeiam seus propagandistas; hierarquia, deveres militares, obrigações, etc. desaparecem como num conto de fada, á um simples toque de corneta.

Isso é crivel? Como não, si elles assim affirmam! Entretanto, logo adeante, encontra-se um trecho como se segue «ao par de uma instrucção militar perfeita e de uma disciplina ferrea...» Não entendemos.

Afinal, é ferrea ou é camarada a disciplina rubra?

Meditemos sobre a colossal organização militar soviética comparemos com as outras organizações e concluamos a respeito do que mais nos convém seguir para trabalharmos pelo engrandecimento do Brasil. Mas isso, devemos fazer por nos mesmos, a medida das nossas necessidades, conveniencia e experienca.

Deixem a nós Brasileiros a tarefa de trabalharmos pelo Brasil, processando seu engradecimento politico, economico e industrial sem precisarmos nos acarneirar atraz das «bem intencionadas» pregações dos agentes da Grande Idéia salvadora do proletariado internacional.

**Secção
de
Infantaria**

Um “golpe de mão” historico
(executado pela 132^a D. I. em 14 de Julho de 1918)

Durante a guerra de 1914-1918, do grande numero de acontecimentos sómente alguns foram narrados ou se tornaram objecto de uma citação sumaria nos jornaes ou nas revistas, mas em consequencia do numero consideravel de factos sensacionaes que diariamente se produziam, não tiveram o realce, attenção e publicidade merecidas.

Nesta cathegoria de factos dignos de attenção deve, segundo me parece, ser classificado o famoso «golpe de mão» que o General Huguenot, commandante da 132.^a Divisão de Infantaria, fez executar pela sua Divisão em 14 de Julho de 1918, ás 19 horas e 55 minutos, afim de obter informações precisas sobre o ataque allemão esperado desde varias semanas.

A hora dessa operação fôra fixada ás 19 h. 55', pelo General Huguenot, afim de que, em caso de exito, se tivesse o tempo necessario para transmissão immediata das informações á autoridade superior e a possibilidade de exploral-os, e isto apesar das naturaes objecções do commandante do corpo e suas reiteradas instancias para que a hora fosse ao menos retardada até ao cahir da noite.

Esta delicada operação, preparada antecipadamente com o maior cuidado e até nos menores detalhes no Estado Maior de 132.^a Divisão de Infantaria, foi executada de modo brilhante pelo 366.^º Regimento de Infantaria, e apezar de seus resultados terem sido decisivos, só foi mencionado ligeiramente na «Illustration» e no «Le Journal».

Podia-se ler, com effeito, na «Illustration» de 10 de Agosto de 1918, algumas linhas, devidas a penna de M. Gustave Babin, correspondente da mesma, Junto aos Exercitos, tratando de um gol-

pe de mão executado em 14 de Julho de 1918, ao lusco fusco; quer no «Le Journal», de 18 de Julho de 1918, essas poucas palavras de M. Edouard Helsey sobre «Um ultimo golpe de mão executado, tres horas antes do desencadeamento da offensiva e que fazia 27 prisioneiros, com a bocca na botija no meio dos ultimos preparativos».

Menção insuficiente, uma vez que se reflecta nos resultados extremamente importantes obtidos por essa operação, permittindo saber com a antecedencia de tres horas, da execução:

- 1.º— Que o ataque allemão, esperado diariamente, a varias semanas, só era uma questão de horas.
- 2.º— Que a preparação da Artilharia começaria a meia noite e dez minutos, para acabar ás 4 h. 15' e que o ataque de infantaria se produziria ás 4 h. 15' com o acompanhamento de uma barragem rolante.
- 3.º— Que o ataque se pronunciaria de Reims até a altura de Massiges.

Obteve-se tambem, por seu intermedio um plano detalhado da organisação dos «minenwerfers» no sector fronteiro á 132.^a Divisão de Infantaria, o que facilitou especialmente a execução dos nossos tiros de destruição de artilharia; e emfim, permitti, graças as informações acima, dadas ás 21 horas, pelo telephone, pelo General Huguenot em pessoa ao General Gouraud, commandante do IV Exercito, dar com pleno conhecimento de causa as ordens definitivas:

- a) — Para começar, desde 23 h. 30', os tiros de contra-preparação (Contra-Preparação Offensiva), que se desencadearam assim cerca de meia

hora antes do bombardeio alemão, ocasionando o maior embaraço nos preparativos do ataque alemão.

- b) — Para execução immediata das disposições preparadas com o fim de abandono da nossa primeira posição e de um tiro de barragem sobre esta primeira posição que, segundo a propria opinião dos prisioneiros alemães feitos durante a batalha, provocou a maior desordem e occasionou as maiores perdas nas unidades de ataque ao inimigo.

De tudo isto redundou que o inimigo, que imaginava ter destruído a primeira posição e aniquilado os defensores com um tiro de preparação formidável, encontrou essa posição evacuada e tardiamente percebeu ter dado um golpe no vacuo, sendo submettida nesta primeira posição a um tiro de barragem que lhe acarretou perdas severas e veio enfim, como diz a tropa (*tropier*) «cahir debaixo de um bico», detido por uma posição de resistencia formidavelmente organizada, defendida e reforçada pelos defensores que tinham evacuado a primeira posição.

Esse golpe de mão que foi «o coroamento dos esforços de todos, dado os resultados obtidos constitue um dos principaes factores da nossa victoria de 15 de Julho de 1918» (Boletim de Informações do IV Exercito N.^o 5 de 21-7-1918); que o General Gouraud, Commandante do Exercito qualificava em pessoa e proprio punho, em ordem dirigida ao General Huguenot, de «golpe de mão que passará á Historia», e que segundo o General Penet, commandante do 30.^o C. A., «teve um alcance incalculavel, e é a se reter como um dos feitos mais notaveis, que se tenham produzido desde o inicio da campanha e no periodo de espreita dos primeiros dias do mez», foi executado com uma energia sem par e

apesar das fracas perdas (2 mortos e 3 feridos), conseguiu um completo sucesso.

Essas condições merecia certamente, esta acção, em vista dos resultados extraordinarios, mais do que algumas linhas de jornal ou revista. É verdade, que tendo se produzido na noite anterior a batalha de CHAMPAGNE, de 15-VII-1918, era muito natural que apóz o ter destacado ligeiramente de afogadilho, a atenção publica, fosse na occasião attrahida pela propria batalha que permitia neste dia vislumbrar a «victoria final».

Por outro lado, nesta epocha não se podia, sem risco de informar o inimigo, dar o numero das divisões e regimentos, nem o nome dos militares que se tivessem particularmente distinguido.

Mas agora, quatro annos apóz o Armisticio, não se trata mais disso; parece, ao contrario, só haver vantagens em lembrar com detalhes, as bellas accões individuaes de nossos «poilus» e os grandes feitos de nossas diferentes unidades.

Accrescentarei que o golpe de mão em questão, não foi mais do que o preludio da batalha de CHAMPAGNE do 15-18 de Julho de 1918, cuja importancia foi tal que segundo varios escriptores entre os quaes M. Joseph Reinach, «é no dia 15 de Julho de 1918, que foi definitivamente ganha a guerra».

É esta opinião exacta, ou um pouco exagerada?

Tudo o que se pode afirmar em qualquer dos casos é a importancia excepcional dessa terceira offensiva alemã de grande estylo que, segundo os nossos proprios inimigos, era o «supremo ataque para a paz definitiva»; se estendia sobre uma frente enorme e mais vasta que as precedentes, e dispunha de forças e organizações formidaveis, tendo todas um caracter de esforço decisivo.

Os resultados dessa batalha, travada sobre as proprias vistas do Kaizer e de Hindenburg, tambem são consideraveis. Sobre o terreno, a immensa planicie juncada de cadaveres, dos que não poderam passar, hecatombes vingadoras; mas ainda, mais importante, o plano inimigo, frustado definitivamente, que consistia em tomar a Montanha de Reims e marginar o Marne, de Château — Thierry e Châlons, e enfim tornar possivel a offensiva franceza do dia 18 de Julho de 1918 e dias posteriores que nos conduziram á Victoria. «Em 18 de Julho de 1918, a Victoria definitiva da França nos surgiu finalmente».

É por todos estes motivos que me parece util de reviver esta accão executada por minha ordem e de a tornar conhecida nos menores detalhes, repartindo assim a gloria da 132.^a Divisão de Infantaria e do 366.^o Regimento de Infantaria, bellas unidades, dissolvidas após a Guerra.

* * *

Ordens de detalhes para o golpe de mão a executar pelo 366.^o R.I. em 14 de Julho de 1918, na frente da Companhia

B (13.^a Companhia)

I — OBJECTIVOS — Trincheiras de Andrinopla e Tirnova. Trincheira do Radius. Trincheira do Cubitus. (Zona de abrigos).

II — MISSÃO — Trazer prisioneiros vivos e si possivel, documentos, cartas, plantas, notas de serviço, correspondencia, afim da identificação e informações sobre as intenções do inimigo. Accessoriamente trazer e destruir material.

III — EFFECTIVOS — 2 Officiaes, 2 Ajudantes (sargentos), 170 homens, comprehendendo os granadeiros do Regimento, 16 sapado-

res de engenharia, para as destruições e 8 padoleiros.

IV — BASE DE PARTIDA — Bosque 185 e saliente da Trincheira do Suspiro (soupir), a Este do bosque 171.

V — EXECUÇÃO — O Destacamento se fracciona em cinco grupamentos, e mais um destacamento de guarnição da «Base de Partida»:

1.^o) — GRUPAMENTO DA DIREITA — Granadeiros do 6.^o Batalhão, sob as ordens do Ajudante Dubien.

2.^o) — 1.^o GRUPAMENTO DO CENTRO — Granadeiros do 4.^o Batalhão, sob as ordens do Sargento Dornant.

3.^o) — 2.^o GRUPAMENTO DO CENTRO — Granadeiros do 5.^o Batalhão, sob as ordens do Sargento Loumede;

4.^o) — DESTACAMENTO DA ESQUERDA — Destacamento da 13.^a Cia., sob as ordens do Segundo Tenente (sous-lieutenant) Villet.

5.^o) — GRUPAMENTO DE APOIO — Destacamento da 13.^a Cia., sob as ordens do Ajudante Seray.

6.^o) — COMMANDANTE DO DESTACAMENTO — Primeiro Tenente Balestie, commandante da 13.^a Companhia.

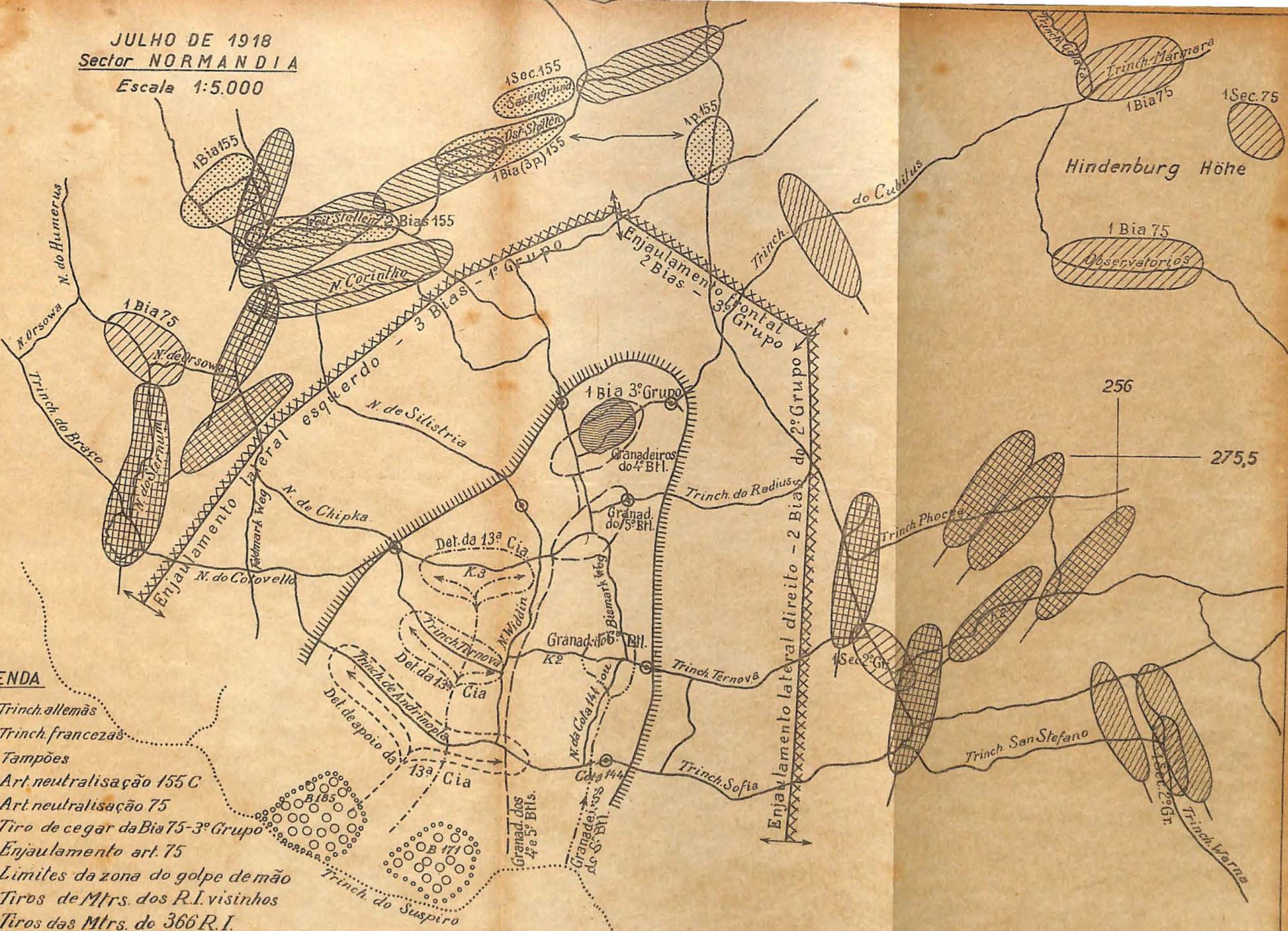
7.^o) — GUARNIÇÃO DA BASE DE PARTIDA — da 14.^a Companhia.

MODOS DE AGIR DOS DIFFERENTES GRUPAMENTOS

a) — GRUPAMENTO DA DIREITA — Penetra pela sapa da cota 144. Coloca um tampão no cruzamento da trincheira de Sofia, antena do posto de espreita. Sobe pela sapa da cota 144, até sua intersecção com Tinorva, col-

JULHO DE 1918
Sector NORMANDIA

Escala 1:5.000



- loca um tampão em Tinorva, frente para Este.
- Explora e limpa os abrigos situados na intersecção da normal da cota 144 — Tirnova.
- b) — OS DOIS GRUPAMENTOS DO CENTRO — penetram um atráz do outro pela normal Widdin, por onde sobem, tomam a trincheira do Radius e depois a normal da cota 144.
- OBJECTIVOS — *Granadeiros do 4.º Batalhão* — Abrigos da trincheira do Cubitus, tampões na altura das duas torres do extremo Norte de Cubitus e na sapa da cota 144, ao Norte de Cubitus.
- GRANADEIROS DO 5.º BATALHÃO: — Abrigos do Radius e imediações do cruzamento normal da cota 144 — Radius; tampão em Radius frente para Este.
- c) — GRUPAMENTOS DA ESQUERDA: — Penetra pelo saliente a oeste de Widdin, segue pela pista indo para Tirnova.
Um meio pelotão, o da testa, se espalha em Tirnova que limpa (tampão em direcção de Chipka).
Um meio-pelotão, da cauda, se lança sobre K 3 e o ocupa (Envia um tampão em Silistria).
- d) — GRUPAMENTO DE APOIO — Penetra ao mesmo tempo que o grupamento precedente, em K 1, a ocupa entre Widdin e o limite Noroeste da zona de acção; serve de acolhimento ao Destacamento.
- TAMPÕES DE PROTECÇÃO — (*ver croquis*).
- RETORNO PARA NOSSAS LINHAS — Pelos mesmos itinerarios da ida e em escalões successivos, cada grupamento só deixando o objectivo attingido após ter sido atravessado pelo grupamento operando immediatamente a frente.
- VI — METRALHADORAS — Plano de emprego especial.
- VII — ARTILHARIA — Plano de emprego especial.
- VIII — DIA E HORA — A fixar ultimamente.
- IX — EQUIPAMENTO — Fardamento sem distintivos (quadros e tropa); bornal ou sacco para granadas; mascaras no estojo.
- Nenhum papel que permita a identificação; dois pannos de barraca por grupamento ou meio-pelotão.
- X — ARMAMENTO — Segundo a função: Fusil, mosquetão, pistola, etc., dois alicates por meio pelotão ou grupo.
- XI — SERVIÇO DE SAUDE — 8 pandoleiros com o pelotão de apoio. Ordens particulares do medico chefe para os postos de soccorros e evacuações.
- XII — LIGAÇÕES — ARTIFICIOS — Signal para permitir o comandante do destacamento de dar ordem de retorno antes do fim da operação, caso preciso: «KLA-XON».
- SIGNAL DO FIM DA OPERAÇÃO — 2 foguetes a 6 fogos. Signaes — serão repetidos pelo P.C. de Ham.
- TELEPHONE — Posto telephonico de B 4.
- MENSAGEIROS — da base de partida (na extremidade de Caquelin de L'Isle), para o P.C. de Ham e Baratier.
- XII — GUARNIÇÃO DA BASE DE PARTIDA — dada por um destacamento da Companhia C (14.ª Companhia).
- XIII — MEDIDAS DE DETALHES — manter-se abrigados antes e após a operação; itinerarios farão objecto de uma outra ordem.

ANNEXO N.º 1 — COMPOSIÇÃO DOS TAMPÕES

N.º 1 — 1 cabo, 1 FM., — 3 granadeiros, destacados do grupamento da direita, fornecidos pela 13.^a Companhia.

N.º 2 — 1 cabo, 4 granadeiros, destacados do grupamento da direita, fornecidos pelos granadeiros do 6.^o Batalhão.

N.º 3 — 1 cabo e 4 granadeiros, destacados dos dois grupamentos do centro, fornecidos pelos granadeiros do 5.^o Batalhão; 1 FM., destacado dos dois grupamentos do centro, fornecidos pela 13.^a Cia..

N.º 4 e 5 — 1 cabo, granadeiros destacados do grupamento do centro

(primeiro), fornecidos pelos granadeiros do 4.^o Batalhão.

N.º 6 — 1 cabo, 1 FM., 4 granadeiros, destacados do grupamento da esquerda, fornecidos pela 13.^a Cia..

N.º 7 — 1 cabo, 1 FM., 4 granadeiros, dos quaes 2 VB, destacados do grupamento da esquerda, fornecido pela 13.^a Companhia.

N.º 8 — 1 cabo, 1 FM, 4 granadeiros dos quaes 2 Vb, destacados do grupamento de apoio, fornecidos pela 13.^a Companhia.

ANNEXO N.º 2 — MUNIÇÕES

- 10 granadas offensivas por homem.
- 8 granadas defensivas e 2 grandes offensivas, por homem, para os tampões.
- 1 granada incendiaria, por graduado.

Material de Direcção de Fogo “SPERRY”

Fabricantes

Sperry Gyroscope Company, Inc.
Brooklyn, New York, U. S. A.

Unicos Representantes no Brasil:

CASA MAYRINK VEIGA S. A.

17, Rua Mayrink Veiga, 21 — Rio de Janeiro

Secção extranumeraria da Cia. de Fuzileiros (Orgão do Commando)

Pelo Cap. Antonio José Coelho dos Reis

(Continuação do n. 246)

ORGANIZAÇÃO DO T.C.

Sua instalação á retaguarda, fóra da zona dos tiros de infantaria, prende-se tão só ao disfarce da observação aerea, ao desenfiamento da artilharia e ao desenfiamento das vistas, subordinando-se ás prescripções especiaes de tempo, hora e escalonamento previstos pelo Cmdo.

Para os deslocamentos recebe directivas sobre itinerario e hora do movimento, cumprindo ao seu Cmt. preparal-os com especial cuidado afim de reduzir, ao minimo, os accidentes proprios do material, e evitar, ao maximo, a sua identificação e consequente destruição pela aviação inimiga.

Normalmente marcha, em dois escalões, T.C.₁ e T.C.₂, composto o 1.^º (avancado) das viaturas de utilização imediata, e o 2.^º (recuado) das restantes e cujo material se não faz urgente. Sendo variaveis as necessidades, função da situação, variavel tambem é a constituição dos dois escalões. Exemplo: para marchas em que a Cia. não terá de topar o inimigo, prevalecem as necessidades de conforto e o T.C., (si houver) se comporá das Viaturas cozinha e Arc. e Bag.; para as marchas para o combate prevalecem as necessidades da acção e o T.C.₁ (sempre existente) se comporá da Viat. Munição.

Para se ter a certeza de poder realizar marchas sem accidentes com um T.C., faz-se mistér exercitá-lo nellas sempre, fazendo-o rodar diariamente no tempo de paz. Errado, nocivo é manterem-se nas sédes dos corpos as Viats. archivadas nos depositos, limpas, pintadas, mas inuteis para rodar em campanha, pois não se improvisam conductores com tirocinio, o muares adestrados, mansos e acostumados ao serviço.

OBSERVAÇÕES SOBRE AS VIATURAS DA CIA. FUZ.

- 1 — As divisões internas da Viatura-Munição deveriam ser, não rígidas, mas adaptaveis ao volume dispar do material a conduzir. Melhor fôra que podessem transportar, não doze cunhetes, mas, dezesseis, dado ser esta a quantidade necessaria ao remunicionamento da Cia. de Fuz.
- 2 — A Viat. Arch. Bag. não poderá cumprir a tarefa regulamentar de conduzir as mochilas dos atiradores e muniçadores dos G. C., além da carga que lhe é propria.
- 3 — Conviria fosse prevista para o transporte dessas mochillas em campanha, uma viat. leve de requisição a três animaes.
- 4 — Dadas as condições precarias dos caminhos a percorrer para os reaprovisionamentos da Cia. em campanha, conviria dotada fosse a Cia. de Fuz. de 10 cangalhas, para transporte eventual de subsistencia e munições, aproveitados os muares das Viats. Na Viat. de requisição seriam conduzidas, no T.C. essas cangalhas.
- 5 — O T.C. tem melhor rendimento de marcha quando as Viats. a 4 animais são bi-partidas, cada uma em duas outras a 2 animaes.
- 6 — A formação de marcha do T.C. é a columna de viaturas distanciadas de 1 a 2 metros apenas, uma da outra.
- 7 — As operações de atrellagem e desatrellagem, carregamento e descarregamento, devem ser costumeiras na instrucção do T.C., afim de exercitar as guarnições e acostumar os muares, devendo ser mesmo obje-

ctivados indices — tempo para sua execução

Viatura munição

Classificação	Arreiamento	Composição e Características	Carga	Peso
Viatura n.º 1 (Munição) a 4 animaes	Cabeçadas 4 Freios 4 Molhelhas 4 Bracinhos (pares) 4 Thezouras " 4 Francaletes 16 Contra-chinchadores 2 Ponta de guia 2 Cataplasmas 4 Salta - ribas 2 Rabichos 2 Retrancas 2 Raíos 4 Recuadeiras 4 Tirantes 8 Ventralhos 4 Travessa 1	Constituida de avan e retrorem, cada um de seis cofres de munição, com as dimensões internas de $0,56 \times 1,01 \times 0,53$. É toda de ferro e compõe-se de: plataformas, 2 eixos, 4 rodas, molas, quadros de suspensão, freios, depositos de ferragens, ferragem e ferramenta, assentos para 4 homens, varões, lança, lanterna, latego, cordas, graxa. Ferramenta para preparação de rampas e melhorias das estradas: 2 pás, 2 picaretas, 2 machadinhas.	4020 cartuchos de F. F. 108 kgs. 2930 » » Fz. 85 » 72 granadas OF. (3 caixas) 34 » 54 » Fs. (2 caixas) 38 » 100 » de Fz. (2 caixas) 48 » 75 cartuchos de pistola 25 5 » 150 » » signal para boccal 10 » 1 chave de parafuso, 1 machina de carregar, 1 cunha e 1 martello. 15 » 50 Saccos de remuniciamento. 10 » 4 Jogos de ferragem. 45 » 4 Rações de forragem. 16 » 4 » » » de reserva. 8 » 3 Mochilas e 3 mosqs. da equipe. 44,5 » 426 kgs.	
Obs.: Quando o T. C. marcha reunido, nella marcha o 1.º sgt.				
Peso da viat. carregada: 1.188 kls.		Peso do arreiamento: 62 kls.		
Côr da viatura: verde - oliva e preto.		Tempo de duração: 8 annos, excepto para cabeçadas, thezouras, tirantes e pontas de guia, que é de 4 annos.	Peso da viatura: 700 kilos. Comprimentos: Viatura, 6 ms.; viatura atrellada, 10 ms. Largura da Viatura: 1m,60.	Observação: o material acima consignado, deverá constar de um quadro (especie, peso e quantidade), annexo á viatura carregada, o qual terá a assignatura do Cmt. Cia. e o visto do Cmt. do Batalhão.
Esta viatura pode ser dividida em duas, a 2 animaes.				

Viatura Cozinha-Rodante

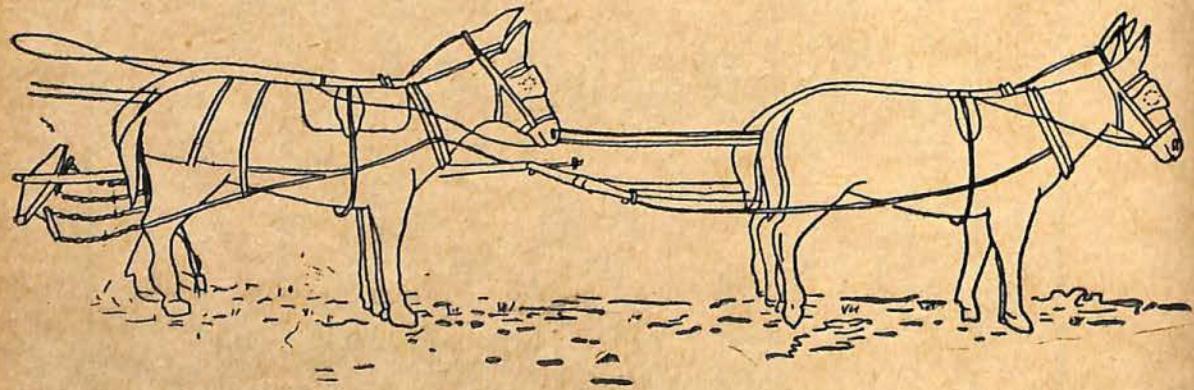
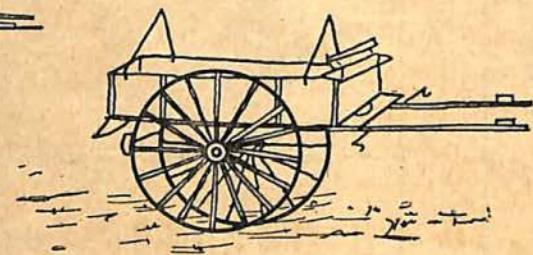
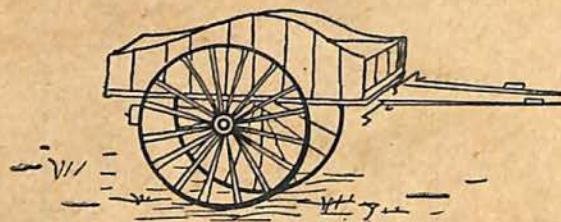
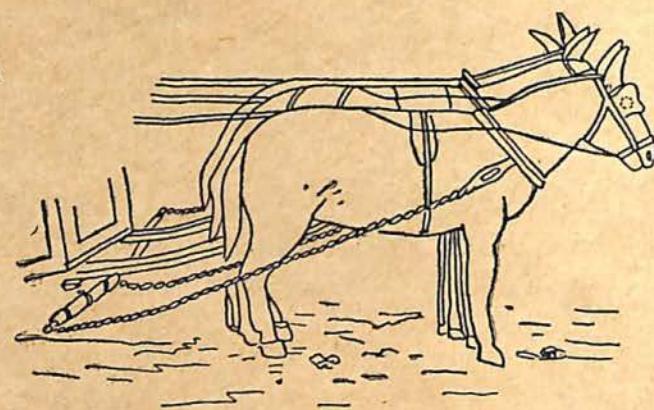
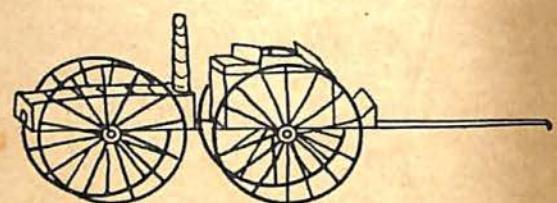
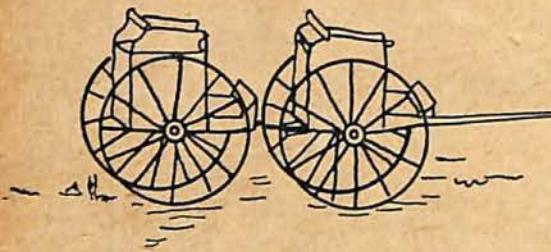
<i>Classificação</i>	<i>Arreiamento</i>	<i>Composição e Características</i>	<i>Carga</i>	<i>Peso</i>
Viatura n.º 2 Cozinha Rodante a 4 animaes	Cabeçadas 4 Freios 4 Molhelhas 4 Bracinhos (pares) 4 Thezouras " 4 Contra-chinchadores 2 Francaletes 16 Ponta de guia 2 Cataplasmas 4 Salta - ribas 2 Rabichos 2 Retrancas 2 Raíos 4 Recuadeiras 4 Tirantes 8 Ventrilhos 4 Travessa 1	Typo «Arsenal de Guerra». É composta de: armão — onde se encontram cantoneiras, molas, eixo, estribos, boléa, rodas, varaes, clavija, cofre e deposito; Cozinha — onde se encontram o corpo, encaixes, fornalhas, chaminé articulada, fogões, grelhas, molas, eixos, rodas, atrellagem, freios, mesa, lanterna; Ferramenta — alicate, lima, talhadeira, chave ingleza, martello, picareta, pá, machadinha.	4 Panellas de 80 litros. 3 Marmitas Thermicas. 1 Deposito de lenha. 2 Depositos de viveres. 1 Lavadouro de utensilios. Equipamento de accessorios de cozinha: 1 gral, 3 garrafas, 1 concha, 1 escumadeira, 1 taboa de carne, 1 peneira, 3 facas, 2 cafeteiras, 3 pannos, 2 cadeiras, 3 canecas, 3 ganchos grandes e 3 pequenos para carne, 1 foice de cabo curto, 1 amollador, 1 serra, 1 machadinha, 1 afiador. 4 Jogos de ferragens. 4 Rações de forragem. 4 Rações de forragem de reserva. 5 Mochilas e cinco mosquetões da equipe.	Incluso no peso da Viatura
Peso total da via tura carregada 1,665 kgs. Cór da viatura : preta.				4,5 kgs. 18 » 8 » 74,5 » 103 kgs.
Obs.: a) Esta via tura pode ser dividida em 2 a 2 animaes; b) Pode cozinhá-la em marcha.	Peso do arreiamento: 62 kls. Tempo de duração: identico ao da viatura Munição.	Peso da viatura: 1.500 kilos. Comprimentos: Viatura, 6 ms.; via- tura atrellada, 10 ms. Largura da Viatura: 1 ^m ,60.	Observação: O material acima constará de um quadro (especie, peso e quan- tidade), annexo á viatura carregada, o qual terá a assignatura do Cmt. Cia. e visto do Cmt. do Btl.	

Viatura de Arquivo e Bagagem

<i>Classificação</i>	<i>Arreiamento</i>	<i>Contposição e Características</i>	<i>Carga</i>	<i>Peso</i>	
Viatura n.º 3 Archivo e Bagagem a 3 animaes	Cabeçadas Freios Molhelhas Bracinhos (pares) Francaletes Bracinhos de sola Selote Transmissão Mangotes Retranca Rabicho Raíos Pontas de guia Thezouras Tirantes Recuadeiras Ventrilhos	3 3 3 3 6 6 1 1 2 1 1 2 2 3 6 2 1	Typo Cauchy-Lefebvre. É constituída por uma caixa de 1m,70 × 0m,96 × 0m,64 (internamente), com o volume de 1m ³ ,044. Nella se encontram: plataforma e taipaes de madeira, eixo, rodas, molas, quadro de suspensão, freios, deposito de ferragem, assentos, varaes ou lança, lanternas, latego, cordas, graxa, armação e capachana.	1 Caixa impermeavel de arquivo. 5 Malas de bagagem. 4 Barracas de official. 4 Camas de campanha. 1 Apparelho optico de 10. 4 Periscopio de trincheira. 4 Lampeões. 1 Cantina de officiaes. Material de limpeza do armamento: 3 Jogos de ferragem. 3 Rações de forragem. 3 Rações de forragem de reserva. 5 Mochilas da equipe. 2 Mosquetões. 3 F. M. de reserva. 12 Canos de F. M. de sobresalente.	86 kgs. 77 » 40 » 20 » 7 » 25 » 10 » 3 » 12 » 6 » 55 » 7,5 » 25,5 » 22 » 396 kgs.
Peso total da viatura carregada: 986 kgs. Côr da viatura : verde - oliva e preta.					
Obs.: nesta viatura se podem mudar os taipaes por xalmas para condução de viveres.	Peso do arreiamento: 50 kgs. A duração do arreiamento é identica á da Viatura Mu-nição.	Peso da Viatura: 540 kilos. Comprimentos: Viatura, 6 ms.; viatura atrellada, 7 ms. Largura da viatura: 1m,60.	Observação: o material acima constará de um quadro (especie, peso, quantidade), annexo á viatura carregada e com a assignatura do Cmt. da Cia. e visto do Cmt. do Btl.; as mochilas dos atiradores e municiadores do G. C. (27) serão transportadas em viatura de requisição.		

Viatura Viveres e Forragens

Classificação	Arreiamento	Composição e Características	Carga	Peso	
Viatura n.º 4 Viveres e Forragem a 3 animaes	Cabeçadas Freios Molhelhas Bracinhos (pares) Francaletes Bracinhos de sola Selote Transmissão Mangotes Retranca Rabicho Raíos Pontas de guia Thezouras Tirantes Recuadeiras Ventralhos	3 3 3 3 6 6 1 1 2 1 1 2 2 3 6 2 1	Tipo Cauchy-Lefebvre. Composição identica á da Viatura Archivo e Bagagem, apenas com a excepção dos taipas, que são substituidos por xalmas, e do assento que nesta é de metal.	175 Rações de viveres (1). 175 Rações de reserva (antes da distribuição aos soldados) (2). 1 Lata de kerozene. 5 Rações de forragem (montadas do Cap. e estafeta e 3 animaes da viatura). 3 Jogos de ferragem. 3 Rações de forragem para a parelha da viatura. 2 Mochilas da equipe. 2 Mosquetões da equipe.	217 kgs. 145 » 23 » 10 » 3,4 » 12 » 22 » 7,6 » 440 kgs
Peso total da viatura carregada: 1.030 kgs. Côr da viatura: verde - oliva e preta.					
Nesta viatura se pode mudar as xalmas por taipas.	Peso do arreiamento: 50 kgs. Sua duração é identica á da viatura Archivo e Bagagem.	Peso da Viatura: 540 kilos. Comprimentos: Viatura, 6 ms.; viatura atrellada, 7 ms. Largura da viatura: 1m,60.	Obs.: (1) O calculo das rações foi feito de acordo com o Typo n.º 2 do <i>Vade Mecum</i> — 300 grs. carne secca, 350 grs. pão, 80 de arroz, 130 de feijão, 125 de farinha, 60 de café, 140 de açucar, 30 de sal, 20 de toucinho. Total 1.255 grs. (2) Ração de reserva: 25 grs. de carne de boi, 250 de bolacha, 150 de chocolate, 60 de café, 120 de açucar. Total 830 grs. O material aima constará, como nas demais Viat. do quadro annexo, assignatura do Cmt. Cia. e visado pelo Cmt. do Btl.		



**Secção
de
Cavallaria**

A Cavallaria moderna
A evolução da Cavallaria — Suas causas, sua necessidade
Gen. Boucherie

Tradução da "Revue Militaire" pelo Cap. F. D. Ferreira Portugal

Nestes ultimos vinte annos a cavallaria tem experimentado transformações tão profundas na sua organisação e no seus processos de emprego, que os grandes chefes do passado, LASALLE, COBERT, MURAT, custariam a aceitar, como seus herdeiros legitimos, os modestos cavalleiros de hoje, vestidos, todos, com o mesmo uniforme sem ouro nem bordados, usando capacetes sem penacho, armados e equipados como infantes, muitos dos quaes abandonaram, mesmo, os seus cavallos em troca de engenhos mechanicos.

Essas transformações, impostas á cavallaria pelas contingencias da guerra moderna, como uma consequencia inevitavel do progresso, têm sido, as vezes, mal apreciadas por aquelles que, vendo-a identificada ao cavallo, imaginavam que ella deveria desapparecer, no dia em que a potencia destruidora do fogo a obrigaesse a renunciar ao combate pelo choque.

É commum esquecer-se que a organisação da cavallaria tem unicamente por fim tornal-a capaz de satisfazer as necessidades que, em todos os tempos, acompanharam o chefe no desempenho da sua acção de commando:

- primeiramente de ser informado;
- em seguida, de conservar sua liberdade de acção;
- finalmente, de poder reunir, no minimo de tempo, o maximo de meios, no ponto decisivo.

Esta Organisação, em razão do fim a que se destina, deveria ter como condição basica a Mobilidade, porque:

- a informação não tem valor se não fôr recebida em tempo util;

- a segurança só é effectiva quando procurada bastante longe;
- a reunião dos meios, no ponto decisivo, só é efficiente com a rapidez que permitte a surpreza.

A condição immediata seria a Força, porque:

- a procura da informação;
- a segurança;
- a participação na batalha, acarretam sempre, a necessidade, seja de quebrar as resistencias do adversario, seja de aparar os seus ataques.

Durante muitos seculos, o cavallo, que proporcionava simultaneamente a esta Organisação e mobilidade e a força, foi para ella um meio de acção tão importante que lhe deu seu nome: Cavallaria.

Entretanto, elle passou a ser, sómente, um meio de manobra, no dia em que a potencia do fogo tornou impossivel a acção pelo choque. Desde então, mau grado o espirito offensivo que a animava, e a despeito dos poderosos engenho de fogo com que foi dotada, a cavallaria perdeu o poder offensivo que a caracterisou no passado, tornando-se impotente deante da efficacia do armamento moderno.

O proprio cavallo passou a ser um meio de manobra insufficientemente rapido, desde que a cavallaria teve de ser empregada em proveito de Grandes Unidades de Infantaria motorizadas, cuja velocidade e raio de acção ultrapassavam os seus.

As transformações que a cavallaria experimentou nestes ultimos vinte annos, sofreram a influencia de factores diversos: uns, de ordem material — como os progressos da technica em todos os do-

minios (Armamento — Ligação — Transporte), outros, de ordem moral — como as consequencias de uma longa guerra de estabilisação, um tradicional e, por vezes, exagerado espirito de arma etc.. Eis porque essas transformações ficaram por muito tempo incompletas, ou retardadas, para só cederem definitivamente, ás imposições inelutaveis do progresso.

Analysaremos, em suas grandes linhas, as razões e o carácter das transformações por que passou a cavallaria a partir de 1914, dividindo o seu estudo em grandes phases resultantes de causas particulares e apresentando, cada uma, um aspecto proprio.

Estas grandes phases são:

1.º — A Evolução da cavallaria de 1914 a 1925 — As lições da guerra — A potencia destruidora do fogo — A cavallaria renuncia ao combate a cavallo para adoptar o combate pelo fogo.

2.º — Evolução da cavallaria de 1925 a 1930.

A crise dos effectivos — Os progressos da technica, já permittindo á cavallaria desenvolver as suas possibilidades de manobra, por meio de reforços em combatentes a pé, (dragões transportados), já facilitando a procura da informação por meio de engenhos blindados.

3.º — A evolução da cavallaria de 1930 a 1933.

A necessidade de uma intima combinação entre o cavallo e a machina tornou-se indispensavel, para que a cavallaria pudesse cumprir as missões que lhe são attribuidas. Tal combinação foi realizada com a ultima organisação.

O estudo das transformações experimentadas pela cavallaria desde 1914, facilitará encontrar a forma para a qual tende, num futuro mais ou menos proximo, a sua Organisação, devendo-se, entretanto, notar que ella não terá uma estabilidade duradoura em razão da evolução constante imposta pelo progresso.

1.º — A EVOLUÇÃO DA CAVALLARIA DE 1914 a 1925

A cavallaria de 1914 foi organisada e instruida tendo em vista, sobretudo, a acção a cavallo.

As informações obtidas com relação ás tendencias da cavallaria allemã e o estudo critico das suas ultimas manobras, levaram a crer que, no começo das operações, os exercitos belligerantes seriam cobertos e esclarecidos por poderosas massas de cavallaria, que se empenhariam em eliminar a do adversario por meio de uma acção brutal.

Parecia logico, pois, organizar esta arma tendo em vista manobras rápidas a cavallo, desembaraçando-a de tudo o que pudesse tornal-a pesada, armando-a de lança para as acções pelo choque, e desenvolvendo-lhe o espirito offensivo e o amor á refrega que constituiram, no passado, o segredo dos seus maiores sucessos.

Todos os cavalleiros foram armados de carabina, mas, os meios de fogo collectivos de cada brigada limitavam-se a duas metralhadoras.

A artilharia, reduzida a um grupo de tres baterias por divisão, não correspondia, em absoluto, a extensão das frentes de combate. Os quatrocentos fuzis do grupo de cyclistas constituiam um fraco apoio aos seis regimentos a cavallo da divisão.

A realidade, entretanto, foi bem outra.

Os combates a cavallo se limitaram, de começo, a simples encontros de patrulhas, sendo que logo depois, estas mesmas não encontravam mais, diante de si, cavalleiros armados de sabre ou de lança, mas atiradores emboscados nos angulos dos mattos ou nas orlas das povoações.

A potencia do fogo fizera paralizar a acção pelo choque.

Tem-se inculpado os chefes da cavallaria franceza de 1914, por haverem pre-

conizado a acção a cavallo, e desenvolvido um espirito offensivo bastante injustificado, num despeso absoluto pela potencia de fogo.

Si este despeso constituiu, na realidade, um grave erro, é incontestavel que o espirito offensivo da cavallaria frânceza, seu empenho em procurar o combate a cavallo, a audacia, a energia, a confiança propria dos seus cavalleiros, proporcionaram-lhe sobre a cavallaria allemã, uma ascendencia moral indiscutivel que a immobilisou para o resto da guerra, notadamente nas oportunidades em que a sua intervenção poderia ter um alcance decisivo. Assim, não houve perseguição depois de CHARLEROI; em 1918, por occasião das offensivas de Abril e de Maio, a cavallaria allemã permaneceu inactiva a traz da sua infantaria. Esse resultado, muitas vezes mal apreciado exerceu sobre o conjunto das operações, uma influencia notavel.

Dest'arte, depois de alguns encontros felizes de patrulhas, nas primeiras semanas da guerra, a cavallaria foi obrigada a renunciar a acção pelo choque, para combater a pé. Em FLANDRES, no YSER, lutou ao lado da infantaria e da mesma forma què ella. Submettida ás mesmas provas, teve de empregar meios identicos e, pouco a pouco, os cavalleiros receberam baionetas, ferramentas portateis, granadas, F.M., e um numero dobrado de metralhadoras. Em seguida abandonaram as barretinas e as couraças e adoptaram o capacete e o equipamento dos infantes.

Nesta rude escola, a cavallaria adquiriu, com o sentimento da potencia do fogo, uma noção mais exácta da capacidade de resistencia que lhe asseguram, na defensiva, as armas de tiro rapido.

De tal forma procurou identificar-se aos processos de combate da infantaria que deixou de aproveitar, muitas vezes, todas as vantagens que a mobilidade dos

seus cavallos poderia proporcionar á manobra do batalhão de Brigada. Parecia que a época da cavallaria havia passado, e, entre as proprios cavalleiros, immobilisados durante varios meses nas trincheiras, muitos havia que devidavam do futuro da sua arma.

O Alto Commando, entretanto, achou necessario conservar grandes unidades de cavallaria para a exploração de um sucesso eventual, ou para fazer face aos imprevistos. As tentativas de ruptura da frente em 1915 e em 1917, levaram a cavallaria ás mesmas esperanças e ás mesmas decepções. Só as offensivas allemãs de 1918 deram oportunidade a que fossem postas a prova, ao mesmo tempo, sua mobilidade e sua capacidade de resistencia. Não obstante, a guerra terminou sem que se apresentasse a occasião della ser empregada em accões offensivas (salvo no Oriente).

Pódem-se resumir desta forma os grandes ensinamentos impostos a cavallaria, ao findar a guerra:

- A potencia do fogo tornou impossivel o combate a cavallo;
- As armas de tiro rapido deram á cavallaria uma capacidade de resistencia que ella jamais possuiu; entretanto, sua potencia offensiva permaneceu limitada pela insufficiencia em meios de artilharia;
- A mobilidade, proporcionada por seus cavallos, permite a execução de manobras rapidas sobre frentes extensas.

Estabeleceu-se o principio segundo o qual «A Cavallaria manobra a cavallo e combate pelo fogo».

A sua organisação soffre a influencia desses ensinamentos, e ella começa por augmentar seus meios de fogo.

O regimento passa a ter 48 F.M. e 8 metralhadoras; a divisão, 400 armas automaticas, dois grupos de artilharia a cavallo, um grupo de cyclistas, tres esquadões de autos metralhadoras.

A cavallaria torna seus meios, cada vez mais, identicos aos da infantaria. Ha quem acredeite que entre uma e outra, não existirá mais que uma diferença de mobilidade. Tal concepção se inscreve na denominação da divisão de cavallaria, «divisão ligeira», em oposição á de infantaria que passa a chamar-se «divisão de linha».

O esquecimento do papel particular que cabe á cavallaria, cria uma confusão singular segundo o qual ella é quasi considerada como uma infantaria montada.

A doutrina de emprego, estabelecida pelos regulamentos, tem por base as grandes missões da Arma: «A cavallaria informa, cobre e combate em ligação com as outras armas». Reconhece o valor preponderante do fogo; firma a aptidão particular da cavallaria para a manobra, assim como a necessidade della emprehender accções rápidas; estabelece as regras do combate defensivo e da accção retardadora e, em razão dos seus fracos meios em artilharia, não encara, a maior parte das vezes, as operaçoes offensivas, senão sobre frentes limitadas.

II — A EVOLUÇÃO DA CAVALLARIA DE 1925 A 1930

A reducção do tempo de serviço militar e a diminuição considerável dos effectivos, obrigaram a Cavallaria a alterar a sua organisação. Tratava-se, com efeito, de satisfazer ás mesmas necessidades com meios mais reduzidos.

Duma parte, tornava-se preciso assegurar aos Grupos de Reconhecimento dos Corpos de Exército e das Divisões de Infantaria o enquadramento mínimo indispensável para a mobilização; doutra, era necessário conservar a disposição do Alto Commando as Divisões de Cavallaria de que necessitasse.

Os progressos relativos á industria automovel e o aparecimento das viatu-

ras de «todos os terrenos» permittiram chegar-se a uma solução feliz, reduzindo o numero dos regimentos a cavallo a quatro, por Divisão, e reforçar cada uma destas com um Regimento de Dragões Transportados de tres batalhões dos quaes, apenas um, teria organisação em tempo de paz.

Além do engenho blindado, ligado ás estradas, e desde muito tempo destinado ás missões de reconhecimento, foi adoptado o engenho não blindado, mas para todo o terreno, como meio de manobra.

Esta associação do cavallo e da machine que, de começo, servira apenas, para fazer seguir, immediatamente, os regimentos a cavallo de uma poderosa reserva de combatentes a pé, proporcionou, logo depois, as consequencias mais radicaes com relação a evolução da cavallaria.

O espirito de cada arma se inspira no conjunto de suas proprias tradições.

Assim, o infante, que em todas as épocas manobrou e combateu a pé, não vê no engenho mecanico senão um simples meio de transporte, que serve para abreviar-lhe as etapas, sem lhe alterar os processos de manobra. Para o cavalleiro, ao contrario, esses mesmos engenhos serão aproveitados como novos recursos á manobra que o cavallo sempre proporcionou. Talvez sejam mais delicados que este, porém, são mais rápidos e sujeitos ao aperfeiçoamento inevitaveis da tecnica.

As qualidades de rapidez dos dragões transportados e a necessidade de serem protegidos, approximaram-nos do auto metralhadora. Seu papel que, de começo, se limitava apenas a apoiar os cavalleiros, aumentou de importancia, e elles pretendiam ser, pelo menos, seus eguaes no cumprimento de algumas missões. Tal pretenção encontrou a sancção do bom senso, e não tardou que fosse admittido o seu emprego nos destacamentos destinados a operar a distancia e rapidamen-

te (apoio á descoberta ou mesmo descoberta).

A nova organisação deveria conferir á Divisão de Cavallaria maior mobilidade, permittindo-lhe impulsionar, com mais rapidez e num raio de acção mais accentuado, elementos mechanicos de reconhecimento ou de segurança.

Suas possibilidades de manobra foram augmentadas, assim como os seus meios de combate, que passaram a contar com o apoio rapido de tres batalhões.

Effectivamente, a Divisão de Cavallaria reduzida a quatro regimentos a cavalo, mas, reforçada por um regimento de Dragões Transportados, dois grupos de 75, um grupo de 105 e um grupo de tres esquadões de auto-metralhadoras, passava a representar, desde então, o valor de sete batalhões de infantaria apoiados por mais de quinhentas armas automaticas.

Entretanto, esta organisação trazia consigo, tambem, pesadas servidões. Entre estas, sobresahiam o aumento da visibilidade e da vulnerabilidade consequente do elevado numero de viaturas destinadas ao transporte dos Dragões; uma grande dependencia do terreno, pelo facto de serem estes meios, em sua maior parte, ligados ás estradas; o problema dos reabastecimentos de toda a ordem tornava-se mais difficult etc..

Em summa, o instrumento, a proporção que augmentava em poder, tornava-se mais delicado e mais complexo.

Por outro lado, o regulamento completava e precisava os processos de emprego já admittidos. Preconisava a necessidade de ser explorada, ao maximo, a sua qualidade basica — a mobilidade —; estabelecia, como um verdadeiro principio o emprego dos engenhos blindados, ainda ligados ás estradas, porém, rapidos e bem armados, não sómente nos destacamentos de Descoberta, como tambem, no combate, nas acções offensivas

locaes e na accão retardadora, durante o periodo critico do desaferrar. Sancionando a evolução já realizada, preparava, ao mesmo tempo, a que deveria vir, fatalmente, com o progresso. A Divisão de Cavallaria passava então a possuir, dado o numero das suas armas automaticas, uma potencia defensiva que podria explorar com sucesso na cobertura e nas acções retardadoras, graças á aptidão á manobra que a mobilidade lhe conferia.

Ainda uma vez, porém, a sua capacidade offensiva permanecia limitada pela carencia de meios. Para o valor de sete batalhões que poderia pôr em linha, não dispunha de artilharia para apoiar a dois, o que restringiria sobremodo a sua frente de esforço.

III — A EVOLUÇÃO DA CAVALLARIA DE 1930 a 1933.

A concepção por demais estreita da manobra, consequente da influencia de uma longa guerra de posição, alargou-se pouco a pouco. A volta aos principios da guerra de movimento se impunha em razão, mesma, da reducção dos effectivos, que não mais permitiria a realisação de frentes continuas.

Ninguem contestava a necessidade de uma arma ápta ao cumprimento das grandes missões que no passado, eram desempenhadas pela cavallaria. Entretanto, a forma pela qual ella deveria ser organizada, constituia o objecto de discussões apaixonadas.

Para uns, os progressos realizados pela aviação permittiam reduzir, ou pelo menos, suprimir a exploração terrestre, outrora confiada a cavallaria; de então para o futuro, só o avião deveria fornecer ao chefe as informações de que elle necessitasse. Para outros, a segurança das grandes unidades de infantaria não poderia ser realizada, de forma efficiente, por unidades de cavallaria, muito vul-

neraveis e insuficientemente rapidas para operarem na frente de uma infantaria transportada em caminhões. Estes, não condemnavam a cavallaria em si, mas, pretendiam limitar suas missões ao papel de uma poderosa reserva de fogos, destinada a reconstituir a continuidade de uma frente ou a organizar, rapidamente, uma cortina defensiva.

Para muitos, finalmente, o engenho mechanico, muitas vezes fragil e sempre dependente do terreno, não poderia, em nenhum caso, substituir o cavallo, mais ápto a deslizar atravez dos mattos ou dos campos. Sómente formações que tivessem por base o cavallo estariam em condições de cumprir as grandes missões que sempre couberam á cavallaria. Reconheciam, todavia, a necessidade de serem reforçadas, as formações hippomoveis, com elementos blindados destinados a facilitar as tomadas de contacto, e com artilharia para remediar a sua diminuta potencia offensiva.

É innegavel que essas théses tão contraditorias, apresentam, de per si, muitas afirmações verdadeiras. Entretanto, como uma idéa exácta pôde parecer absurda pelo despreso, *a priori*, de certos argumentos fundamentaes, assim tambem, um grande problema corre o risco de ser encaminhado a uma solução infeliz si o estudo de uma simples particularidade fizer esquecer o quadro geral em que deveria ser encarado.

É sabido que o avião se tornou um meio precioso de busca de informações, porém, elle só pôde informar sob a condição de «ver»; ora, na maioria dos casos as suas vistas são bem limitadas, e as informações negativas que fornece são, muitas vezes, destituídas de valor. Por outro lado, a aviação é incapaz de realizar a manutenção dos contactos, e que constitue, sob o ponto de vista da manobra, a condição essencial para o aproveitamento das informações.

Dest'arte, é facil concluir que a exploração aerea, podendo auxiliar e reforçar a exploração terrestre, muito longe está de substitui-la inteiramente.

É evidente que as formações a cavallo não possuem mobilidade suficiente para realizar a segurança das grandes unidades de infantaria motorizadas, assim como a sua vulnerabilidade não permittiria que elles conservassem, montados, o contacto com uma linha de fogo. Porém, nem toda a infantaria é motorizada e, para as divisões que se deslocam a pé, a mobilidade das unidades hippomoveis é bastante suficiente.

O contacto de uma linha de fogo só pode ser conservado por combatentes que se aferrem ao terreno. Por isso, tanto o cavalleiro a cavallo como o engenho blindado seriam condemnados a destruição se se immobilisassem deante do fogo.

Se o cavallo possue nos terrenos difficéis uma flexibilidade que ainda não foi adquirida por nenhum engenho mechanico, em muitos casos, a potencia e a invulnerabilidade destes compensam tal inferioridade.

Dahi a conclusão de que o cavallo e o engenho mechanico constituem meios diferentes que, por vezes, pôdem se substituir e que devem com vantagem ser associados. Não ha entre elles antinomia de principio, mas, sim, diferença de propriedades. Oppôr um ao outro, seria um grave erro que poderia levar ao risco de não se aproveitarem os benefícios que elles poderiam proporcionar pela combinação das respectivas qualidades.

Segundo uma expressão feliz, «a ma-china é hoje uma socia e amiga do ca-vallo e não sua rival».

A reflexão e o bom senso venceram, finalmente, as dissensões estéreis que, durante muito tempo, retardaram a solução do problema e a Cavallaria experimentou as transformações mais radicaes

que o progresso deveria impor a sua estrutura.

A potencia do fogo condenou a *Força* resultante da acção a cavallo: a cavallaria substituiu, então, as suas lanças e os seus sabres por armas automaticas, adquirindo, sob uma forma diferente, uma «Força» nova e, quiça, mais efficiente.

A *Mobilidade* proporcionada, outrora, pelo cavallo pôde ser aumentada pelos engenhos mechanicos: meios de transportes, destinados a alliviar os cavallos ou a conduzir reforços immediatos de combatentes e de canhões; engenhos blindados, aptos a facilitar as tomadas de contactos, tornando-as mais rápidas e menos sacrificantes. Desta forma, a cavallaria associava o meio mechanico ao cavallo em proveito da propria mobilidade, sendo levada, por vezes, a substituição total deste, desde que as circunstancias o exigissem.

Taes foram as bases impostas á organização da cavallaria em 1931.

Esta organisação é caracterizada:

- Pela combinação estreita entre o cavallo e a machina, na maior parte das unidades da cavallaria — divisões, grupos de reconhecimento de corpo de exercito e de divisão de infantaria;
- Pela criação de um limitado numero de unidades de cavallaria inteiramente mechanisadas — grupos de reconhecimento e elementos da reserva geral destinadas a serem empregadas em proveito das divisões de infantaria motorisadas.

Longe da perfeição, o que seria impossivel numa phase de constante evolução da technica, a nova organização apresenta, entretanto, vantagens indiscutiveis:

a) — Augmento da sua qualidade caracteristica, a *mobilidade*.

Uma divisão de cavallaria que pôde alliviar a carga dos seus cavallos, que dispõe de uma descoberta motorizada,

capaz de operar a distancia e rapidamente, está em condições, sem grande dificuldade, de percorrer, com todos os seus meios, cerca de cem kilometros em menos de vinte e quatro horas (desde que tal esforço não se repita por mais de duas vezes consecutivas);

b) — Desenvolvimento das possibilidades de manobra e de combate.

A combinação dos elementos hippomoveis e motorisados, no quadro da divisão e no dos grupos de reconhecimentos, dá á cavallaria a possibilidade de se adaptar facilmente a terrenos ou a situações diferentes.

Por outro lado, os engenhos blindados para todos os terrenos (auto metralhadoras de combate) imprimem ás suas acções offensivas um vigor mais accentuado.

Um defeito apparente parece existir na reunião, dentro das mesmas formações, de elementos hippomoveis e mechanicos de mobilidades bastante diferentes. Ha quem attribua a esse facto uma importancia exagerada, ao ponto de condenar a propria organização por sua falta de homogeneidade.

Entretanto, a experientia já condenou, de ha muito, esta homogeneidade que implicaria no agrupamento de elementos identicos destinados a travarem combates particulares.

Por outro lado, a reunião de elementos hippomoveis e mechanicos nas mesmas unidades não quer dizer que elles se devam confundir durante o emprego, mas sim, que sejam combinados de forma razoavel. A arte do chefe consiste, justamente em saber associar, para um mesmo fim, meios de acção differentes, sendo, os resultados a obter, tanto maiores quanto mais variados e poderosos forem os elementos a combinar. É obvio que neste caso as dificuldades tambem augmentam.

IV — AS TENDENCIAS ACTUAES DA CAVALLARIA.

Necessidades e limites de sua evolução no presente

A combinação estreita do cavalo e da machina, que caracteriza a organização actual da cavallaria, era, em principio, necessário e logica. Entretanto, só os progressos mais completos da technica poderiam proporcionar a sua execução total.

Esta organização, que teve sua origem nos progressos já alcançados pela motorização, dependia de outras conquistas para ficar ultimada, pois, a adopção de novos meios exigia aperfeiçoamentos capazes de proporcionar um rendimento maior. Dest'arte, a evolução em curso, longe de estacionar, promettia uma continuação cada vez mais accentuada.

A organização de 1932 comporta o emprego da machina sob duas formas diferentes:

1.º — Engenhos não blindados, destinados a aumentar a sua mobilidade e a desenvolver a sua aptidão á manobra (substituição das equipagens hippomoveis por caminhões; condução dos dragões transportados em viaturas para todos os terrenos; desenvolvimento das formações motocyclistas).

2.º — Engenhos blindados, destinados a facilitar a procura das informações, tornando-a menos penosa e mais rapida.

Pareceu vantajoso aproveitar a invulnerabilidade e a potencia do engenho blindado, extendendo seu emprego a todas as missões que obrigavam os cavaleiros a se exporem de peito descoberto, notadamente nas tomadas de contacto. Dahi surgiu a necessidade de dois typos de engenho blindado: um, rapido, bem armado, tendo um raio de acção extenso, destinado á procura afastada de informação — o *auto metralhadora de descoberta* (A.M.D.); outro, menos rapido, com o raio de acção mais limitado, suficientemente armado para fazer

frete a adversarios munidos de fuzil, e destinado a preceder os elementos de segurança da cavallaria — *auto metralhadora de reconhecimento* (A.M.R.).

Mais tarde, houve necessidade de ser criado um engenho bem armado, de blindagem mais solida, capaz de enfrentar o fogo das armas automaticas e destrui-las, abrindo caminho ao engenhos de reconhecimento ou ás vanguardas — o *auto metralhadoras de combate* (A.M.C.).

A experientia demonstrou que o engenho blindado, mesmo para todo os terrenos, é muitas vezes impotente, por si só, para quebrar uma resistencia que o detenha deante de uma passagem obrigatoria, assim como a sua incapacidade para manter o contacto, uma vez que seria condenado á destruição, desde se mobilisasse. Dest'arte, impoz-se a necessidade de uma combinação constante entre o engenho blindado e o cavalleiro, ou, de preferencia, o motocyclista, que o pode acompanhar mais de perto.

Dispondo a Divisão de Cavallaria de elementos mecanicos de typos diferentes (dragões transportados, motocyclistas, auto-metralhadoras de descoberta, de reconhecimento, de combate) tornou-se indispensavel a sua reunião sob as ordens de um mesmo chefe constituindo a «Brigada Mechanica».

A combinação mais vantajosa do cavalo e da machina, na Divisão de Cavallaria, deveria, pois, realizar-se, não pela reunião de elementos hippomoveis e mechanicos no interior das mesmas unidades, mas, pela organização de formações que tivessem por base, de um lado, o cavalo (Brigadas a cavallo) e de outro, a machina (Brigadas motorizadas).

Foram constatadas as vantagens dessa nova organização que assegura á Cavallaria, não só uma mobilidade maior, como possibilidades de manobra mais accentuadas, permittindo-lhe reconquistar com o engenho blindado, um pouco de

sua potencia offensiva do passado. Da mesma sorte, ficaram em evidencia os inconvenientes e, mesmo, os perigos, que haveria no caso do chefe ser levado a explorar a mobilidade dos elementos motorizados, engajando-os em acções isoladas, esquecendo os beneficios que proporciona o seu emprego combinado com as unidades hippomoveis.

A organização actual representa uma longa etapa no curso da evolução que se accentua em cada dia.

Mau grado as vantagens da combinação do cavallo e da machina, ha quem repute esta solução insufficiente e preconize a motorização integral da cavallaria.

Esta, sob o ponto de vista material, certamente seria possivel desde já, mas, a sua realização apresenta sérias dificuldades, entre as quaes sobresahem as grandes despezas que exigiria, e o risco que haveria em se constituirem aprovisionamentos consideraveis de um material que poderia tornar-se archaico em poucos annos. Antes de pensar na realização desta motorização completa, melhor fôra considerar se ella realmente se justifica.

Uma organização só tem valor quando é constituida de accordo com o fim ao qual se destina.

O emprego do automovel modificou profundamente as condições de deslocamento da infantaria, proporcionando aos Exercitos possibilidades de manobra estrategica mais largas no espaço, e mais limitadas no tempo; entretanto, estas possibilidades jamais poderiam ser exploradas se o Commando não dispusesse, para a procura da informação, para a segurança e para a intervenção na batalha, de meios dotados de uma mobilidade que lhes fôsse proporcional.

Da mesma forma que no dominio tactico, foi necessario dotar as grandes unidades de infantaria motorizadas de grupos de reconhecimento totalmente me-

chanizados, assim tambem, no dominio estrategico, para tornar possivel á manobra combinada das grandes unidades motorizadas a amplitude e a velocidade que deve caracterisal-a, foinecessario pôr a disposição do Commando, uma grande unidade capaz de desempenhar em seu proveito as missões que normalmente cabem á cavallaria. Esta grande unidade, que corresponderá ás divisões de cavallaria, não poderá ter a mobilidade necessaria se não fôr, tambem, totalmente mechanizada.

É necessario que ella possua meios mechanicos differentes, e apropriados a missões determinadas:

- Engenhos blindados rapidos, e elementos de apoio para as *missões de busca de informações*;
- Orgãos de fogo poderosos (armas automaticas, artilharia) transportados por engenhos mechanicos não blindados para as *missões defensivas de segurança e de cobertura*;
- Engenhos mechanicos de blingagem reforçada, e bem armados, para as *missões offensivas, intervenção na batalha*.

É evidente que, se esta motorização integral é necessaria, ella não poderá, no momento, ter applicação, senão n'uma parte da cavallaria, não sómente por causa dos grandes gastos e da evolução constante do material, mas, sobretudo, porque as grandes unidades totalmente motorizadas serão em numero limitado, e só terão emprego util em terrenos favoraveis.

Uma grande parte da cavallaria deverá continuar tendo como base o cavallo, pois, este lhe proporciona ainda uma mobilidade sufficiente em muitos casos, sendo, mesmo, em determinadas regiões, superior á machina.

Todavia, a «Cavallaria a cavallo» necessita apegar-se aos seus engenhos mechanicos de *reconhecimento* que facilitam sua tarefa, e aos de *combate* que lhe

**Secção
de
Engenharia**

Estudo da destruição do viaducto Santa Thereza

Pelo Cap. Lima Figueiredo

THEMA

I — Uma cia. de sap. min., acantonada nas proximidades do viaducto de Santa Thereza, recebeu ordem de executar uma brecha no referido viaducto.

II — A cia. dispõe somente 200 kg. de cheddite P e 150 kg. de melinite.

Pedem-se:

1.º — Qual a maior brecha que a cia. pode executar com o explosivo que posse?

2.º — Que tempo leva para executar o trabalho?

3.º — Qual a quantidade de explosivo que se necessita para fazer uma destruição total?

SOLUÇÃO

1.º) — Depois de efectuado o reconhecimento da obra, o Cmt. da cia. organiza um desenho com os perfis longitudinal e transversal da obra a destruir. Em seguida escolhe as secções de ruptura.

permitem readquirir a sua potencia ofensiva.

No momento em que a organização da cavallaria e, quiçá, a sua utilidade, constituem objecto de discussões apaixonadas, a experiência, a realidade e a reflexão permitem estabelecer os princípios que devem nortear as verdadeiras tendencias da sua evolução;

— as grandes missões que justificaram, no passado, a existencia da Cavallaria ainda perduram, porque, enquanto houver Exercitos, o chefe terá necessidade de *informação*, de *segurança*,

Devíamos atacar o viaducto pelas suas fundações, mas como não sabemos as dimensões, vamos fazer os nossos fornilhos nas partes mais baixas dos muros de alas, atacando o maior arco e os contiguos.

Vejamos quantos fornilhos teremos de installar e qual a carga de cada um.

Duas relações são nossas conhecidas do estudo theorico:

$$\begin{cases} l^2 = 4r^2 - E^2 \\ L = (n-1)l + 2r \end{cases}$$

onde:

l — é o afastamento dos fornilhos.

r — o raio de ruptura.

n — o numero de fornilhos.

E — a espessura do pilar ou muro.

L — comprimento do pilar ou muro.

Iniciemos o nosso ramal acima do sólo 1,50; ahí medimos no desenho o comprimento e a espessura do pilar. Encontramos para o maior arco:

$$L = 4,65$$

$$E = 2^m$$

de fazer a concentração rapida das suas forças para a batalha;

— os meios de acção e os processos de emprego da cavallaria deverão acompanhar a evolução constante imposta pelo progresso, si se quizer conservar a sua *mobilidade* privilegiada e a *força* de que ella necessita para o cumprimento das suas missões;

— a potencia destruidora do fogo tornou impossivel a acção a cavalo, mas, diminuiu a importancia da cavallaria que conquistou, com os novos engenhos, uma capacidade defensiva e um poder offensivo que jamais conheceu no passado.

Applicando, vem:

$$\left\{ \begin{array}{l} 4,65 = (n - 1) 1 + 2r \\ l^2 = 4r^2 - 2^2 \end{array} \right.$$

Inicialmente façamos $n = 1$ e teremos:

$$4,65 = 2r$$

onde

$$A = \frac{4,65}{2} 2^{m,325} \text{ ou } 2^{m,33}$$

A formula que devemos empregar é:

$$C = nbgr^3$$

$$n = 1$$

Sendo g_t o coefficiente da natureza do enchimento igual a 1,5, por termos tomado o barro, para que a mesma carga aja igualmente do lado da escavação é necessário que:

$$g_m H^3 = g_t H'^3 \quad \text{ou}$$

$$6 H^3 = 1,5 H'^3$$

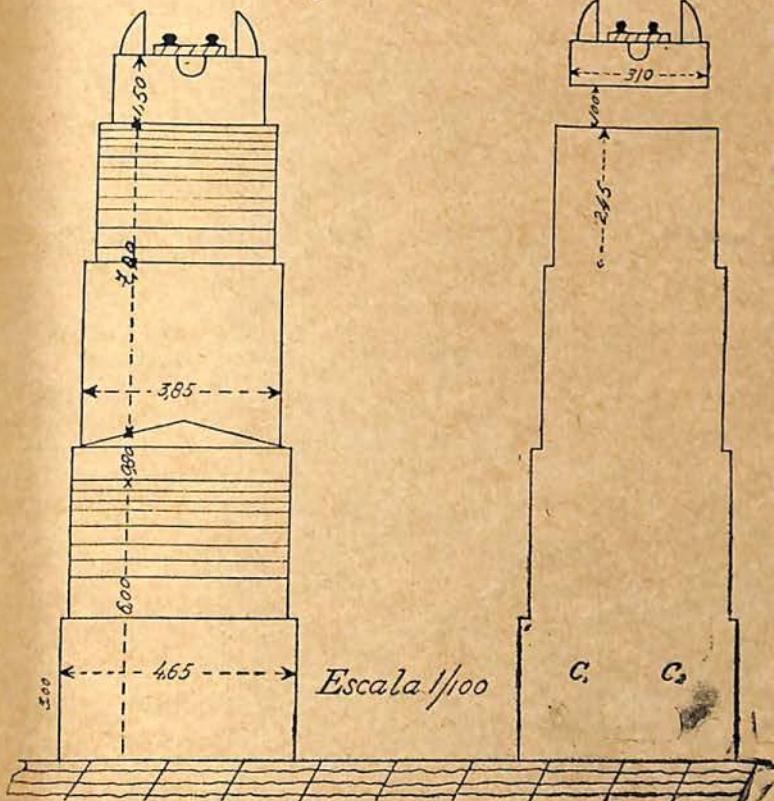
onde

$$H' = H \sqrt[3]{\frac{6}{1,5}} = 1 \times 1,5 = 1^{m,5}$$

logo

$$B = 1^{m,50}.$$

Perfis transversais



$b = 2 - \frac{B'}{B}$, onde $B' = 1$ metro (tirado do desenho) e tratando-se de uma mina de demolição B será o maior dos dois valores H ou H' . Sabemos que $H = 1$ metro.

Sendo g_m o coefficiente da alvenaria igual a 6; a carga para vencer do lado contrário a escavação será:

$$C = g_m H^3 = 6 H^3$$

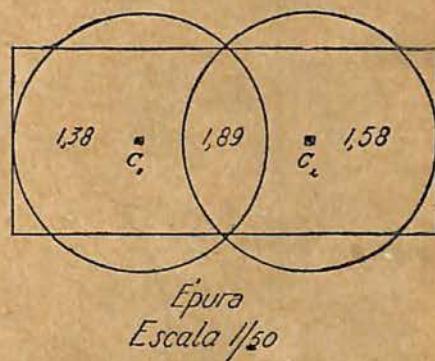
Calculemos o coefficiente do enchi-
mento:

$$b = 2 - \frac{B'}{B} = 2 - \frac{1}{1,5} = 2 - 0,66 = 1,44.$$

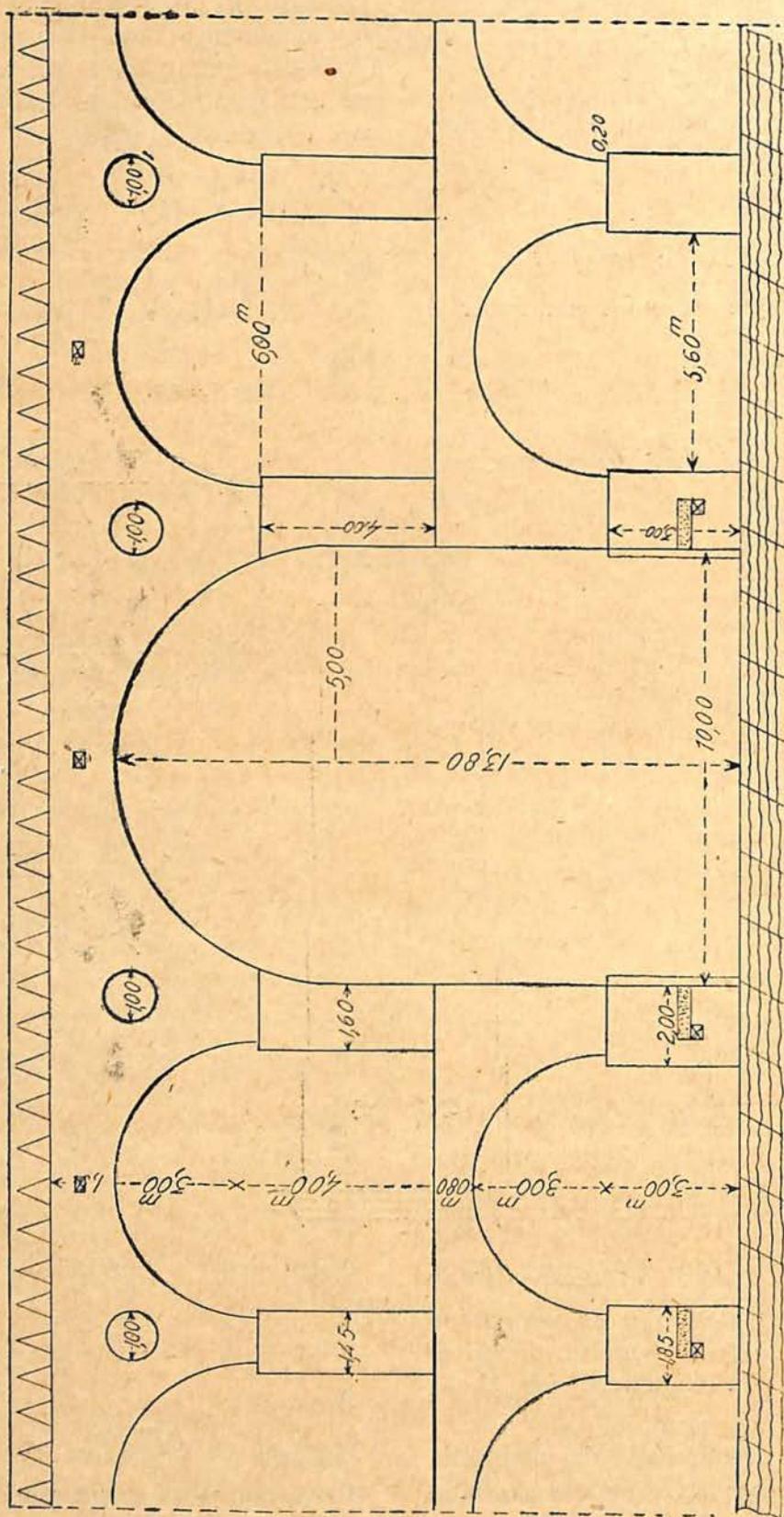
A carga:

$$C = 1,44 \times 6 \times 2,33^3 = 109, \text{ kg. 300.}$$

Para termos a carga em cheddite, temos que primeiro achar a correspondente em melinite, logo:



*Lima Esquemática
30 15/8/1928*



$$C_m = 109,3 \times 0,6 = 65, \text{ kg. } 58.$$

Em cheddite P, será

$$C_{ch\ P} = 65,58 \times 0,8 = 52 \text{ kg. } 464, \text{ ou} \\ \text{aproximadamente } 53 \text{ kg.}$$

Vamos agora ver a carga installandose dois fornilhos. Fazendo-se $n=2$ nas formulas iniciaes, temos:

$$\left\{ \begin{array}{l} 4,65 = 1 + 2r \\ l^2 = 4r^2 - 2^2 \end{array} \right.$$

$$1 = 4,65 - 2r$$

$$(4,65 - 2r)^2 = 4r^2 - 4$$

$$21,6 - 18,6r + 4r^2 = 4r^2 - 4$$

$$18,6r = 21,6 + 4 = 25,6$$

$$r = \frac{25,6}{18,6} = 1,377 \text{ ou } 1,38.$$

Donde:

$$1 = 4,65 - 2 \times 1,38 = 1,989$$

Conferimos os nossos calculos fazendo uma épura com as dimensões achadas. (Desenho annexo).

Calculemos a carga

$$C = nbg r^3$$

$$n = 2$$

$b = 1,44$, achado para o caso anterior, logo:

$$C = 2 \times 1,44 \times 6 \times 1,38^3 = 45 \text{ kg. } 8$$

$$C_m = 45,8 \times 0,6 = 27 \text{ kg. } 48$$

$$C_{ch\ P} = 27,48 \times 0,8 = 21,984 \text{ ou } 22 \text{ kg.}$$

Vemos que com dois fornilhos gastaremos muito menos explosivo, aumentando porem, do dobro, o tempo necessario para apromptar um pilar; mas, como temos a cia. toda á nossa disposição para o trabalho, vamos atacar todos os fornilhos ao mesmo tempo.

Cada cartucho de cheddite pesa 100 grammas, precisamos portanto de 220 em cada pilar, isto é 110 por fornilho. E, como temos 200 kg. de cheddite, isto é 2.000 cartuchos, poderemos atacar nove pilares, ao passo que com um só fornilho em cada pilar somente destruiríamos tres.

Vejamos como empregar a nossa melinite.

Para evitar escorvamento vamos colocal-a no fecho de cada arco superior em cargas separadas de 2 e.

$$C = 5e^3 \times \frac{1}{2e} = \frac{5}{2} \times 1,5^2 \times 3,4 =$$

= 19 kg. 125 ou 20 k., ou 100 petardos de 135 grammas e 65 de 100 grammas.

Temos 150 kg. de melinite, devemos contar com 10 kg. para a abertura das camaras de mina de cheddite e com os 140 kg. restantes atacaremos o fecho de 7 arcos. Como são 9 pilares a destruir, deixaremos no centro dois pilares alternados sem carga nos fechos.

2.^o) *Tempo.* Diz o Regulamento de Minas que uma turma de dois homens (1 mineiro e 1 ajudante) cava um comprimento de 1,50 m em 6 a 10 horas na alvenaria de pedra dura, vamos tomar a media de 8 horas.

Para os nossos fornilhos de cheddite, a escavação a fazer é de 1 metro, logo o tempo gasto será 2/3 de 8 horas ou 5 horas 20^m; digamos 5 horas 30^s.

De um modo geral, podemos prever o tempo da seguinte maneira:

Reconhecimento	1 h. 30'
Desenho	1 h. 30'
Calculo	1 h. 00'
Divisão do pessoal	0 h. 30'
Preparo da camara	5 h. 30'
Preparo do dispositivo de fogo	5 h. 00'
Carregamento e enchimento	4 h. 00'
Recolhimento matinal	- 1 h. 00'
Imprevistos	2 h. 00'

Tempo necessário: 22 h. 00'

3.^o) — Para calcularmos o explosivo necessario para destruir totalmente a obra, basta multiplicarmos os valores achados por 19, numero de arcos.

Temos assim:

$$19 \times 22 = 418 \text{ kg. cheddite} \\ 19 \times 20 = 380 \text{ kg. melinite}$$

Sec. de Educação Physica Instruções reguladoras das attribuições do official regimental e do medico de educação physica nos corpos de tropa

Transcripto do Diário Official de 1-12-934.

I

Art. 1.º — As presentes Instruções regulam, até á publicação do novo Regulamento Interno e dos Serviços Geraes dos Corpos de Tropa do Exercito, as attribuições do official regimental e do medico de educação physica nos corpos de tropa e estabelecimentos, de accôrdo com o novo Regulamento de Educação Physica, adoptado provisoriamente.

II

DO OFFICIAL REGIMENTAL DE EDUCAÇÃO PHYSICA

Art. 2.º — Em cada corpo de tropa ou estabelecimento um capitão ou 1.º tenente com o curso de educação physica (aquele sómente quando commandar sub-unidade, quadro), terá funções de *official regimental de educação physica*.

Art. 3.º — Ao *official regimental de educação physica* compete:

1 — Servir de auxiliar technico do commando no que disser respeito á educação physica ou desportiva;

2 — Propor ao commando os programas de treinamento physico, desportivo e de esgrima do corpo, de accôrdo com as prescripções regulamentares, bem como o plano de treinamento para cada periodo de instrucção e a organização das competições desportivas;

3 — Assistir ás sessões de educação physica e desportivas, afim de verificar se estão sendo conduzidas segundo o plano de treinamento previsto e de accôrdo com as disposições regulamentares e do commando, evitando, todavia, qualquer intervenção directa por iniciativa propria;

4 — Coadjuvar o commando no treinamento physico dos officiaes, bem como na instrucção profissional dos mesmos na parte relativa á sua especialidade, conforme o que fôr por aquelle determinado;

5 — Dirigir, pessoalmente ou por intermedio de auxiliares, sob as vistas dos commandantes de batalhão, grupo, ou ala, e segundo as prescripções do commando a respeito, a instrucção e o treinamento physico e desportivo dos sargentos; e encarregar-se da instrucção physica dos candidatos a graduado (1.ºs e 2.ºs cabos) e a sargento, se o commando decidir que esta instrucção fica a cargo dos respectivos cursos;

6 — Organizar, auxiliado pelo medico, as turmas de concorrentes ás provas desportivas, dirigir o treinamento das representações do corpo nas competições externas e conduzil-as nas referidas competições;

7 — Providenciar sobre a organização das fichas de treinamento dos concorrentes ás competições desportivas individuaes e collectivas, de accôrdo com as disposições regulamentares;

8 — Enviar á Comissão desportiva regional o relatorio de todas as competições procedidas, internas ou externas, imediatamente após á sua realização;

9 — Zelar pela conservação dos terrenos de treinamento physico, material de educação physica, gymnasios, salas de esgrima, piscinas, etc., do corpo ou estabelecimento;

10 — Auxiliar o medico, juntamente com os instructores das sub-unidades, nos trabalhos da parte morpho-physiologica das fichas, de confecção dos perfis mor-

pho-physiologicos e de classificação dos homens em turmas homogeneas, bem como cooperar com elle na verificação physiologica dos exercícios physicos, prestando-lhe todas as informações e esclarecimentos necessarios;

11 — Enviar ás sub-unidades, o grupamento homogeneo dos homens, organizado pelo medico, com os dados necessarios quanto a exercícios especiaes, defeitos a corrigir, qualidades utilizaveis, etc., afim de que as mesmas constituam suas turmas para instrucção;

12 — Auxiliar, sob o ponto de vista physico, os commandantes de sub-unidade na escolha dos candidatos ás diferentes especialidades;

13 — Ter sob sua fiscalização technica os instructores de educação physica das sub-unidades, sem, contudo, interferir de nenhum modo na instrucção das mesmas;

14 — Cooperar com os commandantes de batalhão, grupo, ou ala, quando a isso solicitado, no exame das lições de educação physica, das sessões de estudo e de grandes jogos organizados nas sub-unidades, para cada turma, semanalmente, dando as suggestões que se fizerem necessarias, tendo em vista as disposições do Regulamento de Educação Physica Militar e o plano de treinamento.

Art. 4.^º — O official regimental de educação physica fica, em principio, dispensado de ministrar outra qualquer instrucção; e, neste caso, não poderá exercer essa função por mais de dous annos.

Art. 5.^º — O official regimental de educação physica concorre, conforme a respectiva antiguidade, para as substituições interinas aos cargos de postos superiores e participa de toda instrucção dos officiaes, como os demais, devendo tomar parte nos exercícios de combate e serviço em campanha com tropa e de quadros realizados pelo corpo.

Art. 6.^º — O official regimental de educação physica, para os trabalhos previstos nos ns. 5, 6 e 10 do art. 3.^º, será

auxiliado pelo instructor desta especialidade de cada sub-unidade, designado para isso, quando na mesma, tal instrucção fôr dada nos pelotões ou secções, sem prejuizo das demais instruções a cargo de cada um, a criterio do commandante do corpo e ouvido o commandante de sub-unidade. Além disso, disporá de um sargento ou um cabo para tratar do material e da escripturação, o qual auxiliará tambem os serviços do medico de educação physica, sob esse aspecto.

Art. 7.^º — Analoga situação, nas fabricas, arsenaes, etc., além das prescrições constantes do art. 3.^º, corresponde ao official regimental de educação physica, o qual observará o disposto no art. 137 do Regulamento de Educação Physica do Exercito.

III

DO MEDICO DA EDUCAÇÃO PHYSICA

Art. 8.^º — Em cada corpo de tropa ou estabelecimento, um dos medicos da respectiva formação de saude, ficará encarregado da parte medica da educação physica, competindo essa função a um especializado sempre que houver.

Art. 9.^º — Ao medico da educação physica compete:

1 — servir de auxiliar technico do commando no que se refere á parte medica da educação physica;

2 — fazer, juntamente com os demais medicos, sob a direcção do chefe da Formação Sanitaria Regimental, antes do inicio do primeiro periodo de instrucção e após cada periodo de instrucção de educação physica, o exame clinico geral dos instruendos (recrutas, soldados antigos, graduados e sargentos), prescrevendo todo o organismo dos mesmos de acordo com as regras da semiotica e

annotando na caderneta de saude de cada um ás anormalidades encontradas, bem como os dados anamnesicos e o juizo psychologico;

3 — fazer, auxiliado pelos instructores de educação physica e monitores das sub-unidades, entre a incorporação e o inicio do primeiro periodo de instrucção, a collecta dos dados biometricos constantes da parte morpho-physiologica das fichas dos corpos de tropa, de accôrdo com as instrucções que as acompanham. É o responsavel pela technica e correção das medidas, pelo que cabe-lhe, préviamente, no periodo que precede á incorporação, preparar convenientemente os auxiliares e organizar o serviço, de sorte a obter o rendimento previsto nas instrucções referidas;

4 — tomar novas medidas biometricas, após cada periodo de instrucção physica, podendo, para abreviar o trabalho, dispensar nos individuos maiores de 25 annos, as medidas inalteraveis ou muito pouco modificaveis pelo exercicio physico, taes como: altura, comprimento de busto, diametro biacromial e bi-trocanteriano;

5 — organizar, auxiliado pelos instructores de educação physica, á proporção que se forem completando as medidas indicadas nas fichas, os perfis morphophysiologicos dos instruendos, de modo que a classificação dos mesmos em turmas homogeneas esteja terminada antes do inicio do periodo; e, bem assim, de accôrdo com os resultados das novas medidas, organizar novos perfis, superpostos aos anteriores, de sorte a serem observadas as alterações havidas nos aspectos morphologicos e physiologicos dos instruendos para, em consequencia, ser feita nova divisão em turmas homogeneas;

6 — grupar homogeneamente os instruendos, auxiliado pelos instructores de educação physica, no inicio e após cada periodo de instrucção physica;

7 — tomar as medidas necessarias á organização da parte bio-typo ethmológica das fichas, por pequenas turmas diarias, sem prejuizo do funcionamento da instrucção no corpo, dos serviços correntes e em horas préviamente marcadas, procedendo de accôrdo com as instrucções que acompanham as fichas e de maneira que o serviço fique terminado antes do inicio do segundo periodo de instrucção physica, afim de facilitar a selecção athletico-desportiva. Terá á sua disposição para este trabalho o sargento ou graduado auxiliar do official regimental de educação physica e os graduados da Formação Sanitaria Regulamental, a criterio do respectivo chefe;

8 — verificar o comportamento de cada homem em face dos exercicios que lhe são ministrados, fazendo o estudo dos casos de dificuldade de adaptação ao regimen de trabalho physico, procurando investigar as causas e orientando o instructor sobre a maneira de agir em taes casos, podendo indicar a mudança de uma turma para outra de regimen mais suave.

9 — fazer, auxiliado pelo official regimental de educação physica, a verificação physiologica do exercicio, realizando o maior numero de observações diarias de accôrdo com o prescripto nas instrucções que acompanham as fichas e sómente dentro do horario de educação physica das sub-unidades; e, conforme o modo de reagir de cada homem, indicar ao seu instructor modificações sobre o regimen de trabalho;

10 — cooperar com o official regimental de educação physica na organização das turmas de concurrentes ás provas desportivas, opinando sob o ponto de vista constitucional e physiologico;

11 — ter sob sua responsabilidade todo o material necessario ao serviço biometrico de educação physica, bem como, fichas, cadernetas de saude e livro de registro de accidentes;

12 — fazer registrar no «Livro de registro de accidentes na Educação Physica» qualquer accidente ocorrido nesta instrucção e na pratica athletico-desportiva, indicando suas causas, therapeutica e sequencia, e, nas cadenetas de saude de cada homem, todas as alterações de saude com elle ocorridas, inclusive os accidentes referidos, pedindo, quanto aquellas os dados necessarios á Formação Sanitaria Regimental;

13 — fazer, consoante o determinado a respeito pelo commandante do corpo, conferencias para os officiaes sobre anatomia e physiologia applicadas á educação physica e sobre noções summarias dessas mesmas materias para os sargentos e graduados;

14 — remetter, findo o anno de instrucção, por intermedio do commandante do corpo, um relatorio sobre seus trabalhos á Escola de Educação Physica do Exercito, do qual uma copia será enviada ao chefe do Serviço de Saude Regional, e na qual fará resaltar suas observações mais interessantes capazes de melhor orientar os processos usados; e, enquanto forem necessarias as pesquisas biotipologicas e ethnologicas, um exemplar de cada ficha que, para isso, será organizada em duplicata.

Art. 10 — Os chefes das Formações Sanitarias Regimentaes, na distribuição de serviços pelos medicos subordinados, terão em conta que o encarregado da parte de educação physica, em principio, não deve fazer o serviço externo e que tambem deverá sómente ser utilizado no interno, em caso de absoluta necessidade e em proporção minima.

No caso de haver só um medico no corpo, o serviço será regulado de maneira que a collecta dos dados biometricos e o grupamento homogeneo dos homens não soffram atrazo para que os periodos de instrucção physica se iniciem com as turmas já constituidas, podendo a veri-

ficação dos exercicios e a organização da parte bio-typo ethnologica das fichas serem feitas sem prejuizo dos demais serviços da Formação Sanitaria Regimental. Além disso, desde que possivel, o commandante providenciará, por intermedio da autoridade superior, para que o medico do corpo tenha o auxilio de um medico de outro corpo ou estabelecimento da guarnição.

Art. 11 — O medico da educação physica, para os trabalhos de escripturação, contará com o sargento ou graduado auxiliar do official regimental e um graduado ou soldado habilitado da Formação Sanitaria Regimental, a designar pelo respectivo chefe.

IV

MARCA GERAL DA INSTRUÇÃO PHYSICA DURANTE O ANNO

Primeiro periodo de instrucção

Duração — Terá a duração de 17 semanas, inclusive a do exame physico.

Local de instrucção — Estadio sempre que possivel, ou terreno convenientemente apparelhado.

Uniforme — O regulamentar, convenientemente adaptado ás sessões a executar.

Horario — De preferencia pela manhã; podendo variar as horas entre as sub-unidades de accordo com as disponibilidades em material, local, etc.

Primeiro exame medico — A partir da data fixada para incorporação dos conscriptos, os medicos do corpo iniciarião o exame clinico geral de todos os homens (recrutas, soldados antigos e graduados).

Primeiro exame bio-metrico — Será feito na quinzena que precede ao inicio

do primeiro periodo de instrucção da tropa, pelo medico de educação physica auxiliado pelo official regimental, instructores e monitores das sub-unidades.

Grupamento dos individuos (organização das turmas) — Organizado pelo medico e entregue ás sub-unidades pelo official regimental, até dois dias antes do inicio do primeiro periodo, afim de que estas constituam suas turmas para instrucção.

Verificação do exercicio — O medico solicitará préviamente ás sub-unidades, por intermedio do official regimental, certo numero de instruendos para a verificação diaria, que será feita em horas consagradas á educação physica das sub-unidades.

O official regimental, em entendimento com commandantes de sub-unidade ou instructores, observa o adeantamento dos instruendos, em face dos exercicios, levando ao conhecimento do medico os casos de difficultade de adaptação ao regimen de trabalho.

Casos de accidente — Serão tomadas todas as precauções de accôrdo com o regulamento de educação physica afim de evitar os casos de accidentes.

Segundo exame medico e bio-metrico — No decorrer da 16.^a semana serão realizados o segundo exame clinico e o exame bio-metrico.

Exame physico — Durante 17.^a semana, será realizado nas sub-unidades o exame physico para os normaes de que trata o regulamento, com a assistencia do official regimental de educação physica e de conformidade com o plano de execução do mesmo, por elle proposto ao commandante.

Segundo periodo

Duração — O segundo periodo será iniciado na semana seguinte á das provas praticas (exame physico) e terminará com o anno de instrucção.

Reorganização das turmas — Será feita de accôrdo com o resultado das provas do exame physico e do segundo exame medico e bio-metrico, da mesma maneira com que se procedeu no inicio do primeiro periodo.

Selecção das turmas athleticas desportivas — Será feita no inicio do segundo periodo, pelo official regimental com a collaboração do medico.

Fim do anno de instrucção — Duas semanas antes de terminar o anno de instrucção serão realizados o ultimo exame medico (desincorporação) e o ultimo exame bio-metrico para acabamento das cadernetas de saude e das fichas.

Relatorios — O official regimental e o medico enviarão, por intermedio do commandante do corpo, seus relatorios á Escola de Educação Physica do Exercito, sem prejuizo das informações a prestar para o relatorio do commandante do corpo ás autoridades superiores; o daquelle conterá o numero de instruendos, frequencia media, resultado das provas praticas e outras observações e sugestões; e o do medico além de suas observações será acompanhado pelas fichas dos homens.

OBSERVAÇÃO

Na cavallaria, a instrucção physica obedece a prescripções especiaes constantes do respectivo regulamento; sendo-lhe porém applicaveis as presentes instruções em tudo que não fôr incompativel com as condições peculiares da arma.

Ten. Cel. Langlet

Os meios militares foram surprehendidos, no começo deste mez, com a inesperada noticia do falecimento do Ten. Cel. Paul Felicien *Langlet*, occorrido em Alger, a 8 de Novembro do corrente anno.

Os numerosos amigos e admiradores brasileiros desse illustre ex-membro da *Missão Militar Franceza* não podiam deixar de sentir, como camaradas na mesma profissão, a morte de seu antigo professor e orientador de estudos. O pezar geral verificado entre nós correspondeu, sem duvida, á amizade do Ten. Cel. Langlet ao nosso Exercito, á segurança de seus ensinamentos e, em particular, a sua irreprehensivel conducta de militar e de cavalheiro.

A *A Defesa Nacional*, que teve nesse distincto official francez um brilhante collaborador, associa-se ao pezar do Exercito brasileiro e ao luto da M. M. F.

O Ten. Cel. Langlet, filho de um official de Infantaria de seu Exercito, nasceu em 1888.

Começou seus estudos no *Prytaneu de La Fleche* e ingressou na Escola *St. Cyr* em 1907, de onde sahiu 2º Tenente em Dezembro de 1908.

Em 1914, partiu como 1º Tenente para o "front", tomando parte activa nas operações durante os quatro annos de *Grande Guerra*. Em seu decorrer foi promovido a Capitão e, em Novembro de 1917, com a idade de 28 annos, attingiu o posto de Major. Mereceu em campanha varias e brilhantes citações.

Foi diplomado pela *Escola Superior de Guerra de Paris* em 1925.

Em seguida a seu curso de Estado Maior, tomou parte, no *Levante*, em todas as accções conduzidas contra os Druzos e, em particular, desempenhou um papel importante na conquista de *Sonieda*, exercendo as funcões de chefe da 3ª Secção do Estado Maior do Gen. *Gamelin*, que o distinguiu com referencias elogiosas de grande aprêço profissional.

Depois, passou a fazer parte das tropas em operações contra *Abd-El-Krim*. Permaneceu até 1930 em *Marrocos*, onde por ultimo exerceu a chefia do Estado Maior de *Marrakech*.

Em Abril de 1930, o Ten. Cel. Langlet chegou ao Brasil, como membro da M. M. F., para dirigir o ensino de Tactica de Infantaria da *Escola do Estado Maior*. Os trabalhos, que realizou com os officiaes alumnos durante dois annos, deram-lhe o renome de professor dedicado e conhedor profundo de sua arma e tornaram o curso um completo estudo de casos os mais variados de Infantaria no quadro da Divisão. A par do emprego tactico, deu desenvolvimento, como base do curso, ás possibilidades do armamento e da technica de todos os meios da arma. Alem de estudioso dedicado dos assumptos militares, era um devotado trabalhador em manobra e nos exercicios diarios sobre a carta.

Foi designado, em Janeiro de 1932, para o cargo de Director do Ensino Militar da *Escola Militar*, onde se conservou até Dezembro de 1933. A sua acção nesse estabelecimento foi de um relevo notavel e, sobretudo, proveitosa para seus professores, instructores e cadetes. Systhematizando o ensino tactico e technico militar, organizou programmas dentro de um quadro de conjunto commum a todas as armas, emprehendeu ininterruptamente a sua execução e, em todos os seus departamentos, orientou os trabalhos para um fim objéctivo, real e util ao futuro tenente de tropa. No dominio do Ensino Militar Theorico, onde a sua acção remodeladora se fez sentir profundamente,

deixou duas obras — “*A Batalha de St. Quentin-Guise*” e “*Curso de Emprego das Armas*” — que estão entre as melhores publicações destes ultimos tempos de nossa litteratura militar. Outro trabalho de relevo inconfundivel foi a manobra de *Rezende*, cujo relatorio é um verdadeiro livro contendo ensinamentos tacticos preciosos para a pequena unidade. Para melhor caracterizarmos a accão do Ten. Cel. Langlet nas grandes manobras da Escola Militar em 1933, transcrevemos o que foi sobre disso, em seu boletim escolar, o Commandante desse estabelecimento, Gen. José Pessoa:

“E de inteira justiça tornar publico os meus francos elogios ao Sr. Tenente Coronel PAUL LANGLET, Director da Manobra e do Ensino Militar, como guia seguro que o foi do Ensino Militar e das Manobras. Official brilhante, de fina inteligencia, trabalhador infatigavel, de aprimorada educação civil e militar, prestou á Escola, inestimaveis serviços que nunca será demais exaltar. Foi o principal factor da manobra. Concebeu-a e orientou-a com a visão da realidade que lhe deram a sua grande experienca e o conhecimento profundo dos methodos e dos objectivos da instrucción. Homem de tempora forte, enrijada na guerra, enamorado de sua profissão, o Sr. Tenente Coronel LANGLET, recem-operado e quando o seu estado de saude, aos olhos de todos, impunha serios cuidados, não exitou em abandonar os conselhos medicos e seguir para as Manobras. É um facto que aqui deixo registrado e que basta para destacar um chefe. Francez, afeiçou-se por tal forma ao BRASIL que tinha satisfação em proclama-la sua segunda Patria. Afóra outros motivos poderosos, talvez, ahí se encontre o segredo de sua dedicação sem limites ao preparo dos futuros officiaes de nosso Exercito. Esse, o homem que vimos, com saudade, após as manobras, partir para a sua grande Patria, deixando-nos, infelizmente, privados de sua sabia orientação.”

Ressignando á França, foi designado chefe da 4ª Secção do Estado Maior do 19º Corpo de Exercito, em Algèria, onde veio a falecer a 8 de Novembro ultimo.

O Chefe do Estado Maior do Exercito, registrando o falecimento do Tenente Coronel Langlet, assim se expressou:

“O Sr. Gen. Baudouin, chefe da M. M. F., acaba de comunicar o falecimento, em Alger, do Ten. Cel. Langlet, ex-Director do Ensino Militar da Escola Militar.

Este official que já havia prestado reaes serviços ao nosso Exercito achava-se indicado para voltar novamente ao Brasil na missão que deve iniciar o periodo do novo contracto.

Sua Exma. Viúva, em carta dirigida ao Gen. Baudouin manifestou a alegria com que, já doente, elle recebeu a noticia do regresso ao nosso Paiz “para trabalhar em ligação intima com os officiaes brasileiros, seus amigos”.

Lamentando a perda desse illustre camarada, o E. M. E. apresenta sentidos pezames á sua Familia e ao Exercito Francez, por intermedio do Chefe da Missão Militar”.

Sugestões

Os vencimentos dos sub-tenentes

Pelo 1.º Ten. Luiz Martins Chaves

A questão dos vencimentos militares vai se tornando, dia a dia, mais intrincada, diante das disparidades que os novos dispositivos vão criando, como contrapeso ao confusionismo reinante.

Agora mesmo apresenta-se, ao exame accurado das autoridades competentes, a situação dos vencimentos dos sub-tenentes.

Esses servidores do Estado, constituindo uma nova espécie dentro do gênero praça, até hoje, apesar dos trez regulamentos já expedidos com o fim de regularizar sua situação, não têm esta definida nem assentada.

Alhures, algumas palavras foram registradas sobre os direitos e obrigações que assistem aos sub-tenentes; agora a questão dos vencimentos é aqui aventada, considerando-se o problema sob dois aspectos oppostos, cujo estudo, de natureza complexa, merece a atenção dos poderes autorizados.

Pretendem os sub-tenentes estar amparados pelas disposições dos artigos 7.º da lei n. 5.167 A, de 12-1-1927 e 23 do decreto n. 23.347, de 13-11-1933. Essa pretenção funda-se num ponto de vista inteiramente falso, embora, dentro da lógica e da equidade, assista-lhes direito a pleitear, perante as autoridades administrativas, a concessão de determinadas vantagens estabelecidas em leis anteriores.

Allegam que, sendo praças de «pret», estão amparados pelas disposições do citado artigo 7.º da lei n. 5.167 A e, dessa maneira, nada mais consentâneo com a lógica e o bom senso do que a participação nas vantagens conferidas pelo ci-

tado artigo; quanto às vantagens do artigo 23, do decreto 23.347, são elas inherentes à existência do novo instituto, por isso o direito a elas referente é líquido.

Examinando-se a questão sob o aspecto jurídico e procurando-se apoio na teoria da cessação da eficácia das leis, chega-se à conclusão de que não lhes assiste direito ao recebimento das percentagens de 10 e 15% sobre os vencimentos, nos termos da referida lei, porque:

«A lei posterior revoga a anterior, expressamente, quando assim o declara, ou tacitamente, quando há incompatibilidade entre as respectivas disposições. Mas, se a segunda lei é especial, isto é, se dispõe para um caso particular, ou para um determinado instituto, entende-se que apenas abriu uma exceção à regra geral».

Não se trata de uma revogação expressa ou tacita, porque não há propriamente incompatibilidade entre a aplicação dos dispositivos do artigo 7.º da lei 5.167 A e a do artigo 23 do decreto 23.347.

Entretanto não se pode deixar de reconhecer que o decreto n. 23.347 dispõe para um caso particular e, portanto, abriu uma exceção à regra geral, criada pela lei n. 5.167 A.

«Quando a incompatibilidade se estabelece entre a lei, acto do poder legislativo e um regulamento ou decreto do poder executivo, prevalece o dispositivo da lei, ainda que anterior, porque somente

ella é a emanação directa do orgão a que a Constituição conferiu a faculdade de declarar o direito objectivo, de fixar as normas obrigatorias da actividade humana».

Eis outro ponto importante a considerar. O facto de haver emanado do Chefe do Governo Provisorio o decreto n. 23.347, não se pode deixar de nelle reconhecer força de lei, pois o poder legislativo desapareceu com a victoria da revolução de 1930, encerrando, portanto, em suas mãos, o Chefe do Governo, a dupla função de legislativo e executivo.

Portanto, dentro do aspecto juridico, não podem os sub-tenentes pleitear o direito.

Dentro do principio da equidade a questão encontrará razões fortes para discussões.

Si se considerar, para exemplificação, um sub-tenente e um sargento ajudante, ambos com mais de 15 annos de serviço e com 40 de idade, chegar-se-á, tomndo-se por base um mez de 31 dias, ás seguintes anomalias, quanto aos vencimentos dessas duas praças:

A) — Sub-tenente.

Soldo	466\$700
Gratificação	233\$300
Somma	<u>700\$000</u>
Contribuição para o montepio, na forma das disposições em vigor	15\$600
Prestação mensal da joia do montepio, de acordo com o artigo 28 do dec. n. 23.347	46\$700
	62\$300
	<u>637\$700</u>

B) — Sargento-ajudante.

Soldo	300\$000
Gratificação	150\$000
15 % sobre os vencimentos	67\$500
62 etapas á razão de 3800	<u>186\$000</u>
Somma	<u>703\$500</u>
Contribuição para o montepio	108000
	<u>703\$500</u>
	693\$000

Do exposto verifica-se que o sargento-ajudante vence a mais a quantia de 55\$800 no mez de 31 dias e 49\$800 no de 30 dias.

Durante 15 annos ou 180 meses o sub-tenente descontará, mensalmente, a quantia de 46\$700 para a joia do montepio; analysando-se a questão dentro dos moldes do exemplo, o sub-tenente de tropa será reformado compulsoriamente, continuando a pagar a pesada joia durante ainda 7 annos, após a reforma.

Em quanto isso se dá o sargento-ajudante continuará percebendo os vencimentos de 700\$000 mensaes até completar 25 annos de serviço, quando será reformado com o soldo de 2º tenente, tal qual o sub-tenente.

Até hoje não alcancei a finalidade da lei que gerou essas disparidades; é possível que essa finalidade seja elevada, mas, talvez por isso mesmo, foge á minha curta observação.

Os dois casos acima estão especificados dentro dos principios legaes; formam o primeiro aspecto. Os exemplos abaixo tratam do caso em oposição á lei objectiva.

A) — Sub-tenente.

Soldo	466\$700
Gratificação	233\$300
15 % sobre os vencimentos, si lhe fossem aplicados os dispositivos da lei 5.167 A, artigo 7º	<u>105\$000</u>
Somma	<u>805\$000</u>

Contribuição para o montepio	15\$600
Prestação mensal da joia do montepio, de ac- cordo com o artigo 28 do dec. n. 23.347	<u>46\$700</u>
	<u>62\$300</u>
	<u>742\$700</u>

B) — Sargento-ajudante.

Vencimentos e vanta- gens, líquidos	693\$500
--	----------

Do exposto verifica-se que o sub-tenente venceria a mais a quantia de . . . 49\$200, si lhe fossem applicados os dispositivos do artigo 7.^o da lei n. 5.167 A, de 12-1-1927.

Trata-se, neste ultimo caso, de procurar amparo no principio de equidade, na justiça natural, até que os poderes competentes dêm forma, objectivem um direito que existe em substancia.

Mesmo que se considerasse o sub-tenente com mais de 25 annos de serviço e 40 de idade elle perceberia a mais, em relação ao sargento-ajudante do caso citado, apenas a quantia de 14\$200, adicionando-se aos vencimentos cinco quotas de 2 % sobre cada anno excedente de 20, ou 70\$000; continuaria ainda a descontar, durante sete annos, depois de reformado, a prestação correspondente á joia.

* * *

Visto o caso dos vencimentos dos sub-tenentes, em relação aos dos sargentos-ajudantes, é aqui ainda focalizada uma importante parte do assumpto geral.

Considerando-se agora um sub-tenente com mais de 25 annos de serviço, si se pudesse applicar-lhe os effeitos do artigo 7.^o da lei 5.167 A, perceberia mensalmente:

Soldo	466\$700
Gratificação	233\$300
2 % de acordo com o artigo 23 do decreto n. 23.347	70\$000
15 % sobre os vencimen- tos, si lhe fossem ap- plicados os dispositi- vos da lei 5.167 A, artigo 7. ^o	<u>105\$000</u>
Somma	875\$000

Contribuição mensal para
o montepio 15\$600

Prestação mensal para a
joia do montepio . . . 46\$700 62\$300 812\$700

Considerando-se que um segundo tenente recebe, mensalmente, a quantia líquida de 733\$300, verifica-se ainda que, si aos sub-tenentes fossem applicadas todas as disposições da lei 5.167 A, elles passariam a vencer a mais que um segundo tenente, mensalmente, a quantia de 79\$400, sem se levar em conta as despesas forçadas que decorrem da representação a que não pode fugir o oficial de patente.

Finalizando:

É justo que um sargento-ajudante ganhe mais que um aspirante a official e, em consequencia, que um sub-tenente?

São justas as disposições que regem o instituto dos sub-tenentes?

Resolvida favoravelmente aos sub-tenentes a questão, é justo que passem a ganhar mais que um official de patente?... e aqui a questão se apresenta sob outro aspecto.

«Secundum allegata et probata judex
judicare debet».

São Paulo, 1934.

Atritos, imperfeições e lacunas regulamentares

Pelo Cap. Altamiro Braga

Do Centro de Instrução de Artilharia de Cosfá

Ignoro si a distincta Comissão da E.A. encarregada de rever, ampliar, etc., certos regulamentos da Arma de Artilharia, entre elles o Annexo I, já terminou seu trabalho, entregando-o ao E.M.E., visto como, até o presente momento nada foi publicado sobre o assunto.

Si ainda não o fez, sirva o presente artigo como um modesto e espontaneo subsidio aquelles collegas na parte que lhes possa interessar.

Si o fez, ainda em nada perde elle o sabor, por quanto, não tendo vindo á luz o seu trabalho, servirá talvez este de motivo a que outros camaradas o criticando, apresentem sua opinião. Debatida, portanto, a questão, poderá ser aproveitada alguma coisa pela referida Comissão ou pelo proprio E.M.E. antes de sua publicação. Segundo soube, era intenção deste ultimo enviar aquelle trabalho aos corpos para que, pelos varios Officiaes, fossem apresentadas sugestões. Caso affirmativo, será o presente, em certa parte, uma antecipação ao desejo do E.M.E. e uma insignificante colaboração, talvez utilisavel.

Com a publicação do R.E.C.I. (1932) o Annexo I do R.E.E.T.A., que, em traços geraes, se assemelhava ao que, nessa parte da instrução, era feito na arma irmã Infantaria, ficou apresentando bastantes differenças.

É de toda vantagem e facilmente aceito por todos que deva ser a Rainha das Armas quem dite a moda ás suas irmãs, na sua especialidade.

Não se comprehende que ella faça seus movimentos, conversões, etc. de um modo e as outras armas, na Instrução a pé, ou melhor dizendo «na de Infantaria» executem o mesmo, de outra fórmula.

Exemplifiquemos:

1.º — Manda o R.E.C.I. que todos os Commandos, embora a tropa já em marcha sejam executados á voz de Marche! o que se não verifica no Annexo I.

Embora pleonasticamente empregado quando a tropa já marchando, admitté-se, pela necessidade de unificar e uniformizar os commandos nos dois casos e permitir simultanea execução dos mesmos pelos soldados, o que se não verifica sendo o commando feito pelo que determina o Annexo I.

Assim é preferivel:

Sem cadencia — Marche!

a

Sem cadencia!;

Fóra de fórmula — Marche!

a

Fóra de fórmula!, etc.

2.º — Prescreve o R.E.C.I. a voz Ultima fórmula! quando se quer executar novamente um exercicio qualquer feito com imperfeição ou erroneamente.

O Annexo I não fala absolutamente desse caso muito commum que, aliás, na maioria das vezes, o instructor pode corrigir por um movimento contrario, com a vantagem da repetição do exercicio sem a volta á posição anterior, a qual, a observação indica, é sempre feita com desleixo, moleza e certa repugnancia por parte dos instruendos. Ocasões ha, porém, que a natureza do terreno ou mesmo do exercicio não permite a correção daquella fórmula, sendo imprescindivel o commando de Ultima fórmula! razão pela qual julgo dever constar essa voz do Annexo.

3.º — Assim tambem o Annexo não consigna a voz de Acelerado! — Marche!

partindo do passo ordinario, nem a oscilação dos braços durante o Marcar passo!

São duas lacunas a preencher.

4.º — A execução do Alto! requer uma uniformização.

O Annexo manda ser dada a voz quando o pé *direito* assentar no terreno, sendo dado então mais *um* passo.

O R.E.C.I., quando o pé *esquerdo* assentar, dando mais *dois* passos.

Não sei a razão pela qual o R.C.E.I. modificou o que era feito, para *dois* passos. Talvez para dar tempo ao executante de entender completamente o que vai executar, sem vacilações. Julgo, porém, que para a *belleza* da execução é preferível *um* passo, sendo a voz dada ao assentar o pé *direito*, pois que, assim não é perdido tempo e os commandos podem ser dados na cadencia do passo ordinario.

Ex.: Escola (ou fracção qualquer) Alto! A voz de advertencia ao ser assentado o pé esquerdo e a de execução o *direito*. Fica *mais bonito* e não se perde tempo. Emfim, a questão é haver uniformidade. Qualquer dos caminhos levará á Roma.

Precisa igualmente ficar claro, antes de ser feito o giro do corpo, *de quanto* avança o pé que vai á frente do corpo, pois o Annexo prescreve *um* passo e o R.E.C.I., indeterminadamente manda *um pouco*. Julgo a razão com o Annexo. Tambem não é dito qual o pé que continua a marcha, o que será bom acrescentar, embora, racionalmente seja subentendido dever ser o da retaguarda.

5.º — Apresentar arma, partindo da posição de hombro arma—Hombro Arma — partindo da posição de apresentar arma. Precisam ser revistos, no Annexo, igualando o que determina o R.C.E.I..

6.º — Arma Suspensa! Determina o R.E.C.I. que a parte média do antebraço direito seja apoiada ao quadril, ao envez do punho, como manda o An-

nexo. É mais pratico e facil de executar, apesar de menos estheticoo.

Para sua execução tenho visto fazer, embora não seja o que o R.E.C.I. prescreve o seguinte que facilita e uniformiza a instrucção:

— quando dada a voz de advertencia Arma suspensa! não ser esse movimento executado á ultima silaba da voz e sim quando fôr dada a de Ordinario! (que no caso não obriga a fazer Hombro Arma!, pois significa apenas a cadencia) ou, *Sem Cadencia*, rompendo-se a marcha com a de *Marche!*

7.º — Oscilação dos braços durante a continencia, em marcha.

a) — R.E.C.I..

Olhar á direita (esquerda)! — (soldado armado de fuzil) — Manda girar a cabeça energeticamente para o lado indicado sem desviar a linha dos hombros e *sem modificar a posição*. Consequentemente, o braço *direito* continua a oscilar naturalmente.

b) — Annexo I — R.I.R.D. — R.E.C.I.

Sentido, Olhar á direita (esquerda)! (militar armado de espada).

Dizem esses regulamentos que deve ser tomada a posição determinada para voz de *Sentido*, lôgo, *para a oscilação do braço direito*.

Foi esquecido dizer que a cabeça devia girar para o lado indicado.

c) — R. Continencia — Continencia individual.

1 — Desarmado.

Prescreve que, *durante a continencia em movimento cessa a oscilação do braço esquerdo*.

2 — Armado de fuzil, espada desembainhada (ou sabre facão), lança.

Para falar a um superior ou passar por elle, *não altera a posição em que estava a arma, faz a continencia sem o gesto da mão direita*.

Si está de espada embainhada faz a continencia como se estivesse *desarmado*, tirando a espada do gancho para segurar-a na posição de sentido.

No 1.º caso nada fica esclarecido se para ou não a oscilação do braço direito.

No 2.º caso, está evidente o gesto da mão direita e a cessação do movimento com o braço esquerdo.

Sou de opinião e estou certo que também o serão todos aquelles que attentamente já observaram a cerimonia de um Compromisso de Recrutas (Juramento á Bandeira) que deve ser proscripta a immobilização dos braços em marcha, quer estejam as praças armadas ou desarmadas. Não é possível um individuo marchar, correcta e garbosamente, tendo o braço unido ao corpo, sem oscilar. Naquella cerimonia apontada, observa-se o aspecto grotesco e constrangido dos homens que se assemelham a automatos ou bonecos.

A redação da maneira de executar esses movimentos deve ser perfeitamente clara, de modo a não permitir duvidas ou interpretações varias

8.º — Manejo da espada.

a) — Sentido.

i — R.E.C.I.

— Elaborado esse regulamento na vigencia da 1.ª edição do plano de uniformes, que adoptava o porta espada, tanto na posição de *Sentido!* (espada embainhada), quanto em marcha, a espada (bainha) é mantida na posição vertical.

É logico que, tendo sido extinta aquella peça do cinto-talabarte, não deva permanecer a espada (bainha) naquella posição.

Introduziu o R.E.C.I. a posição de *Sentido!*, com a espada desembainhada (colocando-a ao lado direito, com a ponta no chão) por analogia com o manejo do fuzil. Offerece, de facto, uniformidade na execução dos commandos da-

dos para uma tropa, em que ha estas duas armas (Officiaes e praças).

Contraria porém o que prescreve o n.º 14 que diz: á voz Em continencia ou em *Sentido*, o official toma a posição de Hombro Arma !

É uma pequena incoherencia, pois si, de espada desembainhada, a posição de *Sentido* é a discriminada acima, deveria ser ella a tomada, quando em marcha á voz de *Sentido*. É no entretanto, aceitável, em vista das innumeras outras vantagens decorrentes do seu emprego e por não haver outra posição a adoptar e com a perfeição desejada.

b) — Hombro arma! — Perfilar espadas; Apresentar arma — Apresentar espadas!

Só ha vantagem em ser adoptada a 1.ª forma indicada no R.E.C.I. para uniformidade dos commandos e sua execução.

c) — Descansar arma!

Prescripta pelo R.E.C.I., pelas mesmas razões da voz de *Sentido* (espada desembainhada), corresponde, no final de sua execução, a esta ultima.

Por coherencia, deve substituir a posição de descansar Espada! contida no Annexo, que passará a ser a posição a tomar á voz de *Marche!*

2 — Annexo I — A posição de *Sentido* (espada embainhada) consignada neste Regulamento é a que deve ser adoptada, devendo porém ficar dito, claramente, que a aresta posterior da bainha descansa sobre a mão, entre o polegar e o indicador, pois, como está redigido o paragrapho, também pode a mão esquerda segurar a espada cobrindo a aresta anterior, continuando o polegar entre a bainha e o corpo.

Para iniciar a marcha, o Annexo manda inclinar levemente a guarnição da espada para a *retaguarda*.

Deve este ser retificado, mandando-se inclinar a guarnição para a *frente*.

9.º — Regulamento de Continencia.
Distancia e duração da continencia.
Commandos.

De modo geral, a continencia é iniciada a 5 e terminada a 3 passos.

Porque preceitua esse Regulamento que no encontro de 2 forças (ou de uma força com uma autoridade superior á de seu Cmt.) o Cmt. menos graduado manda Sentido! e Olhar á direita (ou esquerda) á distancia de 10 passos e Olhar frente após ter cruzado 5 passos o outro Cmt. ou autoridade superior?

Tambem as distancias de 50 e 10 passos para Officiaes Generaes. — É mais logico e uniforme ser, em toda situação, observada a regra geral.

Do mesmo modo a questão do inicio e terminação da continencia por duas tropas que se encontram, é de difficult execução e comprehensão.

A pratica demonstra quão difficult é, a um Official distinguir rapidamente si o Cmt. da força que elle encontra é ou não mais graduado que elle. Nem sempre o Cmt. marcha á frente da tropa ou em lugar fixo (caso geral, quando não se trata de um desfile, parada, etc.). Portanto, somente ao seu defrontarem os Cmts., poderão os mesmos se reconhecer. Nem mesmo a hypothese de que, pela avaliação do effectivo da força, se pode deduzir seu Cmt., é plausivel, pois, em se tratando de *Escolas*, pódem ser indifferentemente commandadas por 1.os ou 2.os Tenentes.

Julgo seria mais acertada uma das seguintes suggestões:

a) — ser a continencia sómente feita de Cmt. a Cmt., partindo do menos graduado, após o *reconhecimento*.

b) — Ser a mesma apenas feita pela tropa sob o commando do menos graduado, correspondendo o superior e não se manifestando sua tropa.

São justificadas estas duas suggestões, baseando-as e assemelhando-as, res-

pectivamente, a proprios dispositivos regulamentares;

a) — a força é synthetisada em seu Cmt. (n.º 34). A este portanto deve a continencia ser dirigida.

b) — quando um militar encontrar uma tropa cujo Cmt. tenha graduação igual á sua, ou maior, fará continencia unicamente ao Cmt.. Este responde e a tropa *não se manifesta* (n.º 23).

Para isso, porém, é necessario suprimir do n.º 34, no fim do periodo, as palavras «e a outra força».

10.º — Guarda da Bandeira.

a) — R.I.R.D. — Em o n.º 11 diz esse Reg. será a bandeira em todas as ocasiões escoltada por 2 sargentos collocados á direita e esquerda do porta-bandeira, sendo este pelo n.º 18 *um official*; já o n.º 25 determina que seja o *Secretario* da unidade, ou sem seu impedimento o *Subalterno mais moderno*.

b) — R.E.C.I.. Em seu Annexo n.º 4, declara que o porta-bandeira será sempre o *Official ou aspirante a official combatente mais moderno* do corpo, ou *qualquer official combatente escalado*, si formar apenas parte do corpo.

A guarda da Bandeira é formada do 2.º Sgt. arquivista e 4 soldados escolhidos entre os melhores da cada Btl. e da Cia. M.P. ou em cada Cia., nos B.C., ficando o porta-bandeira no centro da 1.ª fileira coberto pelo 2.º Sgt. sendo a formação do conjunto por 3.

Será util harmonisar os dois Reg.. Melhor seria dizer para o porta Bandeira: *Official subalterno sem função de commando*. Para a guarda parece ser mais conveniente a 2.ª das formulas, visto ter a 1.ª o inconveniente de utilizar 2 Sgts. e ser menos imponente e aquella, a vantagem de servir de estímulo ao optimo comportamento e devotamento á instrucção, pondo em evidencia os melhores soldados.

11.º — Solicitação de licença ao superior para falar ao menos graduado.

Um habito arraigado actualmente nos corpos, é o de qualquer praça que deseja falar a um official, graduado ou mesmo outra praça, na presença ou no local em que se encontre um superior aquelle a quem quer se dirigir, pedir ao superior *licença* para falar ao menos graduado.

Isto aberra de todos os principios de subordinação hierarquica e ética militar, pois o normal é vir-se *de baixo para cima*, pelos *canaes* competentes ou *tramites legaes*, segundo as formulas regulamentares. Assim a praça que quer se dirigir ao Commando do corpo, vae ao Cmt. da Sub-unidade, depois ao Sub-Cmt. e finalmente ao Cmt..

Parece tratar-se de uma má interpretação do n.º 38 do art. 338 do R.I.S.G. que veda ao militar «penetrar sem permissão ou ordem, em aposento destinado a superior ou onde este se encontre, bem como em qualquer outro lugar cuja entrada lhe seja vedada». O racional é o militar que desejar falar a outro, estando este em um aposento ou em uma reunião em que se encontre superior do 2.º, pedir permissão para entrar ou interromper a conversa, com o classico «Com licença» e dirigir-se ao militar a quem deve falar.

Si estiver entre elles algum que, por força de função, seja intermediario entre o que chega e o visado por este,

deve o militar se dirigir a elle e pedir licença para falar ao superior e nunca o contrario como é feito.

Ex.: Encontram-se juntos o Cmt. do corpo, o Sub-Cmt. e o Cmt. duma sub-unidade. Aproxima-se um Sargento dessa sub-unidade para falar ao Sub-Cmt.. O correcto, salvo melhor juizo, parece ser dirigir-se elle ao Cmt. disendo «Com licença» afim de interromper a palestra. Em seguida dirigir-se ao seu Cmt. de Sub-unidade e pedir licença para falar ao Sub-Cmt. dizendo-lhe o motivo, si fôr um pedido.

Aquelle procedimento, conforme já disse, parece decorrer da má interpretação da transgressão aludida, o que, analogamente, acontece com o n.º 16 do R.Cont. que é sempre interpretado como devendo o militar que entra num hotel, sala de diversões, etc., onde já estiverem superiores seus, pedir licença para se sentar, coisa que absolutamente não está escripta.

Como estes, muitos outros pontos poderia abordar, o que me faria extender em demasia estas suggestões. Estes são, porém, os que mais me chamaram a attenção na leitura continua dos varios regulamentos que possuimos consignando coisas iguaes, feitas de modos diferentes, quando mais pratico seria uma especie de Vade-mecum a utilizar por todas as armas, contendo aquillo que não fosse, tecnicamente, privativo de cada uma.

«A Defesa Nacional»

A verdadeira força de um exercito reside na consideração de que nelle goza o seu general a qual apenas depende de seus talentos e que elle esperaria em vão conseguir de sua nobreza ou autoridade.

Machianelli (Florença, 1525).

Todos os cuidados que se deem á disciplina militar devem visar bem prepara-lo para dar batalha ao inimigo.

Machianelli (Florença, 1525).

Missão Militar Franceza

A renovação do contracto da Missão Militar Franceza é um acontecimento notável porque nos assegura o auxilio prezioso que nos vem prestando os mestres na preparação do Exercito, iniciada em boa hora, ha dezesseis annos.

Ninguem pode negar o acerto da medida. A dispensa da Missão, no momento actual, ainda é inopportuna, por constituir o abandono de um plano cuja realização não foi completamente consolidada, para permittir duração da obra construída. É bem verdade que a competencia e a dedicação da pleia de mestres de valor que a França nos mandou, por annos successivos, conseguiram realizar obra vultuosa de aperfeiçoamento technico-profissional dos quadros, tanto no tocante á direcção da tropa, como na dos serviços. Pelas diferentes Escolas e cursos, a quasi totalidade dos officiaes combatentes e dos serviços tem haurido solida messe de conhecimentos que lhes tornaram mais aptos no cumprimento das missões respectivas. Os benefícios colhidos, nesse particular, são enormes e indiscutiveis. E si maiores não foram, a culpa provem das perturbações que o Exercito tem soffrido em sua vida de 1922 para cá e da carencia de apparelhamento material que não permittiu completa applicação dos ensinos ministrados pelos mestres proiectos.

A deficiencia de recursos materiaes e de pessoal nos corpos de tropa, não permitindo a applicação integral dos ensinamentos colhidos nas Escolas, tem impedido que se consolidem as noções aprendidas e se desenvolvam os conhecimentos por meio da pratica. A cultura adquirida nas Escolas fica, quase que inteiramente, restricta ao dominio theorico, por não haver possibilidade dos officiaes lidarem com unidades e órgãos completamente organizados para a campanha. Eis a razão por que os officiaes, mesmo os mais applicados, ressentindo-se de experienza que sancione os conhecimentos theoricos, tem necessidade de procurar o apoio da opinião dos Exercitos realmente apparelhados e que adquiriram essa experienza no campo da lucta. Por isso, enquanto durar a nossa deficiencia de organização e de appare-

lhamento, os mestres francezes nos prestam serviço inestimavel, porque são a experienza viva da guerra e do trato de organizações militares completas, com todos os meios indispensaveis á guerra moderna. Representam conselheiros e consultores sempre a mão e mentores que evitarão as divagações fantasistas e muitas vezes prejudiciaes dos espiritos muito trabalhados pela theoria dos phenomenos.

* * *

Antes de 1930, nenhuma providencia fora tomada para preparar a extinção da Missão. Comtudo, os Chefes desta, desde os tempos do illustre General Gamelin, não se cançaram de chamar a attenção dos dirigentes do Exercito para o problema e de indicarem soluções convenientes. Tudo tem mostrado que os conselhos não foram seguidos.

A principal providencia consistia na formação de um quadro de professores e instructores, munidos não só de farta bagagem de conhecimentos como de solida pratica dos methodos e processos de ensino.

Em 1930, quando se pensou em dispensar a Missão, sentiu-se que não se dispunha de um numero sufficiente de professores e instructores aptos para substituir os francezes, sem solução de continuidade no ensino.

Havia officiaes profundamente conhcedores do seu «metier», mas poucos estavam habituados a ensinal-o a outrem. Mesmo dos que tinham servido como auxiliares de ensino dos professores francezes, poucos eram os que haviam gosado de iniciativa para exercitar as proprias possibilidades pedagogicas.

Felizmente, a renovação do contracto em 1931 enfrentou a solução do problema, pois, considerou como objectivo principal a formação de professores e instructores, que passariam a trabalhar, com iniciativa, sob as vistas e conselhos dos mestres francezes. Os resultados foram notaveis e em 1934 as Escolas tiveram os seus cursos ministrados exclusi-

vamente por officiaes brasileiros, sem que os mesmos se afastassem dos moldes traçados anteriormente pelos predecessores franceses.

Mas o numero de officiaes que praticaram como professores nestes dois ultimos annos é insignificante e persiste a difficultade de substituição dos que não possam continuar na função por outros que tenham sido tambem formados sob as vistas dos mestres.

Accresce que a presença dos abalizados profissionaes franceses será de vantagem, durante muito tempo, não só para dirimir duvidas que só a sua experiença pode esclarecer, como para constituir o fio conductor que nos manterá ao par dos progressos da organização militar da França, fio conductor que deverá ser dobrado pelos nossos companheiros que se aperfeiçoarem nos Exercitos Europeus.

* * *

Por força de suas obrigações no exercito de seu paiz, nos deixam todos os actuaes membros da Missão, dos quaes varios contam uma permanencia de mais de oito annos entre nós.

«A Defesa Nacional», que se tem batido ardorosamente pela obra da Missão, que se tem honrado com a sympathy e colaboração efficiente de quase todos os seus membros, sente-se com autoridade para manifestar aos dignos mestres que agora nos deixam o reconhecimento dos officiaes brasileiros pela obra grandiosa e honesta que realizaram durante a longa permanencia entre nós.

Os nomes de Baudouin, Corbé, Collin, Carpentier, Fay, Vigon, Moulin e Lameirac serão sempre lembrados com carinho, ao lado dos Gamelin, Hutzinger, Spire, Derougemont, Hughes, Pascal, Chabrol, Barrand, Langlet, Panchaud, Jauneaud, Dumay e varios outros. Foram nossos bons amigos porque nos foram uteis.

BANCO DO BRASIL — RIO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

Com juros (sem limite)	2 % a. a.
Depósito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data da abertura.	
Populares (limite de Rs. 10:000\$000)	3 1/2 % a. a.
Depósito inicial Rs. 100\$000. Depósitos subsequentes mínimos Rs. 50\$000. Retiradas mínimas Rs. 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excedentes ao limite, e c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os chéques desta conta estão isentos de sello desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.	
Limitados (limite de Rs. 20:000\$000)	3 % a. a.
Depósito inicial Rs. 200\$000. Depósitos subsequentes mínimos Rs. 100\$000. Retiradas mínimas Rs. 50\$000. Demais condições identicas aos Depósitos Populares. Chéques selados.	
Prazo fixo de 3 a 5 meses 2 1/2 % a. a. — de 9 a 11 meses 3 1/2 % a. a. de 6 a 8 meses 3 % a. a. — de 12 meses 4 % a. a.	
Depósito mínimo Rs. 1:000\$000.	
De aviso	3 % a. a.
Aviso previo de 8 dias para retirada até 10:000\$000, de 15 dias até 20:000\$000, de 20 dias até 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$000. Depósito inicial Rs. 1:000\$000.	
Letras a premio - (Sello proporcional) Condições identicas aos Depósitos a Prazo fixo.	

Bibliographia

ORDEM UNIDA — Bibliotheca de Cultura Militar.

O Capitão Nelson Demaria Boiteux acaba de lançar á venda o livro de sua autoria — «Ordem Unida».

Escola de disciplina a Ordem Unida age no quadro de preparação militar como factor de summa importancia no desbastamento e na apresentação do soldado aos olhos do publico.

Em particular para o typo bisonho que constitue a maioria dos nossos homens e, de um modo geral, para a massa de brasileiros, refractarios por indole e pelo ambiente aos principios de subordinação e ás attitudes desempenadas, a «Ordem Unida» é a medicina naturalmente indicada. Os preceitos regulamentares sobre o assumpto não são sufficientes; tornam-se precisos o methodo para obter rendimento, e a uniformidade dos detalhes, que os regulamentos não dão. É isto justamente que o autor busca alcançar, á força da sua observação, do estudo e da dedicação ao trabalho fructos de sua passagem pela E. S. I. (actual C. A. S.), o que julgamos ter alcançado.

É um livro que se recommends a todos os instructores.

FRANÇA

REVUE DE CAVALERIE — numero correspondente a Julho e Agosto.

Summario: — Gouvernons vers le large, par le Colonel Argueyrolles.

Occasions perdues, par le chef d'escadrons Gazin.

La cavalerie dans les opérations du Haut-Atlas (avril — agosto 1933) par le chef d'escadrons B.

Etude sur le franchissement d'un cours d'eau par une unité de dragons sortés, par le capitaine Robert Simon.

CHRONIQUE SPORTIVE — I, Les épreuves de dressage en 1934 — II, Les épreuves régionales de chevaux d'armes.

CHRONIQUE AUTOMOBILE — La valeur antidetonante des carburants, par le lieutenant Demetz.

CHILE

MEMORIAL DEL EJERCITO DE CHILE — (Julio - Agosto).

— Medios de transporte.

— El ejercito Japonês.

— La batalha aérea de Conflaus.

MEMORIAL DEL EJERCITO DE CHILE — Setembro - Outubro.

PERÚ

REVISTA MILITAR DEL PERÚ — Setembro.

SAN SALVADOR

REVISTA DEL CIRCULO MILITAR — Maio e Junho.

HESPAÑHA

REVISTA DE ESTUDIOS MILITARES — Julho e Agosto de 1934.

MEXICO

REVISTA DEL EJERCITO Y DE LA MARINA — Junho, Julho e Agosto de 1934.

EL SOLDADO — Maio e Junho.

EQUADOR

REVISTA MILITAR — Junho.

Artigos interessantes: — Balistica exterior applicada ao tiro de bombardeio de aviação; — A guerra do Chaco.

BRASIL

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR — Publicação da Intendencia do Exercito — Junho de 1934 — n.º 4.

Summario: — Riachuelo — (Editorial).

Reabastecimento em tempo de guerra — Cel. Ney de Carvalho.

Curso Technico de Material de Intendencia — Major Anapio Gomes.

Commentarios — Ten. Valeriano de Moraes.

Os Fiscaes Administrativos e o Serviço de Intendencia — 1.º Ten. Luiz Martins Chaves.

Os Estoques — Cap. A. Nogueira Junior.

A industria do couro e sua applicação no Exercito — 1.º Ten. Ismael Marques.

A favor do patrimonio nacional — 1.º Ten. Adm. Raymundo Camilo de Souza.

Importancia técnica da preparação dos alimentos — 2.º Ten. Arão de Araujo Coelho.

A questão dos Contadores Technicos — 1.º Ten. José Sales.

Diversas disposições em vigor para a legislação de contas, confecções de balancetes e administracção dos corpos de tropa e estabelecimentos militares — 1.º Ten. Cont. Astolio Ferreira.

Bibliographia — Redacção.

BOLETIM VETERINARIO DO EXERCITO — Agosto de 1934.

Summario: — Inspecção da carne (fim) — Ten. Alfredo da Costa Monteiro, da E. V. E..

Algumas notas sobre a hybridação — W. C. Fretz, da E. V. E.,

Botanica Veterinaria — A. J. Sampaio — Prof. de Botanica do Museu Nacional.

Inspecção de carne — o peixe fresco — Dr. Alvaro Ferreira Neves — Sub-Inspector do S. D. S. A..

Extração do cerebro e medula dos coelhos — Christiano Pires Marques, Alumno da E. V. E..

REVISTA MILITAR BRASILEIRA — numeros 1 e 2.

O TIRO DE GUERRA.

Artigos a ler:

Methodo de instrucção pratica (Trad. Gen. Pessage).

Pontes de circunstancia.

Exemplo de questionario organizado de accordo com o livro «Armas automaticas».

Os truques da espionagem

Defeitos physicos, que entristeceriam qualquer pessoa são as vezes recursos magnificos para um espião profissional.

Olho de vidro, perna de páu, cabeleira artificial, dentadura ou ponte e muitos outros artificios que mal desfarçam, substituem ou corrigem as falhas da natureza, constituem elementos de sucesso para um espião intelligente e audacioso; do mesmo modo podem servir-lhe, uma bengala, um guarda-chuva ou um simples tubo de aspirina.

Certas vezes um defeito physico vale muito ouro, por isso que num olho de vidro, numa chapa de dentadura, numa perna postiça, num canno de guarda-chuva, é possivel transportar mensagens, chroquis, photographias etc..

Conhece-se o caso de um espião russo que perdendo a cabeleira, porque lh'a tiraram ao transpôr a fronteira, tinha escriptas na calva posta a mostra cerca de 3000 palavras cuidadosamente desenhadas.

A utilidade da aspirina para esses indispensaveis collaboradores das segundas-secções dos E.M., está em que com ella se prepara uma tinta invisivel a olho nú. Assim em simples capsulas de aspirina lá vão desvendados os segredos que constituem em muitos casos a segurança de uma nação...

O serviço de contra espionagem deve ser bem mais habil e vivo que o dos espiões...

MINISTERIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

C R E A D A
PELO DECRETO
N. 22.894

DE 6 DE JULHO DE 1933



REGULAMENTADA
PELO DECRETO
N. 23.905 DE 22 DE
FEVEREIRO DE 1934

BOLETIM

OFICIAL

ANO I

NOVEMBRO - 1934

N. 8

Ata da decima segunda sessão da Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira.

As dezeseis horas do dia dezoito de outubro de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua sede a Diretoria da C.C.B. composta dos Snrs. Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente, Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil; Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º secretario; Dr. Leonidio Ribeiro, 2.º tesoureiro, representado pelo Snr. Vice-Presidente civil; Dr. Benjamim Rangel, vogal sobre concursos; ausentes os senhores Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.º tesoureiro e Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º secretario.

Estando presente a maioria dos membros, a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. 1.º secretario lê a ata da sessão anterior que é aprovada; em seguida lê o expediente que constou de grande número de ofícios enviados á C.C.B. e das respostas que ficaram arquivadas na Secretaria. O Snr. Presidente, declara não ter havido sessão de Diretoria na primeira quinta-feira de setembro, dia seis,

em virtude da impossibilidade material de tempo da sua parte como da do Snr. Vice-Presidente civil, pois tratavam no Gabinete do Snr. Ministro da Guerra e Chefe do Estado Maior do Exercito, da resposta ao convite feito pelo Governo Argentino de os receber como hóspedes oficiais, por motivo dos festejos que iam ser realizados em Buenos-Aires em homenagem ao Brasil, pela data de sua Independencia. Ainda o Sr. Presidente declara ter convocado uma sessão extraordinária para o dia oito de mesmo mês, afim de pôr os demais membros da Diretoria ao corrente da situação que não se realizou por falta de numero.

Em breves palavras, relata o Snr. Vice-Presidente civil, o convite feito pelo Governo Argentino, a viagem, as homenagens recebidas, as bases primárias já adotadas pela Federação Colombofila Argentina e Uruguaya, de 1.º congresso Sul Americano de Colombofilia a se realizar em Maio de 1935, na cidade de Buenos-Aires, congresso este idealizado por Exmo. Snr. Don Ramon J. Carcano, D.D. embaixador argentino, como dos resultados brilhantes das provas que foram disputadas pela F.C.A., para conquista da taça de prata e me-

dalha de ouro oficial, oferecidas pela C.C.B., que fora portador; terminando lê a ata lavrada na séde da F.C.A., que trata minuciosamente de todo o assunto relatado. Pede o Snr. Vice-Presidente civil, constar da proxima ata, o boletim oficial da C.C.B., o que é aprovado.

Lê o Snr. Vice-Presidente civil o pedido de demissão, dado o seu precario estado de saude, do Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.^º tesoureiro; ficando resolvido a nomeação do 1.^º Tenente contador Paulo Albuquerque Lacerda, Tesoureiro do Serviço Telegráfico do Exercito, para verificar a escrita, afim de ser dada a demissão pedida com completa quitação. Apresenta o Sr. Dr. Benjamim da Fonseca Rangel, seu pedido de demissão, como o Dr. Antônio Gomes de Mattos, devido exclusivamente a mal entendidos, que após plenas satisfações dadas a ambos, verbalmente e em oficio, pelo Snr. Presidente, foram retirados. O Snr. Vice-Presidente civil, péde autorização para encomendar á firma Henri Vercamert na Belgica, 6.000 (seis mil) anilhas de aluminio para o ano de 1935, como fixar a data da venda das anilhas de aluminio oficiaes, para o 1.^º (primeiro) de Janeiro de cada ano, visando o concurso oficial, para filhotes, o que é aprovado. Relata o Snr. Presidente o convite feito a F.C.A., afim de serem enviados dois delegados seus, que como hospedes do nosso Governo, assistirão a disputa da taça de prata e medalha de ouro, oferecidas pelo Ilmo. Snr. General Agostinho P. Justo, Presidente da Republica Argentina.

Lê o Snr. Vice-Presidente civil, as respostas enviadas pela Secção Colombofila da S.B.A., como pelo Clube Colombofilo Carioca, datados de 29 e 20 de agosto, ás consultas mandadas fazer pela Diretoria em sessão realizada em dezeses de agosto p.p., quanto aos associados e Diretores da Sociedade Colombofila Luso-Brasileira, após as quaes fi-

cou a mesma entidade, de conformidade com o resolvido pela Diretoria na mesma sessão, filiada em 6 (seis) de setembro, conforme oficio enviado.

Lê o Snr. Vice-Presidente civil, as sugestões quanto aos regulamentos para concursos e exposições oficiaes e particulares, enviados pelas entidades filiadas: Clube Colombofilo Carioca, Secção Colombofila da S.B.A. e Sociedade Colombofila Cruzeiro do Sul. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual eu 1.^º secretario, Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, lavrei a presente ata que vai assinada por mim juntamente com todos os membros presentes.

Rio, 1.^º de Novembro de 1934.

- (aa) *Luiz de Figueirêdo Lobo.*
- Arthur Joaquim Pamphiro.*
- Dr. Roberto de Freitas Lima.*
- Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.*
- Dr. Benjamim Rangel.*

Ata da decima terceira sessão da Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira.

Ás dezeseis horas do dia primeiro de novembro de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua séde a Diretoria da C.C.B., composta dos senhores: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente Militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil; Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, 1.^º Secretario; Dr. Antônio Gomes de Mattos, 2.^º Secretario; Dr. Leonidio Ribeiro, 2.^º Tesoureiro; representado pelo Snr. Vice-Presidente Civil; ausente o Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.^º Tesoureiro. Estando

presente a maioria dos membros, a Diretoria passou a deliberar.

Aberta a sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. 1.º Secretario lê a ata da sessão anterior que é aprovada. Em seguida lê o expediente, que constou de grande numero de ofícios enviados á C.C.B., e das respostas que ficaram arquivadas na Secretaria. O Snr. Presidente declara ter a Federação Colombofila Argentina, aceito o convite feito por si como pelo Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil, quando estiveram em setembro passado na grandiosa República irmã, e já ter o Ministro da Guerra argentino, General Manuel A. Rodrigues, designado o Tent. Cel. Manuel R. Thorne, secretario geral dos serviços de comunicações, para representar o Ministério da Guerra como a Federação Colombofila, nos certames a serem realizados em 15 de novembro proximo, em homenagem a Republica Argentina. Pede o Snr. Presidente, que lhe seja concedido autorização para lançar mão dos fundos da C.C.B., depositados no Banco do Brasil, caso seja necessário, para a recepção do ilustre hospede, o que é aprovado. Declara ainda o Snr. Presidente já ter sido elaborado por si e pelo Dr. Roberto de Freitas Lima, um programa oficial de recepção para o Ten. Cel. Manuel R. Thorne, D.D. representante do Governo Argentino, aprovado pelo Estado Maior do Exercito.

O Snr. Vice-Presidente Civil, põe sua limousine particular a disposição da C.C.B., para a recepção do ilustre Delegado.

Lê o Snr. Vice-Presidente Civil, as sugestões enviadas quanto aos regulamentos para concursos e exposições oficiais e particulares, pelas entidades filiadas: Sociedade Colombofila Paulista, Sociedade Colombofila Brasil, Sociedade Colombofila Pindense.

Lê então, o Snr. Presidente o ofício n.º 894 da Secção Colombofila da So-

ciedade Brasileira de Avicultura, datado de 30 de outubro, em resposta ao de n.º 136 da C.C.B., datado de 25 de outubro, no qual insiste a mesma entidade em dar novas sugestões, como pede explicações e esclarecimentos sobre grande maioria dos artigos dos regulamentos sobre exposições e concursos oficiais e particulares, propondo que sejam convocadas as entidades Clube Colombofilo Carioca, Sociedade Brasileira de Avicultura e Sociedade Colombofila Luso-Brasileira, para uma sessão no dia 7 de novembro, na qual os Snrs. Vice-Presidente Civil e 2.º Secretario, dessem todas as explicações sobre todos os artigos dos aludidos regulamentos, para que de uma vez ficassem os mesmos aprovados em definitivo, afim de serem impressos e distribuidos pelas entidades filiadas, como as entidades localizassem em mapa oficial, os pombaes de seus associados, afim de tornar possivel o julgamento do concurso oficial, e tomassem conhecimento das bases para a realização do concurso Caçapava-Rio, o que é aprovado.

Fixa o Snr. Presidente as diárias dos condutores militares, para os treinamentos e concursos, em dez mil réis para serviço de menos de doze horas, quinze mil réis para serviço de doze a vinte quatro horas, trinta mil réis para serviço de quarenta e oito horas, etc., o que é aprovado.

Para a realização do concurso oficial entre as entidades da Capital, a ser disputado em homenagem a Republica Argentina, em 15 de novembro proximo, entre Caçapava-Rio, ficou encarregado o Snr. Vice-Presidente Civil, Dr. Roberto de Freitas Lima, de determinar as bases, anilhar as aves, acertar os constatadores e relogios dos concurrentes, distribuir os juizes, embarcar as aves.

Propõe o Snr. Presidente delegar poderes as entidades de São Paulo, para

nomearem uma comissão mixta, composta de um membro de cada entidade, que de comum acordo e em perfeita unidade de vistos, realisem, sob as bases enviadas pela C.C.B. e elaboradas pelo Vice-Presidente Civil, o concurso oficial igualmente em homenagem a Republica Argentina, entre Rezende-S. Paulo, em 15 de novembro, o que é aprovado.

E, nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual eu 1.º Secretario Cap. Luiz de Figueiredo Lobo,

lavrei a presente ata que vai assinada por mim, juntamente com os membros presentes.

Rio, 22 de Novembro de 1934.

- (aa) *Luiz de Figueiredo Lobo.*
Arthur Joaquim Pamphiro.
Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.
Dr. Roberto de Freitas Lima.
Dr. Antonio Gomes de Mattos.

Material a venda na sede da C. C. B.

Anilhas de aluminio para o ano de 1935	(Mil)	150\$000	Impresso modelo n. 9	(10 folhas)	1\$000
Anilhas de borracha para concursos	(500)	35\$000	Impresso modelo n. 15	(10 folhas)	2\$500
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diario, Copiador, Entradas e saídas de materiais.....	(Total)	309\$000	Impresso modelo n. 17	(10 folhas)	1\$500
Impresso modelo n. 1.....	(10 folhas)	1\$000	Cadernetas modelo n. 4	(Uma)	4\$500
Impresso modelo n. 2.....	(10 folhas)	1\$000	Assinatura da "A Defesa Nacional", órgão oficial	(ano)	18\$00
Impresso modelo n. 7.....	(10 folhas)	1\$000	Manual Colombofilo Brasileiro....	(um)	8\$000
Impresso modelo n. 8.....	(10 folhas)	1\$000	Os pombos correios e a defesa Nacional	(um)	3\$000
				(Mais \$800 pelo correio).	
			Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira	(Um)	2\$000

Acaba de sair e se acha á venda na Redação desta revista:

Manual Colombofilo Brasileiro

pelo Dr. ROBERTO FREITAS LIMA,
vice-presidente da Confederação Colombofila Brasileira.

Preço 8\$000 (mais \$800 pelo correio)

MINISTERIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

C R E A D A
PELO DECRETO
N. 22.894
DE 6 DE JULHO DE 1933



REGULAMENTADA
PELO DECRETO
N. 23.905 DE 22 DE
FEVEREIRO DE 1934

BOLETIM

OFICIAL

ANO I

DEZEMBRO - 1934

N. 9

Grandes concursos colombofilos realizados no Brasil — Confraternisação Argentino-Brasileira.

Por ocasião da visita realizada pelos Major Arthur Joaquim Pamphiro e Dr. Roberto de Freitas Lima, respectivamente Presidente e Vice-Presidente da Confederação Colombofila Brasileira, em setembro passado á grandiosa Republica do Prata, por convite da Federação Colombofila Argentina, convidaram em sessão da mesma, em nome de nosso Governo e Confederação Colombofila, ao Presidente e a outro membro da C.D. da F.C.A., para como hóspedes oficiais, assistirem em novembro no Rio de Janeiro e em São Paulo, aos certames colombofilos que se iriam realizar em homenagem a Republica Argentina, em disputa de uma taça de prata e uma meda-lha de ouro, ofertas pelo Ilmo. Snr. Gen. Agostinho P. Justo.

Antes de regressarem de Buenos-Aires, os nossos Delegados fizeram sentir ao Ilmo. Snr. Presidente General Agostinho P. Justo, ao General de divisão Manuel A. Rodrigues, Ministro da Guerra, como ao Cel. José Maria Sarobe, Chefe do Estado Maior da Presidencia, o grande desejo de nosso Governo e Confederação

Colombofila, na presença de um Delegado pelo menos do Governo da República irmã, em novembro no nosso paiz. Assendendo ao convite, designou o Snr. Ministro da Guerra Argentino, o Ten. Cel. Manuel R. Thorne, secretario geral dos serviços de comunicações e quem actualmente vem presidindo a F.C.A., para representar o Governo, o Ministerio da Guerra e a Federação Colombofila, nos festejos que se iam realizar no Brasil.

Partiu o Delegado Argentino de Buenos-Aires, em companhia de sua dignissima esposa, D. Margarida Fabregues de Thorne, pelo Asturias no dia 10 de novembro, aqui chegando no dia 13, tendo sido recebido no Caes do Porto pelos representantes: Estado Maior do Exercito, Diretoria de Engenharia, Oficialidade do Serviço Telegrafico, Presidente e Vice-Presidente da Confederação Colombofila Brasileira, e delegado da F. C. A. no Brasil. Após os cumprimentos foram hospedados no Copacabana Palace Hotel. Dentre os festejos realizados, que faziam parte do programa oficial, cumpre destacar: recepções, do Presidente da Republica, Dr. Getulio Vargas; Ministro da Guerra, General Pedro Aurelio de Góes Monteiro; Chefe do Estado Maior do Exercito, General Benedicto

Olimpio da Silveira; Chefe do Estado Maior da Presidencia, General Panteão da Silva Pessoa; Diretor de Engenharia, General Horta Barbosa; Diretor de Aviação, General Eurico Gaspar Dutra; banquetes: oferecido pelo Serviço Telegrafico do Exercito e Confederação Colombofila, no Salão Luiz XVI do Copacabana Palace Hotel; pelo Snr. Ruysdael de Freitas Lima; pelo Dr. Roberto de Freitas Lima; pelo Embaixada Argentina; pela Snra. Magalhães Machado; pelo Snr. Luiz Llames. Estiveram presentes a estas solenidades, o Major Arthur Joaquim Pamphiro e Dr. Roberto de Freitas Lima, postos a disposição do digno Delegado pelo Estado Maior do Exercito; Major Francisco Fonseca, representante do E.M.E.; Cap. Armando Dubois, representante da Gabinete do Ministro da Guerra; Ten. Cel. Martim, adido militar argentino; Cap. Ten. Braun, adido naval argentino; Cap. Omar Barcellos, diretor do serviço radio; Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, secretario da C.C.B.; Cap. Hugo Pradal; Cap. Felicio dos Santos; Cap. Newton Couto; Ten. Nelson Lacerda; Cap. Raymundo Pinheiro Filho, pelo Clube Colombofila Carioca; Dr. Eduardo Duvivier, pela Secção Colombofila da Sociedade Brasileira de Avicultura; Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º secretario da C.C.B.; Dr. Olavo de Souza Aguiar; etc.; sessão extraordinaria e solene da Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira, na qual foram assinadas as bases do 1.º Congresso Sul Americano de Colombofila, que haviam sido assentadas no banquete oferecido pela Embaixada Argentina, sob a presidencia do Ilmo. Snr. Embaixador Don Ramon J. Carcano.

O programa oficial realizado em homenagem ao Delegado Argentino, Ten. Cel. Manoel R. Thorne, constou:

Dia 13

Recepção no Caes do Porto; hospedagem no Copacabana Palace Hotel;

apresentações ao E.M.E., Diretoria de Aviação, Diretoria de Engenharia, Gabinete do Ministro da Guerra; passeio pela cidade; visita a Feira de Amostras.

Dia 14

Visita as oficinas do Serviço Telegráfico; apresentação ao Chefe do E.M. da Presidencia; preparação das aves para o concurso Caçapava-Rio, na séde da C.C.B.; passeio pela Lagoa Rodrigues de Freitas, Chá no Sacopan, jantar na Cascatinha da Tijuca, volta pela Gavea.

Dia 15

Julgamento do concurso Caçapava-Rio na séde da C.C.B.; passeio ao Pão de Açucar, jantar na Urca.

Dia 16

Audiencia do Snr. Ministro da Guerra; passeio pela estrada do Christo Redentor, Tijuca, Chá nas Furnas, Estrada do Picapão, Jacarépaguá.

Dia 17

Passeio Leblon, Gruta da Imprensa, Chá no Joá, Avenida Niemeyer.

Dia 18

Banquete na residencia do Snr. Ruysdael de Freitas Lima; partida de Football no stadium do Fluminense; visita e ceia no casino da Urca.

Dia 19

Passeio a Petropolis, almoço na Cremerie, visita a Independencia, centro da cidade, castelo D. Manuel em Corrêas.

Dia 20

Audiencia do Ilmo. Snr. Presidente da Republica; visita detalhada do Museo Historico, sendo acompanhado pelo secretario do mesmo.

Dia 21

Visita ao Centro de Instruções de Transmissões, presente o comandante Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora e toda oficialidade; Escola de Artilharia, presente o Ten. Cel. Silvio Lourenço Schleider e toda oficialidade; Escola e Batalhão de Engenharia.

ria, presente e comandante Cel. Othon Oliveira Santos e toda oficialidade; visita a Escola de Belas Artes; concerto sinfonico no Theatro Municipal.

Dia 22

Visita a Escola de Aviação Militar, Campo dos Afonsos, presente o comandante Cel. Amilcar Pederneiras e toda oficialidade; almoço na Embaixada Argentina; Sessão extraordinaria e solene da Confederação Colombofila Brasileira.

Dia 23

Visita ao Centro de Instrução Física do Exercito, presente o comandante Major Raul Vasconcellos e toda oficialidade; visita ao Arsenal de Guerra, presente o comandante Cel. Arthur Silio Portella e toda oficialidade.

Dia 24

Visita as oficinas de «A Noite»; passeio ao Corcovado, chá nas Paineiras; banquete oferecido pelo Serviço Telegráfico do Exercito e Confederação Colombofila Brasileira, no qual foi entregue pelo Ten. Cel. Manuel R. Thorne, a taça de prata ao Dr. Olavo de Souza Aguiar, vencedor da prova Caçapava-Rio.

Dia 25

Banquete na residencia do Dr. Roberto de Freitas Lima; embarque em wagon especial, ligado no noturno, para São Paulo.

Dia 26

Recepção na estação do Norte pelas Diretorias das Sociedades Colombofilas de S. Paulo; passeio pelo centro da cidade; visita ao Instituto de Butantan, Fabrica de sedas, Fabrica de ferro esmaltado; almoço oferecido pelas entidades colombofilas de S. Paulo, no Edificio da Paulista; visita a 2.^a região do comando do General Amerio de Moura; visita as instalações da Água Branca, Monumento e Museo do Ipiranga. O Ten. Cel. Manuel R. Thorne, entregou durante o almoço a medalha de ouro ao vencedor do concurso Rezende-S. Paulo,

Snr. Angelo Villafraca Perez. Regresso em wagon especial.

Dia 27

Despedidas ao Snr. Ministro da Guerra, Chefe do E.M.E., Chefe do É.M. da Presidencia, Presidencia, Diretorias de Engenharia e Aviação; recepção na residencia da Snra. Magalhães Machado.

Dia 28

Manhã e tarde livres a pedido do Ten. Cel. Manuel R. Thorne; banquete na residencia do Snr. Luiz Llames.

Dia 29

Manhã e tarde livres a pedido do Ten. Cel. Manuel R. TRorne; embarque de regresso pelo Cap. Arcona, com a presença da Diretoria da C.C.B., oficialidade do Serviço Telegráfico do Exercito, representantes do E.M.E., Ministerio da Guerra, E.M. da Presidencia.

Os concursos colombofilos realizados em 15 de novembro, no Rio de Janeiro e em São Paulo, foram executados com grande brilhantismo, e primeiro, taça de prata, participaram 42 aves (limitadas em 5 para cada concorrente), local de solta Caçapava (258 quilometros), vencedor Dr. Olavo de Souza Aguiar da Secção Colombofila da S.B.A., tendo a ave vencedora apesar de forte vento de peito e flanco em todo trajeto, desenvolvido a velocidade media de 802 metros por minuto; o segundo, medalha de ouro, participaram 96 aves (limitadas em 5 para cada concorrente), local da solta Rezende (255 quilometros) Vencedor Sr. Angelo Villafranca Perez da Sociedade Colombofila Paulista, tendo a ave vencedora desenvolvida, apesar das condições atmosfericas desfavoraveis, 983,41 metros por minuto.

Concorreram ao concurso oficial na Capital Federal, as seguintes sociedades: Clube Colombofila Carioca, Secção Colombofila da Sociedade Brasileira de Avicultura, Sociedade Colombofila Luso-Brasileira.

Concorreram ao concurso oficial em São Paulo, as seguintes sociedades: Sociedade Colombofila Brasil, Sociedade Colombofila Paulista, Sociedade Colombofila Cruzeiro do Sul.

Foram os seguintes os criadores que disputaram o concurso Caçapava-Rio: Dr. Oswaldo Braga Sequeira, Dr. Benigno Sicupira, Dr. Olavo de Souza Aguiar, Snr. Pedro Saisse, Snr. Armando Isidoro, da S. Colombofila da S.B.A.; Cap. Raymundo Pinheiro Filho, Dr. Oswaldo Figueiredo, Ten. Jefferson Braune, Snr. Mauricio Feres, Snr. José Macedo, do Clube Colombofilo Carioca; Snrs.: Luiz Nogueira, Alberto Rodrigues, Isaac Mendes, Jayme Bastos e Miguel Lemos, da S.C. Luso-Brasileira.

Foram os seguintes os criadores que disputaram o concurso Rezende-S. Paulo: Dr. Joaquim Ramos, Waldemar Silva, José Rossi, Luiz Marino, Pedro Silveira, Roberto Silveira, Francisco Nigro, Bruno Poltronieri, Dacio Franco do Amaral, José V. Viadana, Agostinho Pastore, da S. C. Brasil; Angelo Villafranca Perez, Alvaro Carvalho, Antonio B. Campos, Rodolpho Sabanho, Biagio Meli, Francisco Pinheiro, Carlos Schmidt, Eugenio Fonseca, Durval Amorim, João Cunha, José Guimarães, da S. C. Paulista; John Hough, Oscar Rodovalho, José das Neves Pinhão, Ladislau Daumuchen, Ernesto di Tomaso, Heitor Soares, Paulo do Valle, Gino Isola, da S. C. Cruzeiro do Sul.

Encerrou com grande brilhantismo a Confederação Colombofila Brasileira, seu programa durante o ano de 1934.

Os concursos colombofilos oficiais realizados em setembro pela Federação Colombofila Argentina, e em novembro pela Confederação Colombofila Brasileira, com a presença de Delegados de ambos os países, nos quais foram disputados valiosos prêmios oferecidos ora pelo Governo Brasileiro, ora pelo Governo Argentino, mais uma vez e de

modo eloquente, demonstram os esforços feitos pelos Dirigentes das duas grandes Repúblicas Sul Americanas, pela união das mesmas.

* * *

Pontos de vista combinados entre a Federação Colombofila Argentina e a Confederação Colombofila Brasileira, para serem tratados no 1.º Congresso Colombofilo Sul Americano, a se realizar em maio de 1935 em Buenos-Aires.

Primer punto:

Sanción de una ley común a todos los países representados y de las provincias, estados e departamentos de los mismos, proponiendo una unificación del criterio con que se han de reprimir y pena la matanza y robo de palomas mensajeras.

Segundo punto:

Legislación sobre el permiso previo indispensable para la instalación de palomares, tendiente a evitar el aprovechamiento de comunicaciones secretas, por parte de personas enemigas del orden social establecidas en los países representados, reglamentando especialmente la tenencia de palomas mensajeras por parte de los extranjeros.

Tercer punto:

Celebración de exposiciones colombófilas en las capitales de los países concurrentes al Congreso.

Cuarto punto:

Fijación del tipo «Standard» que han de utilizar los jurados en dichos certámenes. (El Congresso fijará si se pone un tipo único e si dá un coeficiente favorable a determinados países).

Quinto punto:

Intercambio internacional de obras y publicaciones colombófila editadas en los países.

Sexto punto:

Instalación de palomares de remonta en los países que formen el Congresso para el intercambio de palomas entre los mismos y proveer de productos a los aficionados que los soliciten a las respectivas Federaciones, adaptando para la eliminación de las distintas razas (o Tipo) de un modelo de pedigree común.

Septimo punto:

Reglamentación de la educación de las palomas mensajeras, deliberando los fines de obtener de ella su conservación para el mayor rendimiento posible.

Octavo punto:

Creación de la Escuela Colombófila, acreditando su entidad para las distintas Federaciones que forman el Congresso.

Noveno punto:

Establecer el reconocimiento de los afiliados de otras Federaciones, que por motivo de traslado, se ausentaren de los países que forman el Congresso y que deseen continuar en su actuación de columbofilo, acordando el respectivo pase, facilitandole los respectivos Gobiernos los libres derechos de transporte de los afectos columbofilos.

Décimo punto:

Organización de los distintos países que formen el Congresso de concursos especiales con intercambio de premios y en homenaje a la Nación que los haja instituido.

Décimo primero punto:

Reglamentación de las normas y reglas de julgamiento para la clasificación uniforme de los concursos.

Décimo segundo punto:

Facilitar el intercambio de alimentación para las palomas por intermedio de las Cámaras de Comercio de los respectivos países bajo el control de las Federaciones Colombófilas, y libre de impuestos aduaneros é cualquier otro impuesto.

Décimo tercero punto:

Reconocimiento del anillo oficial de cada Federación Colombófila por los otros países a fin de que puedan participar en concursos para disputar premios.

Décimo cuarto punto:

Recomendar a los Gobiernos de los respectivos países la sanción de una ley por la que se facilite el transporte gratuito de las palomas y condutores.

Décimo quinto punto:

Que cada tres años se reuna un Congresso Colombófilo en el que se fijará la sede de la autoridad máxima que resolverá los asuntos y dificultades internacionales que pueden surgir, siendo las soluciones de este tribunal inapelables.

Décimo sexto punto:

Puedan ingresar a esta Confederación cualquier país de la América del Sur, con solo manifestar su adhesión a la Junta Directiva de la Confederación.

Décimo septimo punto:

Que ningún país podrá retirarse de esta Confederación sino solamente al terminar el mandato de la Junta Directiva.

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1934.

(aa) Manuel R. Thorne.

Arthur Joaquim Pamphiro.

Dr. Roberto de Freitas Lima.

Ata da Sessão solene e extraordinaria da Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira, realizada em homenagem ao Ten. Cel. Manuel R. Thorne, representante da Federação Colombófila Argentina.

Às dezenove horas do dia vinte e dois de novembro de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua sede a Diretoria da Confederação Colombófila Brasileira, por convocação do Senhor Presidente, composta dos senhores: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente;

Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente Civil; Cap. Hugo Antonio Pradal, representando o Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente Militar; Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario; Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º Secretario; Dr. Leonidio Ribeiro, 2.º Tesoureiro, representado pelo Snr. Vice-Presidente Civil. Estiveram tambem presentes os senhores: Ten. Cel. Manuel R. Thorne, representante da Federação Colombofila Argentina; Cap. Nelson Bandeira Moreira, representante do Estado Maior do Exercito; Snr. Luiz Llames, delegado da Federação Colombofila Argentina no Brasil; Cap. Newton Ribeiro do Couto, representante das oficinas de Transmissões.

Aberta a Sessão pelo Snr. Presidente, expõe os motivos da reunião extraordinaria e solene, de homenagear ao Ten. Cel. Manuel R. Thorne e de serem assinados os pontos de vistas combinados, que serão tratados no 1.º Congresso Sul Americano de Colombofilia, a se reunir em maio vindouro em Buenos-Aires.

Analisa o Snr. Presidente o concurso realizado no Rio, explicando a razão da prova igualmente realizada em S. Paulo, para a disputa dos premios oferecidos pelo Ilmo. Snr. Presidente da Republica Argentina, General Agostinho P. Justo, declarando ser o vencedor da primeira o Dr. Olavo de Souza Aguiar e da segunda o Snr. Angelo Villafranca Perez. Refere-se a grande honra que tem a Confederação Colombofila Brasileira de ter como hospede o Ten. Cel. Manuel R. Thorne, que além de representar a Federação Colombofila, é o representante do Serviço de Comunicações e do proprio Exercito da Nação irmã, e que estes poucos dias que o teremos entre nós é mais uma significativa demonstração da cordialidade de nossas relações e de estreitamento dos vinculos de nossa amizade. Em seguida convida o Ten. Cel.

Manuel R. Thorne para assumir a presidencia da sessão, como a mais alta prova de consideração que no momento poderia prestar-lhe a Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira.

Assumindo a presidencia, o Ten. Cel. Manuel R. Thorne em eloquentes palavras agradece todas as atenções que lhe foram conferidas pelo Major Arthur Joaquim Pamphiro e Dr. Roberto de Freitas Lima, respectivamente Presidente e Vice-Presidente da Confederação Colombofila Brasileira, externa ainda, os seus profundos agradecimentos por toda serie de gentilezas e atenções recebidas em territorio brasileiro desde a sua chegada, e em nome de Cel. Pedro J. Rocco, demonstra o sentimento de não lhe ter sido possivel vir pessoalmente ao Brasil, como era de seu maior desejo. Terminando declara estar o Serviço de Comunicações e Federação Colombofila Argentina inteiramente a disposição do Exercito Brasileiro, como declara sua grande satisfação de ser o portador dos retratos de Sua Excia. Snr. Presidente Agostinho P. Justo, do General Nicolas Accame, comandante da 1.ª Divisão, Cel. Pedro Rocco, chefe do S. de Comunicações, Cel. José Maria Sarobe, chefe do E.M. da Presidencia e o seu que oferecem a Confederação, com os votos de constante progresso.

Em seguida faz uso da palavra, o Dr. Roberto de Freitas Lima que agradece em nome dos demais membros da Diretoria as valiosas oferendas feitas pelo Ten. Cel. Manuel R. Thorne, e relembrando os fatos que antecederam a criação da Confederação Colombofila Brasileira, a aproximação que teve com o Cel. José Maria Sarobe e por seu intermedio com o Cel. Pedro J. Rocco, Ten. Cel. Manuel R. Thorne e todos os grandes vultos da colombofilia argentina, referindo-se a todos com expressões de reconhecimento e saudades. Relembra o trabalho feito pelos mesmos, como pelos Generaes:

Francisco Ramos de Andrade Neves, Pedro Aurelio de Góes Monteiro, Panaleão da Silva Pessoa, Benedicto Olimpio da Silveira, que redundou no maior cercamento e estreitamento de nossas amizades por mais este vínculo, A COMBOFILIA. Terminando pede a todos presentes que permaneçam de pé por um minuto em homenagem a estes grandes vultos, que infelizmente se achavam ausentes. Terminado o prazo, foram lidos os pontos de vista combinados entre a Federação Colombofila Argentina, representada pelo Ten. Cel. Manuel R. Thorne, e Confederação Colombofila Brasileira, representada pelos senhores Major Arthur Joaquim Pamphiro e Dr. Roberto de Freitas Lima, em reunião realizada no mesmo dia na Embaixada Argentina, sob a Presidencia do Ilmo. Snr. Embaixador Don Ramon J. Carcano. Terminada a leitura, foram assinadas pelos citados representantes tres vias dos referidos pontos.

E, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual eu 1.º Secretario, Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, avrei a presente ata que vai assinada por mim, juntamente com o digno representante da Federação Colombofila Argentina, Ten. Cel. Manuel R. Thorne os senhores Major Arthur Joaquim Pamphiro e Dr. Roberto de Freitas Lima, respectivamente Presidente e Vice-Presidente Civil da Confederação Colombofila Brasileira e Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º Secretario.

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1934.

- (aa) Luiz de Figueiredo Lobo.
Manuel R. Thorne.
Arthur Joaquim Pamphiro.
Dr. Roberto de Freitas Lima.
Dr. Antonio Gomes de Mattos.

Ata da decima quarta sessão de Diretoria da Confederação Colombofila Brasileira.

As dezesseis horas do dia seis de novembro de mil novecentos e tinta e quatro, reuniu-se em sua sede a Diretoria da C.C.B., composta dos Snrs.: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento Fernandes Tavora, Vice-Presidente militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil; Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario; Dr. Leonidio Ribeiro e Dr. Antonio Gomes de Mattos, respectivamente segundo tezoureiro e secretario, representados pelo Snr. Vice-Presidente civil; faltou o Snr. Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.º tesoureiro. Estando presente a maioria dos membros a Diretoria passou a deliberar. Aberta a sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. 1.º Secretario, lê a ata da sessão anterior, que é aprovada; em seguida lê o expediente, que constou de grande numero de ofícios enviados á C. C. B., como das cópias das respectivas respostas, que ficaram arquivadas na Secretaria. O Snr. Presidente pede que fique mencionada na presente ata, por não ter constado da ata da decima segunda sessão, a aprovação pela Diretoria, da apresentação de contas feita por si e pelo Snr. Vice-Presidente civil, das importâncias retiradas do Banco do Brasil pelos cheques numeros 851.872 - 851.873 - 851.874, em setembro passado, por ocasião da visita que fizeram á Republica Argentina, o que é aprovado. Apresenta ainda o Snr. Presidente, a prestação de conta da importância retirada do Banco do Brasil, cheque numero 851.875, conforme autorização que lhe foi dada pela Diretoria na decima terceira sessão, afim de atender as despezas a serem feitas com extraordinários na estadia do Delegado Argentino, Ten. Cel. Manuel R. Thorne, como com a encomenda de ma-

terial feita a firma Henri Wercamert na Belgica, o que é aprovado. Péde o Snr. Presidente retificação na ata da decima terceira sessão, a pagina dezesete, quinta linha, para: «oficiais e particulares, propondo o Snr. Presidente, que sejam convidados», o que é aprovado. O Snr. Vice-Presidente civil, declara terem sido todos os artigos e paragrafos dos regulamentos sobre exposições e concursos oficiais e particulares, lidos e explicados por si e pelo Dr. Antonio Gomes de Mattos, conforme determinação da Diretoria, na reunião havida a séde da Confederação Colombofila Brasileira em 7 de novembro p.p., aos representantes das entidades: Secção Colombofila da Sociedade Brasileira de Avicultura, Sociedade Colombofila Luso-Brasileira e Clube Colombofila Carioca, não tendo sido feita nenhuma modificação nos mesmos, como terem os representantes das aludidas entidades assinado os citados regulamentos, os aprovando. Propõe o Snr. Vice-Presidente civil, que seja consignado em ata um voto de louvor as entidades: Sociedade Colombofila Brasil, Sociedade Colombofila Paulista e Sociedade Colombofila Cruzeiro do Sul, de São Paulo, pelo modo sumamente gentil e altamente patriótico, com que realizaram, a recepção ao Snr. Ten. Cel. Manuel R. Thorne e sua senhora, como o concurso oficial Rezende-São Paulo, o que é aprovado por unanimidade. Lê

o Snr. Vice-Presidente civil, um pedido da Sociedade Colombofila Luso-Brasileira, afim de repetir o concurso Cruzeiro-Rio, sendo as passagens e condutor fornecidos pela C.C.B., o que é negado, por se ter levado em conta o já resolvido com o Clube Colombofila Carioca, quando fez identico pedido para o concurso Rezende-Rio. Lê ainda o Snr. Vice-Presidente civil outro pedido feito pela Sociedade Colombofila Luso-Brasileira, para não realizar os treinamentos que faltam para atingir a cidade de São Paulo, constantes de seu mapa de treinamento e concursos, declarando estarem as aves impossibilitadas de os executar por estarem em muda, o que é aprovado. Pede o Snr. Vice-Presidente civil a inclusão na ata, da presente sessão, da sessão solene realizada em homenagem ao Ten. Cel. Manuel R. Thorne, o que é aprovado.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual, eu, 1º Secretario, Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, juntamente com todos os membros presentes.

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1934.

(aa) Arthur Joaquim Pamphiro.
Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.
Luiz de Figueiredo Lobo.
Dr. Roberto de Freitas Lima.

Material a venda na séde da C. C. B.

Anilhas de alumínio para o ano de 1935	(Mil)	150\$000	Impresso modelo n. 9.....(10 folhas)	1\$000
Anilhas de borracha para concursos	(500)	35\$000	Impresso modelo n. 15.....(10 folhas)	2\$500
Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diário, Copiador, Entradas e saídas de materiais..... (Total)		309\$000	Impresso modelo n. 17.....(10 folhas)	1\$500
Impresso modelo n. 1.....(10 folhas)		1\$000	Cadernetas modelo n. 4.....(Uma)	4\$500
Impresso modelo n. 2.....(10 folhas)		1\$000	Assinatura da "A Defesa Nacional", órgão oficial.....(ano)	18\$000
Impresso modelo n. 7.....(10 folhas)		1\$000	Manual Colombofila Brasileiro....(um)	8\$000
Impresso modelo n. 8.....(10 folhas)		1\$000	Os pombos correios e a defesa Nacional.....(um) (Mais \$800 pelo correio).	3\$000
			Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira	2\$000